

P. o. hirs. 647.

C. J. ...
L. ...


Jan 29 Mai 1833.

Handwritten text, possibly a signature or date, located at the top of the page. The text is dark and appears to be written in ink on a light background.

O
CARAVANÇARA,
OU
COLLECCÃO
DE
CONTOS ORIENTAES,
TRADUZIDOS
DE
HUM MANUSCRITO PERSA.


L I S B O A ,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.


ANNO DE 1823.


**Vende-se em Casa de Rolland, Rua Nova
dos Martyres, N.º 10.**

BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.



O CARAVANÇARA,

O U

COLLECÇÃO DE CONTOS ORIENTAES.



INTRODUÇÃO.

Oito Viajantes Persas, não menos instruidos que opulentos, acabavaõ de chegar a hum dos melhores Caravanças (*) do Graõ-Cairo. Muito tempo havia que caminhavaõ juntos, tanto para divertir-se, como para instruir-se, contribuindo muito ao seu mutuo recreio e complacencia, a conformidade que se observava nas suas inclinações, educação, e classe; de maneira que desde o momento em que se haviaõ conhecido, se tinhaõ estimado, augmentando-se o

(*) Hospedarias vastas e publicas no Oriente, onde se alojaõ as Caravanas.

agrado do seu trato com a inteira confiança que entre elles reinava.

Muitas vezes para esquecerem as fadigas do dia, entretinhaõ-se francamente em amena conversaçãõ, e se por acaso se tornava menos interessante, algum delles a reanimava com alguma reflexãõ instructiva e agradavel, ou com alguma historia jocosa, ou moral, que dava lugar a alguns ditos, ora sérios, ora engraçados.

He indubitavel, que hum dos maiores e mais puros prazeres que podemos desfructar, he o da reuniaõ de pessoas que tenhaõ os mesmos principios, e as mesmas opiniões que nós: he entãõ a conversaçãõ huma especie de troca, em que naõ ha que recear passe alguma moeda falsa: cada qual diz o que sabe, naõ por fazer ostentaçãõ do seu saber, mas sim para ensinar amigavelmente aos outros o que elles ignoraõ: e quando nisto entra alguma malicia, naõ passa de hum gracejo, que diverte com a rizaõ, e recrea o engenho sem offender o amor proprio. Acabada a conversaçãõ, ri-se cada qual daquillo que o fez rir,

ou tambem medita naquillo que lhe deó que pensar ; esquece-se das paixões baixas e despreziveis que o atormentaõ a elle , e aviltaõ a especie humana : crê que todos os homens saõ bons , porque o saõ aquelles com quem trata.

Por tanto , depois que os nossos viajantes descansáraõ alguma cousa no Caravançara , assentáraõ que era já muito tarde para hir visitar os infinitos monumentos publicos que encerra em si a Cidade do Cairo , e conviéraõ entre si , que no dia seguinte se levantariaõ ao amanhecer , e sahiriaõ juntos a ver tudo quanto fosse objecto digno da sua curiosidade ; porém era preciso que estivessem seguros de que assim o fariaõ , pois se qualquer delles se obrigasse a velar toda a noite para acordar os outros á hora aprazada , podia render-se ao somno , e ficarem todos adormecidos até taõ tarde , que o calor os naõ deixasse sahir : e naõ se atrevendo elles a fiar isto de algum escravo , excogitavaõ o meio de que se valeriaõ , quando o mais moço lhes disse : — Que negocio taõ intrincado para nos dar tanto que

pensar! A noite está deliciosa; milhões de estrellas luzem no firmamento; corre hum vento fresco, que nos recrea com os mais deliciosos perfumes: vamos pois sentar-nos nos jardins do Caravançara, sobre a matizada alcatifa de hervas e flores, e ordenemos que nos sirvaõ alli huma cea esplendida, e em quanto nos formos saboreando na variedade de manjares, contemos cada qual por seu turno alguns Contos, pelo estilo dos que tanto nos divertiráõ durante a viagem; e deste modo he quasi impossivel que adormeçamos. — Quasi impossivel! disse hum dos companheiros com affectada gravidade: tanta confiança não tenho eu; não que duvide de modo alguma graça com que narraes os vossos Contos, pois estou certo que não dormirei em quanto com ficções agradaveis, e com engenhosas allegorias interesseis o meu coraçãõ illustrando a minha razaõ. Porém, pela parte que me diz respeito a mim, receio que me seja mais facil achar o segredo de adormecer-vos, que de desterrar de vós o somno.

Com o homem orgulhoso todos es-

taõ dispostos a manifestar orgulho ; porém com o modesto naõ ha quem o naõ queira ser ; por tanto quasi todos os companheiros foraõ do parecer do que acabava de falar , e disseraõ que se lhes queria dar huma tarefa superior ás suas forças. — Por vida de Mafoma ! replicou o moço , que ou eu me naõ expliquei , ou vós naõ me entendestes. Supponhamos pois , já que assim o quereis , que cada hum de nós adormeça o auditorio ; parece-me que pelo menos , aquelle a quem tocar contar o seu Conto naõ adormecerá : acabada a sua relação , acordará o que se lhe seguir ; e deste modo he indubitavel que sempre haverá hum acordado , e que todos o poderemos estar ao raiar da aurora.

Celebráraõ todos taõ feliz lembrança , approváraõ o pensamento , e cada qual disse lá consigo : talvez naõ seja eu o que faça dormir os outros ; e se tiver esta desgraça , consolar-me-hei do melhor modo que puder. Entre tanto mandáraõ levar a cea para hum dos bosquesinhos do jardim , ao pé de huma fonte , cujas bordas estavaõ guarnecidas

de odoríferas flores , e cujas cristallinas aguas reflectiaõ o azulado firmamento , o resplendor das estrellas , e o prateado disco da lua. Acabada a cea , trouxeraõ os escravos huns compridos cachimbos de madeira de áloes , e preciosos aromas , e depois se retiráraõ com todo o respeito.

Queriaõ ao principio que se deitassem sortes , para saber qual seria o primeiro que começasse ; porém conviêraõ por fim , em que fosse o mais anciaoõ , dizendo-lhe com graça : Melhor será que principieis vós , pois assim podereis dormir mais tempo , e sem receio de que vos interrompaõ antes de amanhecer. Naõ pôde deixar de consentir nisto o bom anciaoõ , e pousando o seu cachimbo sobre as flores , deo principio á sua relaçaõ , seguindo-o os mais companheiros até á hora aprazada.

Oito Contos seguidos , e os ouvin-tes naõ adormecêraõ ? perguntará o Leitor : o viajante que formou a Collecçaõ , assegura positivamente que naõ : e naõ será isto mais hum Conto que elle nos conta ? Elle porém pela sua par-

te diz que não pregou olho toda a noite : também o creio , e a sua paciência não deve causar-nos espanto , sabendo que elle se dizia neto do Sultão Schahriar , marido da Rainha Scheherazada , tão célebre pela sua afeição a toda a especie de Contos ; e assim tinha obrigação de sustentar o bom nome de seu avô , fazendo por imita-lo. Porém os Leitores , que não podem vangloriar-se de tão brilhante origem , he bem certo que não estão obrigados a ter a mesma paciência , nem tão pouco os sujeitamos a igual prova.



ABDELAZI,

o v

O NOVO DORMENTE ACORDADO.

O Califa Mahmum-ebn-Haroun occupava tranquillamente o throno de Bagdad, que o perfido e cobarde Amin, seu irmão, tinha perdido por não querer levantar-se do jogo em huma partida de Xadrez. Tomava hum dia Mahmum sorvete com o famoso Kedel-Heristan, conhecido em todo o Oriente pela sua sciencia quasi universal: escravos de todas as nações lhes serviaõ exquisitas conservas, e todo genero de doces: quadrilhas de Georgianas moças e formosas formavaõ voluptuosos bailes ao compasso de mil differentes instrumentos, e se esmeravaõ por agradar e alegrar o Califa, o que não succedia muitas vezes, por ser Mahmum de character sombrio, inquieto e desconfiado.

Acabado o banquete disse ao Doutor : « Kedel-Heristan, tu que viveste na Corte de meu Pai o Graó Haroun-al-Rashid, conta-me esta noite alguma das aventuras que lhe acontecêraó. » O Doutor para conservar alegre o Califa, lhe contou a historia do *Dormente acordado*, quasi como se lê nas *Mil e buma Noites*, de que Mahmun se rio muito, e como era tarde despedio o Doutor, e foi-se deitar.

Os diferentes licores que tinha bebido, o calor do dia que tinha sido muito forte, á cea, o baile e o Conto, cujas graciosas aventuras se reproduziaó na sua imaginaçáo, fizeraó com que não pegasse no somno durante muito tempo, pois sempre se lhe representava a historia do *Dormente acordado*, e quanto mais pensava nella, mais original e jocosa lhe parecia, dizendo elle lá com-sigo: « Muito havia meu Pai divertir-se com o espanto daquelle pobre homem, quando ao despertar vio que todos o saudavaó com o magnifico nome de Senhor de todos os Senhores. Que prodigioso effeito não deviaó produzir

nelle tantas grandezas, tanta riqueza, e tanta pompa, como as de que se via rodeado! Que alegria! Que sobresalto! Não sei na verdade como não endoudeceo. Muito me teria alegrado de estar presente. . . . Porém occorre-me huma idéa Quero fazer huma experiencia de outro genero. Sim, tenho curiosidade de ver como pensa, como fala, e como se porta hum homem que estando no cumulo da grandeza, se ache quando acordar, não em huma absoluta pobreza, porém em huma decente mediania: e quero fazer a experiencia no meu Graõ Visir, porque depois de mim he a primeira pessoa do Imperio, e porque não lhe falta orgulho, nem ambição. Parece-me que não deixará de sentir-se humilhado, e ter grande pezar de ver-se repentinamente cahido de toda a sua grandeza, sem nem sequer o ter podido antever ou suspeitar. Seja embora, muito me hei de divertir á sua custa. » Pensando nisto pegou no somno, e dormio a somno solto.

Abdelazi, este o nome do Graõ Visir, era hum dos homens de mais ta-

lento de toda a Corte, e ainda de todo o Imperio, e tinha dado mostras delle desde os seus primeiros annos: tinha de mais disso grandes conhecimentos em todas as sciencias, e tinha dado provas de extraordinario valor, e summa intelligencia na guerra, que Mahmum tinha sustentado contra os generaes de seu fraco irmaõ. Naõ tinha mais de trinta annos de idade, e até entaõ naõ tinha conhecido outra paixãõ senaõ a ambiçaõ, sustentada pelas difficeis circumstancias em que se tinha achado, pelo character caprichoso do Califa, pelo temor de perder o seu valimento sempre incerto, e pelas intrigas dos seus numerosos e temiveis competidores.

No dia seguinte, á hora de tomar o Califa o sorvete, mandou chamar Abdelazi, e lhe ordenou que se sentasse ao seu lado. Travou com elle huma conversaçãõ muito alegre e animada, pois via com gosto que se aproximava o instante de dar á execuçaõ o seu pensamento. Abdelazi por agradar-lhe o imitava em tudo; comia quando elle

comia , bebia quando elle bebia , e quando o via rir , tambem se ria. No fim do almoço deixou o Califa cahir o seu cachimbo de ouro , e Abdelazi se abaixou para o apanhar , aproveitando-se Mahmum daquelle instante para deitar no copo do Visir certa dose de pós soporiferos , cujo effeito devia ser mui prompto. Tornando o Visir a sentar-se , encheo o Califa o seu copo de vinho excellente de Schiras , e Abdelazi fez outro tanto , e logo cahio em hum sono taõ profundo , que toda a musica de Bagdad naõ seria capaz de o despertar. Despáraõ-no logo , e o mettéraõ n'hum carruagem muito suave , e acompanhando-o alguns escravos , o Califa , e o Doutor , o conduzíraõ a huma casinha , a duas legoas de Bagdad , no meio de hum valle solitario.

Já o sol tinha corrido a terça parte da sua carreira quando o Visir despertou , e a primeira cousa que lhe occorreo foi levantar-se para ir para o Divan. Chama pelos seus escravos , e vê chegar dois , hum com huma enxada , e outro com hum regador , ambos

vestidos rústicamente como gente do campo. « Que he isto ! exclamou Abd-elazi admirado ; onde estou ? onde estão os meus eunucos ? E vós , vís escravos , dizei-me , como vos atreveis a apresentar-vos deste modo á minha vista ? » Os dois escravos prosternaõ-se , e lhe respondem : « Perdoai-nos , Senhor , de termos entrado taõ tarde , o motivo foi porque naõ nos atreviamos a interromper o vosso somno ; porém visto que já estais acordado , vimos perguntar-vos onde quereis que trabalhemos hoje. — Já reguei , disse hum , os vossos soberbos taboleiros de tulipas e junquillos. — E eu , disse o outro , acabo de alimpar as ruas do jardim. » Hiaõ elles continuar a falar-lhe destas cousas , quando chegou outro escravo , que augmentou a sua confusaõ e espanto , dizendo-lhe : « Eis-aqui , meu querido amo , o dinheiro dos quatro bois , e dos doze carneiros que me dissestes que vendesse : ordenastes-me que dêsse tudo por quarenta dinares de ouro ; porém trago-vos cincoenta : estimarei que o meu zelo mereça a vossa approvaçaõ , e dar-me-hei por

feliz se vos dignardes olhar para mim com olhos de bondade. » Ainda não tinha acabado de falar este escravo, quando chegou o quarto com hum cesto cheio de provisões, dizendo: « meu querido amo, vendi muito bem as vossas tulipas de Teflis, e as vossas formosas rosas de Korassan, pois andei pelos sitios mais publicos, onde se ajuntão a tomar sorvetes, e a cachimbar aromas, os mais ricos negociantes, e os sujeitos principaes de Bagdad, e deste modo pude vender todas as minhas flores: aqui vos trago tres dinares, e todas estas provisões, que sómente me custáraõ meio dinar. »

« Que quer dizer isto? exclamou o Visir em tal estado de admiração, que he facil conceber, porém difficil explicar. Por quem me tomaraõ estes vós escravos? Chamai-me no mesmo instante os meus eunucos, e dizei-lhes que venhaõ vestir-me, porque quero ir ao Divan. » Os quatro escravos puzeraõ-se a rir, e não lhe respondêraõ cousa alguma; porém elle com voz ameaçadora lhes disse: « Obedecei-me já, e se não

o fazeis , cahirá sobre vós todo o pezo da minha terrível cólera. » Entaõ hum delles chegou-se a elle , e prostrando-se a seus pés , disse-lhe : « Senhor , fazei de nós o que quizerdes ; porém naõ podemos deixar de dizer-vos , que naõ podemos entender o que exigis de nós : dizeis que venhaõ os vossos eunucos , e nunca os tivestes : quereis ir ao Divan , e até agora nunca vos apresentastes nelle. Que negocio importante poderia chamar ao Divan o nosso amo , que vive sem ambiçaõ neste delicioso retiro ? — He cousa extraordinaria , disse Abdelazi , que estes vis escravos se divirtaõ a zombar comigo ! Esquecêraõ-se acaso de que huma unica palavra que eu dê he bastante para aniquila-los ? Desgraçados ! como naõ tremeis diante do Graõ Visir do Califa ? — Vós Graõ Visir ! exclamaõ ao mesmo tempo os quatro escravos ; oh Graõ Mafoma ! o nosso bom amo está doudo. — Ao ouvir estas palavras , naõ pôde já conter-se Abdela-zi , e correo em busca da sua cimitarra para acabar com os seus escravos , porém naõ a achou. Naõ he possivel

pintar o excesso a que chegou a sua cólera ; foi tal , que os seus escravos assustados fugirão dizendo : « Oh Mafo-
ma , Mafo-
ma ! que encanto he este que transtornou o juizo ao nosso bom amo ! »

Em quanto isto se passava , o Califá escondido em hum gabinete cuja entrada só elle sabia , via e ouvia tudo sem ser visto , divertindo-se sobre maneira com aquella especie de Comedia.

Quando Abdelazi ficou só , principiou a serenar-se a sua cólera , e olhando para toda a parte , dizia : « Porém onde estou eu ? Esta não he por certo a minha habitação costumada , nem este he o meu palacio. Não posso entender tão repentina mudança , e sem dúvida ha nisto algum misterio que devo fazer diligencia por descobrir. » E dizendo isto procurava os seus vestidos para vestir-se , porém ainda mais se augmentou o seu espanto , quando em vez do seu rico manto de cachemira escarlata , guarnecido de preciosas pedras , e coberto de ricas pedrarias , do seu turbante de cassa finissima e alva como a neve , ornado de hum rico to-

pazio, não vio mais que humas roupas ordinarias, compostas de hum manto de lã, de hum cafetan de algodão, e de hum turbante de lençaria. Arrojou de si com desdem estes vestidos grosseiros, que nem para os seus escravos os que-
reria; porém por fim, como não en-
contrasse outros, teve de contentar-se
com elles, e vestir-se a si mesmo, la-
mentando-se da sua cruel e vergonhosa
sorte.

Tendo-se vestido, poz-se a exa-
minar os cantos da casa em que tão
bem tinha dormido, e achou que os
seus ornatos eraõ mui simples, porém
tão commodos e aceados, que na rea-
lidade valiaõ mais que os do maior lu-
xo. Não havia aquelles vasos de ouro
a que estava costumado, mas boa lou-
ça: não achou tambem aquellas telas de
brocado que lhe serviaõ de alcatifas no
seu palacio de Bagdad; mas sim de lã
sem bordados nem adorno algum. Che-
gou-se para huma estante de cedro que
estava aberta, e nella vio alguns livros,
porém escolhidos todos, e precisamen-
te aquelles de que mais gostava.

« Oh ! oh ! disse Abdelazi , tudo o que aqui se encontra parece-me muito commodo. Agrada-me muito este gabinetezinho : he mui simples , porém nelle se contém tudo quanto he necessario para passar a vida commodamente ; e creio que qualquer pessoa de juizo habitando-o , poderia considerar-se ditosa. » Dizendo estas palavras , pegou em hum livro da bibliotheca , que era justamente o *Gulistan* , ou o *Imperio das rosas* , obra do famoso Saady , a quem Abdelazi dava a preferencia sobre todos os Poetas. Abre o livro , e casualmente dá com a fabula seguinte :

Perguntou-se ao Caracal : (*)

Porque andas acompanhado
Do fero Rei dos animaes ?
— Devo-lhe a vida e descanso ,
Respondeo , pois me alimento
Do que deixa , quando farto ;
E c'o seu poder seguro
Nada temo dos malvados.

(*) Animal pequeno e debil , que segue o leão a larga distancia , e se alimenta com os seus sobejos.

— Pois chega-te a teu Senhor,
 E contempla, replicáraõ,
 De mais perto sua grandeza;
 O seu favor estimado
 Lograrás talvez. — Perfido
 Conselho ! disse bramando:
 E quem, se eu perto estivera,
 Do seu furor sanguinario
 Me livrára ? Pois, amigos,
 Moralidade no caso,
 Quando o que adora o fogo,
 Junto do seu Deos se chega,
 O Deos cruel lhe dá morte,
 E a cinzas o reduz logo:
 E o Cortezaõ que hontem mesmo,
 No valimento exaltado
 Ostentava orgulho e pompa,
 Emulo do Senhor alto,
 A quem adulando serve,
 Hoje expira em cadafalso.

Abdelazi cahe na mais profunda meditação : lê e relê aquella fabula, que taõ conforme acha com a sua situação, e diz : « Parece feita de proposito para mim. Que tropel de idéas novas se apresenta á minha imaginação ! Não posso definir o que sinto, nem aclarar o que penso ; porém parece-me que até agora tenho vivido co-

mo coberto de huma densa nuvem, e que pela primeira vez descubro alguns raios da verdade. Examinemos bem esta casa, na qual me acho como por encanto, pois esta manhã bem poderei deixar de ir ao Divan. » Em breves instantes deo volta á casa, que naõ era muito espaçosa, nem estava magnificamente adornada, porém o bom gosto reinava por toda a parte. Das janelas descobria-se huma fertil campina coberta de arvores de toda especie, estendendo-se a vista ao longe sobre risinhos prados regados pelo Tigre, e cobertos de grande numero de gado.

Ficou Abdelazi absorto por alguns instantes, admirando vistas taõ deliciosas. Desceo depois ao jardim, que estava contiguo á casa : naõ era muito espaçoso, porém havia nelle infinitas arvores odoríferas cheias de passaros de riquissima plumagem e delicioso canto, que revoavaõ em bosquesinhos de mirtos, jasmims, lilazes, e laranjeiras: regava e refrescava aquelle jardim hum claro regato, que serpeava por entre fragrantes rosas.

« Que sitio tão delicioso ! disse Abdelazi ; tudo me agrada , e me arrebatava : parece feito de proposito para que nelle habitem os escolhidos do Profeta. Que differença entre o ar que aqui se respira , e o de Bagdad ! Quão feliz deve ser , se conhece a dita de que goza , o dono de tão linda casa ! Não o atormentaõ os cuidados da grandeza , nem teme perder o valimento que adquirio , nem he escravo da immoderada ambição ! Oh sábio Saady , bem vejo que a felicidade está em nós , e não na fortuna ! »

Dizendo isto , suspirava amargamente ; porém o Califa não tinha podido ouvir as suas ultimas expressões , pois como estava occulto no gabinete , foi-lhe impossivel segui-lo ao jardim. Até já se tinha posto a caminho para Bagdad , deixando recommendado a hum escravo , que observasse cuidadosamente a Abdelazi , e lhe fosse dar conta exacta de todas as palavras e acções do Visir.

Continuava todavia Abdelazi o seu passeio , gozando do seu novo estado , e entregando-se ás reflexões a que elle

dava lugar, sem nem se quer occupar-se em averiguar de que maneira tinha sido trasladado áquella mansão de paz, simplicidade, e innocencia. Pára de repente, ouve huma voz clara e melodiosa, que acompanhando-se com hum alaude, canta no modo *uzza*, que he o que mais lhe agrada: teme interromper taõ suave musica, e fica immovel: louva a canção os prazeres naturaes e simples, e diz assim:

Aves que no frondoso e verde prado
 Cantais vossos amores, naõ receais
 A tormenta horrivel? nem da estação
 Os rigores vos turbaõ a alegria?
 Celebrai pois com doce melodia
 Os dons celestiaes, e vosso canto
 Á terra enternecida vá dizendo:
 Sem amor dita naõ ha verdadeira.

Qual a violeta timida, encolhida,
 A dita esconde, da gente ao tumulto,
 Sua delicada flor, que ao brando sopro
 Nasce de amor, e nunca com orgulho
 Suas folhas abrio á riqueza altiva:
 Vós que apoz ella de contínuo ides,
 Amai, amai, se pertendeis colhe-la,
 Pois só do puro amor colher se deixa.

Sultões, que o mundo vedes prosternado
 A vossos pés tremendo obedecer-vos,
 Não vos presta a vós outros seus perfumes
 Esta bella flor que pelo Ceo cresce;
 Nem dos zelos molestos sob a guarda
 A dita poderá de amar abrir-se
 Nas visinhanças da vossa morada,
 Onde puro amor nunca penetrou.

Aves que no frondoso e verde prado
 Cantais vossos amores, não receais &c.

Não foi já Abdelazi senhor de si,
 pois ainda que muitas vezes tinha ou-
 vido os mais excellentes musicos de
 Bagdad, jámais huma taõ agradavel voz
 tinha commovido o seu coração; e por
 tanto encaminhou-se para o bosquezi-
 nho que lhe occultava á vista a que taõ
 bem cantava. Chega-se logo para ella,
 e permanece suspenso alguns instantes,
 sem poder-lhe dizer palavra. Vê huma
 rapariga, que poderia ter huns quinze
 annos, e ainda que não era de extraor-
 dinaria formosura, a sua fisionomia da-
 va annuncios da alma a mais candida.
 “ Quem és tu? exclamou o Visir, donde
 vens? pois parecees hum Anjo do Ceo,

e naõ huma habitante deste mundo.» Sorrio-se a moça, e respondeo-lhe: « Chamo-me Azelais: sou filha de Mohamed, que vive naõ longe da vossa casa. Perdoai-me, Senhor, se pela primeira vez da minha vida me atrevi a entrar no vosso jardim: tinha grandes desejos de o ver, e agora volto para casa de meu pai. » E dizendo isto, levantou-se como para sahir. « Que he isso! exclamou Abdelazi: ó formosa Azelais, queres deixar taõ depressa hum sitio que tanto te agrada? queres fugir de mim? Fica, fica mais hum instante comigo. — Naõ, Senhor, naõ posso, pois se eu tardasse, meu pai ficaria em summo cuidado. — Em tal caso, naõ irás só: naõ te vi senaõ huma unica vez, e hum unico instante, e conheço que naõ posso separar-me de ti: até serei o homem mais desgraçado, se naõ te vir sempre. Acompanhar-te-hei, e conhecerei o feliz Mohamed, feliz por ter huma tal filha. »

Sorrio-se Azelais, baixou os olhos, e o carmim da rosa lhe tingio as faces. Entre tanto foraõ-se os dois encaminhan-

do para a casa de Mohamed , e Abdelazi ia como fóra de si de contentamento. Até entãõ tinha tido reunidas no seu serralho , onde se ostentava todo o luxo Oriental , as mais formosas escravas da Asia ; porém naõ tinha visto nellas senaõ humas escravas : jámais tinha amado ; e assim pela primeira vez esta paixãõ produzia em seu peito semelhante agitaçaõ , pois huma unica vista d'olhos de Azelais era bastante para turba-lo , e huma só palavra della o animava , e por tanto disse-lhe suspirando : « Azelais , para ser feliz he-me preciso amar , e desde que te vi he que conheço a felicidade. »

Entre tanto chegáraõ a casa de Mohamed , o qual sahio ao encõtro de sua filha , e depois de a ter abraçado , disse áquelle mancebo : « Dou-te muitos agradecimentos de teres acompanhado até aqui a minha querida Azelais , e tambem por me dares occasiaõ de desempenhar-me da mais lisonjeira e sagrada das minhas obrigações , qual he a hospitalidade. Vem a minha casa , que ainda que naõ he rica , se o aga-

salho que nasce do coração he de algum valor aos teus olhos, não deixarás de sahir della agradecido. »

Abdelazi entrou em casa de Mohamed, onde já estava posta a meza, e na qual Azelais lhes servio alguns manjares simples, e fructas do tempo. O Visir tinha boa vontade de comer, e parecêraõ-lhe deliciosas as fructas colhidas por Azelais, e os manjares que ella mesma tinha preparado. Não, não; dizia lá consigo mesmo, nunca comi tão bem: a meza de Mohamed parece-me mil vezes superior á do Califa.

Durante a comida, o bom anciao evitou fazer-lhe perguntas indiscretas ácerca de quem era, e donde vinha, e só falava dos prazeres de huma vida socogada, livre de cuidados, e de ambição. Falou da verdadeira independencia do homem, e provou que procedia da virtude, pois que sem ella a vida he penosa, amarga, e inquieta até naquellas cousas que aos olhos do vulgo parecem tão brilhantes como a riqueza, o poder, e a fama.

Não se cansava Abdelazi de ouvir

o sábio anciao, o qual introduzia no seu discurso passagens do Alcorao, parabolias engenhosas tiradas dos melhores Poetas, e curiosos e instructivos rasgos de historia. Nunca aquelle mancebo tinha ouvido expressões tao eloquentes, tao naturaes, e tao persuasivas; e assim preferia na sua opiniao, a nobre simplicidade dos discursos de Mohamed, a toda a sciencia do famoso Doutor Kadel-Heristan, e até de todos os Doutores de Bagdad.

Rompeo entao Abdelazi nestas palavras: “ Oh Mohamed! Quanto mais te ouço, mais conheço a necessidade que tenho de receber lições de ti. A tua voz he como a da verdade. O mel da sabedoria corre dos teus labios, e a persuasão sahe do teu coração para entrar no meu. Oh tu, o mais sábio dos mortaes! Porque nos occultas tantos thesouros? Porque não fizeste resplandecer em meio de nós, as luzes do teu talento superior? Alah quando deo raios ao sol, disse-lhe: — Dissiparás as trévas, apartarás as nuvens, e alumiarás o universo. — Deixa esta humilde morada:

vem para Bagdad: os mais sábios Doutores desta soberba Cidade, não são nem sequer dignos de limpar o pó dos teus sapatos, e em breve tempo a tua fama se derramará pelo mundo todo. Os maiores, e mais ricos personagens da Corte, disputarão entre si a honra de agradecer á tua Azelais, e ambicionarão o titulo de seu esposo. Por que razão a occultas? O Ceo creou a rosa para que fosse o adorno, e o amor do universo: se houvesse querido que se occultasse, ter-lhe-hia dado côres tão formosas e cheiro tão agradável? »

« A sciencia que tu louvas em mim, replicou-lhe Mohamed, reduz-se a bem pouco: a minha sabedoria está em meu coração, e os raios que despede, são os seus mais puros sentimentos. A isto se reduzem os meus estudos: Que direi eu aos homens que já elles não sabem? Não he a sciencia, ou o conhecimento do bem ou do mal, o que lhes falta; porém as suas paixões falam mais alto que a verdade, e quando os querem corrigir, scandalisam-se. A voz da virtude he só eloquente para os virtuo-

sos: os demais só admirão a eloquência, quando lisonjea as suas depravadas inclinações. Se não posso fazer bem aos homens, que vou eu buscar a Bagdad? A fama? Sei muito bem o pouco que vale, para sacrificar-lhe o socego da minha vida. Que poderá ella ajuntar á minha dita? Não conheço outra felicidade mais que aquella que nos adquirerem as virtudes.

Perguntas-me, porque privei a minha filha da brilhante perspectiva que podia offerecer-lhe as suas graças, o seu talento, e as suas modestas virtudes. Minha filha he demasiado sensivel para ser ambiciosa, e antes quer ser livre na sua obscuridade, que a primeira escrava de hum escravo da fortuna. Tu dizes, que a rosa deve brilhar em pleno dia: não ha duvida; porém o seu brilho he passageiro. A perola real se occulta no fundo dos mares: o ouro, e o diamante parecem fugir dos raios do sol, que os fecunda. Do mesmo modo a virtude se esconde dos mortaes; porém o sol da sabedoria penetra no seu desconhecido albergue, fecunda a sua al-

ma, e faz que se reunaõ em seu coração os thesouros de huma felicidade que deve durar sempre. »

Assim falou aquelle bom anciaõ, e pegando logo na mão de Abdelazi, o conduzio á sua pequena herdade contigua á sua casa. « Aqui tendes, disse-lhe, quanto eu possuo, e naõ o trocaria por todos os palacios do Sultaõ. Aqui, meu filho, vivêraõ meus pais na paz e na innocencia, e puzêraõ em prática todas as virtudes que nos ensina o Alcoraõ. Olha para este bosquesinho de palmeiras, que levantaõ até o Ceo os seus triunfantes ramos, e fórmaõ huma densa abobada por cima das nossas cabeças. Cada huma destas arvores he huma recordaçãõ mui grata ao meu coração, e naõ ha nenhuma que naõ esteja plantada sobre o sepulcro de algum dos meus avós. Passáraõ-se muitos seculos desde o dia em que o primeiro dono desta humilde morada foi receber no Paraiso, que nos prometteo o Profeta, a justa recompensa da sua vida. Seus filhos, que elle deixou abandonados á dôr, quizêraõ perpetuar a sua

memoria , plantando huma palmeira sobre o seu sepulcro. Os filhos destes imitáraõ taõ sublime exemplo de amor filial , e desde entaõ , sempre se planta huma palmeira sobre o sepulcro do pai ou mãi de familia que a morte separa de seus filhos. »

Ao dizer estas palavras , chegou-se o anciaõ para huma palmeira , que parecia ter-se plantado pouco tempo antes naquelle pequeno Elysio ; e depois de a ter contemplado alguns momentos , olhou para Abdelazi com os olhos arrazados em lagrimas , e disse-lhe : « Esta palmeira nova está só : desde o dia em que a plantei , naõ tem crescido ; espera outra . . . Ahi descansaõ as cinzas da mãi de Azelais , e antes de muito tempo as acompanharãõ as minhas. Entaõ estas duas palmeiras plantadas sobre o nosso sepulcro , se elevaraõ juntas até o Ceo , e reunindo os seus flexiveis ramos , offereceraõ depois da nossa morte , a imagem da feliz uniaõ de que gozámos em vida. Oh querida Azelais ! accrescentou abraçando ternamente a sua filha : aqui virás muitas vezes

chorar-nos . . . , e nós te abrigaremos com a nossa paternal sombra, te defenderemos contra o furor das tempestades, e contra o ardor do sol, e te seremos uteis ainda quando já não te virmos. ”

Cada palavra de Mohamed era como hum raio de luz para Abdelazi. Pouco depois o anciaõ e sua filha tomáraõ o caminho da sua cabana, acompanhando-os sempre o Visir. Tocava já o sol o occaso; e ia submergir-se no oceano. Entristece-se Abdelazi ao ver aproximar-se a hora em que tem de separar-se daquella boa gente, e diz-lhes: “ Sábio Mohamed, eu bem quereria estar sempre ao teu lado, e ouvir-te sempre: a minha alma, que tanto tempo ha, he ludibrio de enganosas paixões, tem sede das tuas palavras, como a flor abrazada dos raios do sol a tem de huma gota de orvalho. O dia de hoje que vai acabando, não me pareceo senão hum ligeiro instante. Sei que devo separar-me de ti e de tua filha. Oh Mohamed! permite-me que te torne a ver: preciso dos teus conse-

lhos: dêste-me a conhecer quanto valem a sabedoria e a virtude. A tua amizade me faria feliz: não me atrevo a sollicita-la; porém anho merece-la, e alcança-la. — Ao que respondeo Mohamed: « Vem visitar-nos quando quizeres, não para receber lições minhas, pois dellas não necessitas, visto que aquelle que ama a sabedoria já em certo modo he sábio; porém vem na minha companhia gozar da nossa amizade e mutua confiança. » Abraçou-o o Visir, e olhando amorosamente para Azelais, foi-se retirando muito vagarosamente.

Chegando a sua casa, os escravos que pela manhã tinha visto, sahíraõ a recebe-lo, e o conduzíraõ a hum formoso caramanchel do seu jardim, debaixo do qual já tinhaõ posto huma mezasinha coberta de frutas e flores; e como tinha andado muito, pareceo-lhe excellente aquella cea frugal: passou dahi sem muita demora para o seu quarto, e por causa do muito que o tinhaõ agitado os successos daquelle dia, não pôde pegar no somno, apresentando-

se-lhe continuamente á memoria a imagem de Azelais, e dizia consigo mesmo : Quem será o feliz mortal que alcance possuir o seu coração ? ah , nada teria que desejar sobre a terra , se obtivesse o seu amor ! . . porém , que digo eu ! não me deixo arrastar de huma fatal illusão ? não sou já o Visir do Califa ? não tenho de voltar a Bagdad ás minhas costumadas cadeas ? » Esta reflexão fez-lhe pensar no modo como teria sido arrebatado do seu palacio , e conduzido áquelle campo : lembra-lhe por fim que na vespera almoçando com o Califa , tinha bebido vinho de Schiras ; que depois tinha perdido os sentidos ; e que quando tornára a si , se achára naquella cama , onde debalde fazia diligencias por adormecer. Pareceu-lhe então ter descoberto aquelle mysterio : desagradou ao Califa , não goza já do seu valimento , despojára-o das suas honras e riquezas , e o desterrára para o sitio onde se acha. Dado que assim fosse , exclama , não teria perdido nada. Feliz desgraça ! O que os Cortezaes , que me invejavaes , chamaraes

hum infortunio , eu o considero como huma felicidade.

Occupado destas idéas adormeceo por fim , e em quanto dormio , naõ o atormentáraõ os gritos da inveja , nem vio sobre a sua cabeça a sanguinolenta cimitarra , nem os mudos que lhe trouxessem o fatal cordaõ. Desapparecêraõ da sua idéa Bagdad , o Califa , a Corte , os Cortezaõs , o seu serralho , os seus escravos , e as suas riquezas , e naõ via mais que Azelais e Mohamed.

O harmonioso gorgueio das aves o despertou ao amanhecer : os seus escravos se apresentáraõ para receber as suas ordens como no dia antecedente , e bem deveis julgar que os recebeu melhor. Levantou-se , naõ tem vergonha de vestir-se elle só , nem repara se as roupas saõ de seda ou de algodaõ. Immediatamente se encaminha para a habitaçaõ do bom Mohamed. Azelais , vendo-o , córou , e o sábio anciaõ o recebe carinhosamente , no que se conhece que principia a ter-lhe amizade. Pareceo aquelle dia ainda mais agradavel a Abdela-zi , que o antecedente ; Mohamed fala-

lhe com mais franqueza, e Azelais, menos tímida, atreve-se ás vezes a tomar parte na conversação.

Queria Abdelazi a cada instante arrojar-se-lhe aos pés, e declarar-lhe o seu amor; porém hum respeito, que pela primeira vez conhece, o contém e acobarda. Aquelle feroz Visir, que fazia tremer todo o seu numeroso serralho, treme agora diante de huma menina de quinze annos; de maneira que volta para sua casa sem ter-se atrevido a falar-lhe.

Retirado no seu quarto, não procurava averiguar a mudança acontecida na sua fortuna, mas sim a que sente em seu coração: admira-se de não sentir-se abatido: considera os seus inimigos alegrando-se da sua queda, repartindo entre si os seus despojos, e não o sente. O amor e a virtude desterrárao a ambição do seu coração, e já não tem nem inveja nem odio. Os poucos bens que actualmente desfructa, parecem-lhe preferiveis aos immensos que perdeu, com tanto que alcance a mão de Azelais, e resolve pedi-la a Mohammed logo no dia seguinte.

Com effeito, assim que amanhece corre voando a sua casa, e diz-lhe: « Respeitavel Mohamed, vinde comigo, he-me preciso abrir-vos o meu coração . . . Segue-o o anciao, e ambos elles se encaminhaõ ao bosquesinho das palmeiras. Sentados ao pé da arvore mais idosa, guardaõ o silencio por alguns instantes. Abdelazi treme, e o anciao mostra-se confuso; finalmente este ultimo pega-lhe na maõ, e apertando-a lhe diz: « Fala, meu filho: tens o coração agitado: naõ temas descobrir-me os teus segredos: a confiança he proveitosa. — Mohamed, responde Abdelazi, tremo na tua presença, porque huma unica palavra da tua boca póde destruir todas as minhas esperanças: a minha sorte depende de ti. — Pois se depende de mim, será afortunada, meu filho. — Chamas-me teu filho! ah Mohamed, quaõ grato me he este nome! Tómo por testemunhas as cinzas de teus avós, que descansãõ neste bosquezinho, plantado pelo amor filial: prefiro o nome de filho teu a todas as riquezas do universo. A tua amizade mo dá; po-

rém seria o mais desgraçado dos homens, se mo recusasse o amor. » Ao proferir estas palavras, sorrio-se o anciao, levantou-se, e disse a Abdelazi: « Espera-me debaixo desta palmeira: vou buscar a pessoa que deve decidir da tua sorte, pois naõ depende de mim. » Olha Abdelazi para elle com inquietação, naõ tirando os olhos d'elle até que o perdeo de vista. Prosterna-se entaõ, e levantando os olhos ao Ceo, diz: « Oh vós, veneraveis e modestos avós de Mohamed e de Azelais, que lá da vossa afortunada morada protegeis este sitio em que me acho, ouvi a minha súpplica, amparai o amor mais terno e puro. Naõ me aparteis do seio da vossa familia: concedei-me que habite este curto espaço de terra que vós habitastes: fazei que Azelais corresponda ao meu amor; e que a decisaõ que ella vai dar seja a da minha felicidade. Juro de a naõ tirar jámais deste asilo; de naõ de-sejar junto della outro bem senaõ o seu amor, outra dita senaõ a sua, nem outra grandeza senaõ a virtude.

Ainda bem naõ tinha acabado de

pronunciar estas palavras, quando avistou o anciaõ, que trazia sua filha pela maõ. Sahio-lhes Abdelazi ao encontro, e lançando-se aos pés de Azelais, disse-lhe : « Ah ! a minha sorte está decidida. — Sim, disse o anciaõ, dá graças a Alah : este Anjo de virtude e de innocencia he teu. Aqui tens a companheira da tua vida. » Ao mesmo tempo Mohamed fez com que sua filha des-se a maõ a Abdelazi, e apertando-as ambas ao seu peito, accrescentou : « Queridos filhos, ficais unidos diante de Alah, que me ouve, e sob os auspicios das sombras de meus avós. Abdelazi, eu te escolho para que plantes a palmeira em cima do meu sepulcro. »

Abdelazi naõ podia conter a sua alegria, pois se propunha huma dita duradoura, sobre tudo ouvindo a Azelais que lhe jurava o mais terno e constante amor. Porém repentinamente ouvio hum grande ruido. Huma comitiva numerosa e brilhante rodea a casa de Mohamed, e entra no jardim. Mohamed admira-se, Azelais treme, e cobre-se com o seu véo. Abdelazi adian-

ta-se ao encontro daquellas pessoas taõ magnificamente vestidas, que deslumbra-vaõ com o seu ouro e pedrarias. Deseja saber que motivo os traz a huns sitios taõ retirados: aproxima-se mais, e conhece . . . o Califa, acompanhado do Doutor Kadel-Heristan, e de todos os Senhores mais ricos e poderosos da Corte.

Prosterna-se Abdelazi aos pés do Califa, e diz-lhe: « Que pertende ainda de mim o meu Senhor e Amo? naõ basta para satisfazer a sua cólera, o ter-me desterrado da sua presença? vem pedir-me ainda a vida? » Ao dizer estas palavras, o Califa o levanta rindo-se, e lhe responde: « Abdelazi, já tem durado muito hum brinco innocente: quiz divertir-me, e renovar em ti, porém debaixo de hum aspecto differente, a historia do *Dormente acordado*. Quiz ver como supportarias a tua nova sorte, e gozar da tua admiraçaõ, quando ao despertares te achasses convertido em hum simples particular, sem poder e sem riquezas. Deixa pois esta humilde morada, e essas roupas improprias de

quem deve occupar taõ eminentẽ posto ao meu lado. Tu nunca perdeste o favor de teu amo : vem occupar na minha Corte o lugar que sempre terás em meu coração. »

Prosternou-se Abdelazi de novo aos pés do Califa , e lhe disse : « Ah , Senhor , se he verdade que naõ estou privado da vossa graça , só hum favor vos peço. — Fala , disse Mahmum , e antes de saber o que vais pedir-me , juro pelo Profeta , que nada te recusarei hoje. — Senhor , disse Abdelazi , naõ me obrigueis a deixar estes sitios : permiti-me passar huma vida socegada neste retiro , que vós mesmo me escolhestes. A isto só se limitaõ os desejos da minha ambiçaõ. Recobrai todos os bens que me prodigalisastes : só quero conservar o meu agradecimento. — Que me dizes ! exclamou o Califa : he possivel que Abdelazi na flor dos seus annos despreze as honras , as riquezas , e o supremo poder de que goza comigo ? Perdeo sem duvida o juizo , e este miseravel está doudo ! — Naõ , Senhor , naõ , estou em todo o meu juizo. A mi-

nha vida até agora não foi mais que hum somno trabalhoso, em que me via atormentado da ambição e do orgulho: agora sim, he que sou verdadeiramente o *Dormente acordado*. — O que dizes espanta-me, e consola-me ao mesmo tempo, respondeo o Califa: jurei não negar-te cousa alguma, e não faltarei ao meu juramento: deixo-te nestes sitios, que preferes á minha Corte: dou-te estas barracas, pelas quaes queres abandonar o teu soberbo palacio; e só humma cousa te peço, que he dizeres-me quem poderá desempenhar dignamente ao meu lado, o alto emprego que acabas de renunciar. A quem posso eu dar a minha confiança? Quem terá o talento necessario para que nelle descanse do pezo de tantos negocios de que me vejo sobrecarregado? — Senhor, respondeo Abdelazi: ainda maior espanto vos causará o que vou dizer-vos; porém a minha boca pronunciará a verdade, não tenho já interesse algum em vo-la occultar, e já que me perguntais qual he o homem mais digno da vossa confiança, dir-vos-hei que he *Zeangir*. ”

Todos os Cortezaõs que acompanhavaõ o Califa , olháraõ huns para os outros como estupefactos , e exclamáraõ a huma voz : “ Zeangir ! o seu mais cruel inimigo ! — Sim , Senhor , continuou Abdelazi , Zeangir he digno de ser vosso Visir ; era meu inimigo , e eu o era delle , quando temia que elle se elevasse sobre as minhas ruinas. Aborrecia-o , porque o temia ; e o meu odio acabou quando cessei de o temer. Agora vejo com os olhos da justiça e da verdade , quando dantes só o olhava com os da ambiçaõ e da inveja ; e levo muito em gosto dar este público testemunho aos seus talentos e virtudes. Ju-ro pois pelo sepulcro de Mafoma , que naõ conheço ninguem mais digno que Zeangir , de succedér-me no meu emprego. — Basta , disse Mahmum : creio-te , e neste mesmo instante o nomeio meu Graõ Visir. ”

O Califa voltou para Bagdad seguido de todos os seus Cortezaõs , que estavaõ mui persuadidos que o pobre Abdelazi tinha perdido o juizo. Este ultimo busca promptamente a Mohamed

e a Azelais, socega a inquietação em que estava, e diz-lhes pela primeira vez, a classe a que o favor e a fortuna o tinham elevado: conta-lhes quanto tinha passado com o Califa, e o feliz resultado de tudo isto, pelo qual tinha repentinamente descido do ponto mais elevado de grandeza, ao modesto estado em que se achava, e acrescenta: « Perdoai-me o ter-vos occultado hum titulo, que não me teria constituido maior aos vossos olhos: ao vosso lado não me lembrava já da minha classe: não pensava senão na dita de ver-vos, ouvir-vos, e amar-vos: dissipárao-se para sempre as illusões do meu orgulho. Em vossa companhia, meu querido pai, e minha querida Azelais, poderei dizer até o ultimo instante da minha vida:

Eu sou o Dormente acordado.



AMESTAN, E MELEDIN,

O U

A EXPERIENCIA A' PROVA.

“ **T**inha eu na minha mocidade hum character ardente e apaixonado: amava as mulheres com excesso: cria de boa fé nas suas palavras e afagos: diziaõ-me que era o mais bello moço de toda a Persia, e mo persuadiaõ, louvavaõ o meu extraordinario talento, e com isto me considerava como hum sábio. Porém o certo he, que com as suas seducções, enganos e lisonjas, naõ fizeraõ mais que conduzir-me á minha perdiçaõ. Era em outro tempo mui rico, e apenas me resta agora com que acabar socegadamente os meus dias. Oh Meledin, quaõ nescia he a mocidade! Se na primavera da minha vida tivesse sabido o que hoje em dia sei, ainda seria hum dos mais ricos negociantes de Ispahan, e sou mui

pobre. — Por certo, lhe responde Meledin, se tivéssemos sabido ambos aos vinte annos, o que sabemos aos oitenta, quantos desatinos teríamos deixando de commetter! Quão differente seria a nossa fortuna! Na verdade, a experiencia chega mui tarde, e só quando já de nada nos servem os seus conselhos. De que serve o saber, quando já não podemos aproveitar-nos do que sabemos?

Quanto ao que a mim me diz respeito, querido Amestan, a vaidade he que me perdeu. Não era absolutamente falta de tino, eu bem o sabia; porém era tal o desejo que tinha de brilhar, de fazer ostentação do meu talento, que nunca soube moderar a minha lingua. A minha indiscricção he que me impedio de chegar ao cumulo da grandeza. Ah, se pudesse restituir-me aos meus vinte annos! por certo que com a experiencia que tenho adquirido, não commetteria semelhantes loucuras: saberia moderar o meu orgulho, aguardar o momento de falar, e ser comedido até no olhar. »

Deste modo, dois bons velhos, á

D

sombra de huma palmeira, que estava solitaria á entrada da gruta de Maaran, se entretinhaõ a recordar-se dos desvarios da sua mocidade. Ambos tinhaõ aprendido á sua custa, e cara lhes custava a sua sabedoria. « Oh poderoso Mafoma! exclamáraõ juntos: he verdade que naõ nos veremos restituídos aos nossos vinte annos? Naõ poderemos aproveitar-nos das nossas desgraças, das nossas faltas, e desta sabedoria que o tempo nos tem dado? »

Ao tempo que assim falavaõ, ouvem hum ligeiro ruido á entrada da gruta: aproxima-se o ruido, levantaõ os olhos, e vêem hum Genio que se encaminha para elles, e lhes diz com summa affabilidade: « Amestan, e Meledin, naõ vos assusteis de ver-me: venho aqui só para fazer-vos ditosos: muito tempo ha que habito esta solitaria gruta, e estava para sahir com o fim de ir correr o mundo, quando chegáraõ aos meus ouvidos as vossas queixas. Parecêraõ-me fundadas, e compadeci-me de vós. Naõ ha dúvida que o Ceo vos trata com extremo rigor: dá-vos a sa-

bedoria quando já para nada pôde servir-vos : ensina-vos a viver , quando já vos não resta senão morrer. Quero desfazer esta injustiça , e se o desejais , sereis restituídos aos brilhantes dias da vossa mocidade , á vossa anterior robustez , á vossa formosura e graça. Falai , que idade quereis ter ? — Vinte annos , vinte annos , clamárao a hum tempo ambos os anciaos. — Bem o creio , responde o Genio , pois assim seja , já não tendes mais de vinte annos. »

Com effeito , que subita transformação ! Apenas o Genio tinha falado ; e já hum sangue mais vivo e ardente lhes corre pelas veias. As suas tremulas pernas recobrao a sua força e agillidade : os seus acurvados corpos apparecem direitos e airosos : as suas cabeças calvas povoao-se de formosos cabellos annelados , que lhes cahem sobre os hombros : desapparecem as suas grandes e povoadas barbas , e não se lhes vê mais que hum ligeiro buço. Apresenta-lhes o Genio hum espelho , no qual se miraoo com admiração , e não sem vaidade. Saltao de contentamento , não

pódem conter-se, nem deixar de contemplar a formosura das suas feições, o seu garbo, e bello porte, e a agilidade dos seus movimentos.

Arrojaõ-se ambos aos pés do Genio bemfazejo, que os levanta, e lhes diz sorrindo-se: « Escutai, meus amigos: antes de dar-me agradecimentos, he preciso ver se sabereis aproveitar-vos das minhas dadas, se vos seraõ uteis ou prejudiciaes. Meledin, recebe este maravilhoso anel: todas as vezes que o metteres no dedo, conhecerás todos os segredos do homem para quem olhares cara a cara. Parte para Ispahan com este inapreciavel thesouro: porém tu, Amestan, ficarás aqui. Durante a minha ausencia, serás senhor do meu palacio, para o qual dá entrada esta gruta, e servirás de guarda ás minhas immensas riquezas. Acharás aqui todos os bens, e naõ te será preciso mais que desejar qualquer cousa, para veres cumpridos os teus desejos. Naõ exijo de ti senaõ huma unica cousa, que nem he mui penosa, nem mui difficil, e he, que guardes com todo o cuidado hum magnifico

jardim, que he a cousa que mais prezoz. Faze com que mortal nenhum ponha nelle os seus temerarios pés, e considera que tu mesmo te perdes se tiveres a imprudencia de entrar nelle. Se no fim do anno estiver contente de teu zelo e fidelidade, satisfarei os teus maiores desejos, e tornarás para Ispahan, onde serás o homem mais rico e poderoso de taõ magnifica Cidade.

Os dois recentes moços arrojaõ-se de novo aos pés do Genio. Naõ pôdem conter as expressões da sua satisfação: apresenta-se-lhes a mais brilhante perspectiva da sua futura sorte: separaõ-se, e Meledin toma o caminho de Ispahan, levando comsigo o seu admiravel anel. Amestan fica com o Genio, que o conduz á sua gruta, na qual depois de ter caminhado algum tempo na escuridade, descobre Amestan hum palaço da mais nobre e formosa architectura, sustentado por immensas columnatas de pedras preciosas. As escadas por onde se sóbe para elle, são do mais puro ouro. Amestan, deslumbrado com tantas riquezas, e taõ ex-

traordinario resplendor, não pôde proferir palavra. « Esta he a tua habitação, disse-lhe o Genio, e podes dar as tuas ordens, que seraõ promptamente executadas, como as minhas, por mil escravos, que estaõ promptos a obedecer até aos teus mais extravagantes caprichos. Adeos; deixo-te por alguns dias; tem cuidado no meu jardim, e lembra-te da ordem que te dei. »

Ditas estas palavras, desapareceu o Genio, e Amestan ficou só como unico senhor daquela soberba habitação. Hum multidão de escravos o rodeaõ esperando as suas ordens, e dando-lhe apenas tempo para formar desejos, que no mesmo instante não fossem satisfeitos. Servem-lhe hum jantar magnifico, e em quanto se saborea nos manjares mais exquisitos, encantaõ os seus ouvidos com a mais harmoniosa musica; hum coro de formosos escravos executaõ graciosas danças em hum salaõ conrigno ao do banquete, admirando-se a graça e agilidade, na variedade das suas posturas e movimentos. Hum concerto das mais suaves e delicadas vo-

zes , celebra a formosura de Amestã ; que bebia entre tanto os mais raros e exquisitos vinhos , pois o Genio era amicissimo delles , e assim tinha a adega mais bem provida do universo ; e todos sabem que os Genios naõ estão sujeitos como os Musulmaõs ás severas leis do Alcoraõ .

Acabado o jantar , outros escravos trazem huns brazeirinhos de finissimo ouro , e em hum instante se vê rodeado de huma nuvem de perfumes . Deitaõ-no logo em hum brando leito da mais fina e elastica pluma , onde goza a doçura de hum lisonjeiro somno , recreado com deliciosos sonhos , filhos festivos do dia antecedente .

Ao romper da alva levaõ-no para o salaõ do banho , adornado de mil formosas e alegres pinturas ; e logo que com toda a commodidade e regalo se acabou de banhar , o tornáraõ a levar para o leito , onde respirava de novo os mais deliciosos perfumes . Variavaõ-se todos os dias os prazeres , e Amestã naõ podia conceber como aquelles escravos em hum mesmo instante adivi-

nha' aõ e executavaõ até os seus mínimos desejos. Entre tanto não deixou de observar que nenhuma mulher se apresentára até entãõ á sua vista, e disse: « Para que será esta precauçaõ do Genio? Desconfiará do meu juizo e prudencia? Pois na verdade que se engana. Bem pudéra ter enchido o seu palacio das mulheres mais formosas da Europa, e da Asia, que as suas graças não me teriaõ seduzido; pois como por tanto tempo me tem enganado, conheço-as bem, e ainda as temo mais. Agora tenho experiencia, sim, tenho experiencia, e se chegar a namorar-me . . . Porém não: já adivinhei a intençaõ do Genio: não quiz que a vista deste sexo enganador perturbasse a minha alegria, trazendo-me á lembrança acontecimentos desagradaveis. Quãõ mal me conhece! não tenho nem odio nem furor contra as mulheres, e a mais formosa não me faria sahir da minha ditosa insensibilidade. »

Sem embargo, algumas vezes dizia consigo mesmo: « Em meio de todos os prazeres que me concede o Ge-

nio, parece-me que falta alguma cousa á minha dita. Agora que tenho recobrado a mocidade e a formosura, quereria saber o que as mulheres pensão de mim: sem dúvida fariaõ todos os esforços possíveis por agradar-me: os seus artificios me divertiriaõ muito, e me divertiriaõ sem perigo, graças á minha experiencia. Em fim, bem meditada a cousa, antes quereria que houvesse aqui mulheres. ”

Havia huns cinco ou seis dias que estes pensamentos o occupavaõ, quando lhe deo na vontade visitar o jardim cuja guarda estava a seu cargo. Depois de ter passado pelos mais formosos valles do universo, chega á encosta de hum collina, e dá com os olhos em hum recinto cercado de muros de prata de prodigiosa largura. Dentro d'elle he que está o jardim do Genio, cuja belleza se divisa em parte por entre humas grades de ouro massiço, que tambem vedão a entrada. Chega Amestan até ás grades sem difficuldade alguma, e admira hum sitio, que parece ser o modelo ou copia do paraiso de Mafoma.

« Oh , que bello sitio ! diz Amestan. Que lastima que o Genio me tenha prohibido entrar nelle ! » Pouco depois divisa por entre as grades huma multidão de raparigas formosas como as *bouris* promettidas aos fiéis Musulmaos pelo Profeta , as quaes se aproximao d'elle : estao sem véo , e vestidas ligeira e voluptuosamente : brilhao em seus olhos a alegria , e o desejo de agradar. Quando dao com os olhos em Amestan mostrao-se admiradas , olhao humas para as outras , falaõ entre si em segredo , parece que se sorriem para elle , e logo o convidaõ a que entre a gozar daquella deliciosa morada. Amestan fica immovel , e huma dellas resolve-se a falar-lhe para o convidar em nome e da parte de todas as suas companheiras. Ajunta a isto os mais lisonjeiros elogios a Amestan , e logo que acabou de falar , as outras suas amigas ajuntaõ as suas vozes ao som de diversos instrumentos , que tocao com tanta graça como desembaraço , e fórmaõ ao mesmo tempo as mais festivas e amorosas danças.

Recrea-se Amestan com taõ varias scenas: o seu amor proprio lisonjea-se a contemplar os esforços que estas formosas raparigas fazem para merecer a sua attençaõ; porém bem se vê que naõ alcançaõ seduzi-lo, porque, como sabemos, tem muito juizo, e muita experiencia, e por tanto naõ faz mais que rir, e zombar de taõ inuteis tentativas.

Sem embargo, descobre em lugar solitario, debaixo de hum bosque de myrthos, huma rapariga separada das suas companheiras, sentada na margem de hum arroiosinho, que corre vagorosamente. Os seus olhos estaõ tristemente pregados naquellas cristallinas e fugaces aguas: suspira, levanta os seus formosos olhos ao Ceo, e na sua profunda melancolia parece esquecer-se do universo inteiro.

Adverte Amestan que ella nem se quer se digna olhar para elle, e sem o querer nem pensar nisso, elle naõ olha senaõ para ella: continúa observando todos os seus movimentos, e naõ se aparta das grades, senaõ quando vê que

esta joven e amavel creatura se embrenha no mais sombrio do bosque, e chega a perder-se de vista. Amestran olha todavia durante algum tempo, para o lugar onde ella esteve, e por fim volta ao palacio do Genio, pensando no que acaba de presenciar. « Ah, ah ! diz elle consigo : já me não admiro de que o Genio não permitta que haja mulheres ao meu lado, que me distraíam do enojo da minha solidão. He hum prazer que só para si quiz reservar. Tem o serralho mais formoso do mundo, e escolheu-me para que eu lho guarde. Emprego na verdade muito lisonjeiro para o amor proprio de hum homem de vinte annos ! Envergonho-me realmente de pensar que elle me tenha julgado proprio para fazer semelhante papel. Que honra para mim, quando de volta a Ispahan ouvir dizer á gente: Este moço mereceo muito bem a fortuna de que goza: foi guarda fiel do serralho mais formoso da Asia ! Riram, e zambaram de mim, e não ousarei apparecer na companhia dos moços da minha idade. »

O somno interrompeo estas tristes reflexões ; porém não foi nada socegado , pois que nelle vio aquella rapariga solitaria e pensativa , derramando lagrimas , que excitárao tambem as suas. Queria voar ao encontro della para a consolar , porém as fataes grades se oppunhao aos seus desejos : parece-lhe que as abala , e que cedem aos seus esforços , e quando já hia a entrar , ouve huma voz terrivel que lhe diz : « detem-te , insensato , que fazes ? lembra-te das ordens que te dérao . » A estas palavras Amestan acorda : hum suor ardente lhe cobre o rosto : hum fogo subtil corre pelas suas veias : levanta-se a tremmer : passea violentamente agitado esperando que amanheça .

Corre entao a toda pressa ao jardim do Genio : chega-se ás grades , e no mesmo instante dá com os olhos nas formosas raparigas da vespera . Estao vestidas com muita graça : brilha a alegria em seus olhos , e o seu sorriso he ao mesmo tempo carinhoso , e algum tanto velhaco . Assim que vêm Amestan desatao a rir , e dizem saudando-o :

« Bons dias , formoso guarda do serralho : dormiste bem a noite passada ? Que côres taõ frescas tem esta manhã ! Onde foi o Genio encontrar taõ bello eunuco ? » Outras lhe diziaõ , olhando para elle com ar de compaixaõ : « Que lastima ! » E no mesmo instante se retiravaõ , deixando-o envergonhado e furioso.

Porém elle ainda naõ vio aquella que occupa os seus pensamentos. Em vaõ olha para todas as partes : o silencio mais profundo reina no interior do jardim. Depois de ter esperado inutilmente mais de seis horas , toma o partido de voltar para o seu palacio. » Voltarei lá pela tarde adiante , disse , vê-la-hei , e talvez que a ouça tambem. O Genio naõ me prohibio vê-la , ouvi-la , ama-la , e ser amado. A unica cousa que me prohibio foi a entrada neste formoso jardim , cuja guarda deixou a meu cargo. Oh , se ella me amasse ! Porém , que he o que digo ? infeliz de mim !... Poderei ainda atrever-me a amar ? Quem me segura que a mais profunda perfidia naõ esteja occulta debaixo daquelle ar

de ingenuidade? Porém não, a sua virtude, e a sua candura são iguaes, sem dúvida, á sua formosura. Ella não procurou seduzir-me como as suas companheiras: não fez alarde dos seus talentos e das suas graças: tem summo pudor: a sua alma encerra a innocencia e a virtude, e della he huma imagem o seu rosto: as fataes grades me separaõ della. Que importa? Façamos por agradecer-lhe: seja eu senhor do seu coração, não he este o primeiro de todos os bens? Quando se tiver completado o anno, quando o Genio quizer verificar as brilhantes promessas que me fez, eu lhe direi: « Guardai, guardai os vossos thesouros, e dai-me sómente aquella a quem amo. »

Seriaõ seis horas da tarde, quando se levantou e voltou para o jardim: chega ás grades, e lançando os olhos até onde a sua vista póde alcançar, busca ansioso por todas as partes, aquella de quem está tão vivamente namorado: porém o jardim parece-lhe hum deserto: não se ouve senaõ o gorgoeio das aves que nelle habitaõ. Amestran deixa-

se ficar largo tempo á espera : já a noite se vem aproximando , e elle principia a desesperar ; porém ouve repentinamente junto de si suspiros e lamentos. Escuta , olha e descobre a senhora do seu coração em hum bosquesinho de limoeiros e de álves , recostada sobre huma das suas companheiras , e ambas ellas submergidas em profunda meditação. Finalmente a amiga desta formosa rapariga rompe o silencio , e lhe diz : “ Ah , minha querida Amelina ! Porque te entregas desse modo á dôr ? Que podes desejar nestes deliciosos sitios ? Que falta á tua felicidade ? O Genio ama-te apaixonadamente : de ti só depende reinar aqui , e participar da sua riqueza e poder , se consentes em corresponder ao seu amor ; e choras quando as tuas companheiras invejaõ a tua sorte ! Confia as tuas penas da tua amiga , e oxalá Mafoma me conceda a eloquencia que consola , aquelle balsemo que he lenitivo da dôr , e sara as mais profundas feridas da alma. — He tempo baldado , responde Amelina , que- reres consolar-me. A minha sorte he

horrorosa, e só a morte pôde restituir-me o repouso. Sou filha unica de huma mãe que me adora, e a qual, no meio da sua pobreza, não tinha senão a mim no mundo para sustentar-lhe a vida. Este poderoso Genio vio-me, amou-me, arrancou-me dos braços de huma mãe tão querida: figura-se-me vê-la banhada em lagrimas, desesperada, privada do seu unico apoio, da que a fazia ditosa. Talvez não tenha podido resistir á sua dôr: talvez não viva já minha mãe. Que me importaõ estas riquezas, este poder de que me falas? Era ditosa na minha pobreza: não pedia ao Ceo que me dêsse outra cousa senão minha mãe. Se eu tivesse ficado com ella, pôde ser que algum dia hum esposo pobre como eu, porém escolhido pelo meu coração, me tivesse acompanhado na occupaõ de tratar della: os nossos dias se teriaõ passado na paz e na innocencia. Este barbaro tudo me roubou. »

Acabando de dizer isto, a joven e bella Amelina sahe do bdsquesinho, e passa por diante das grades, onde o namorado Amestan estava immovel, an-

E

sioso de não perder nem se quer huma unica palavra daquella conversação. Vendendo-a tão perto de si, não pôde conter o arrebatamento da sua alegria, e exclama: « Amelina, Amelina, doce e angelica creatura! Eu te amo, por ti me abraço no mais terno e violento amor. » A moça volta-se, olha para Amestan, e as suas faces se cobrem do mais vivo carmim. « Amelina, continúa Amestan, não te afastes daqui: permanece junto de mim: a tua ausencia me mataria. » Torna Amelina a olhar para o formoso moço que lhe falla: ella teria vontade de caminhar mais vagarosamente; porém a sua companheira a apressa, e diz: « Fugamos, fugamos do novo guarda do serralho: não vem aqui senão para espreitar o que fazemos. Póde ser que tenha ouvido a nossa conversação. » Estas palavras encham de espanto a Amelina, e fazem com que se afaste com rapidez.

Não ficou Amestan tão descontente aquella tarde como nas anteriores. Tinha visto a Amelina, tinha-a ouvido, tinha-lhe falado: ella já sabe o amor

que elle lhe tem : “ Quão formosa he , diz , e quão interessante he a sua historia ! No meio da grandeza tem saudades da sua humilde choça , onde a sua piedade filial encontrava em si mesma todos os seus prazeres. Que virtude ! Que innocencia ! Ah , sem dúvida Amelina he superior a todo o seu sexo ! Naõ he mulher , he hum anjo. O seu coração he puro , e naõ póde enganar-me. ”

Sem embargo , atormenta-o huma triste reflexão. Lembra-se das palavras da companheira de Amelina. “ Despreza-me , diz elle consigo mesmo , creê que sou o vil guarda deste serralho. ” Lembra-se tambem de que o Genio he o amante de Amelina , e perde a esperanza de poder alcançar que o seu rival lhe ceda semelhante thesouro.

Tres dias inteiros se passáraõ , sem que Amestan pudesse ver a bella Amelina. Quem poderá pintar a sua inquietação ? “ Que foi feito della ? Té-laha o Genio arrebatado daquelle lugar ? Terá sido victima da sua propria dôr ?... ” As idéas mais tristes occupaõ o pobre

Amestan. Finalmente , ao quarto dia pelas sete horas da tarde torna a ver a sua amada. Está ao pé d'elle : ella não pôde vê-lo ; porém elle pôde olhar para ella e ouvi-la. Parece menos abatida , e nunca a tinha visto taõ formosa. Contempla-a Amestan com admiração ; porém qual não foi o excesso da sua alegria , quando ouviu a conversação em que novamente está com a sua amiga ! “ He inutil , querida Nirza , lhe dizia , que intentes dissuadir-me de amar aquelle moço que vimos o outro dia. Não , não vinha aqui para espreitar-nos , nem para perder-nos. Não reparaste na sua formosura ? Quaõ nobre e interessante he em todas as suas feições ! Quaõ amorosos os olhos que punha em mim ! ”

Elle me ama , disse não tenho a menor dúvida : disse-mo com aquella linguagem do coração que a falsidade não sabe imitar. Desde entaõ , não vejo , nem ouço senaõ a elle. Conheço que o amo por toda a vida. ”

Ah , quanto não commove isto o coração de Amestan ! Não cabe já em si ! He amado , sem que disso possa ter

a minima dúvida. Não pôde Amelina ter intenção de o enganar, pois não sabe que elle a ouve, nem pôde imaginar senão que elle está mui longe dali, e por tanto desafoga o seu coração no seio da confiança e da amizade. Entre tanto, continúa ella dizendo: « Sim, desde aquelle instante, não sou já a mesma, sinto-me absolutamente outra: a esperança penetrou em meu coração; pois se he certo que me ama, como mo disse, como mo jurou, como eu o creio; tu sabes, amiga minha, que na sua mão está fazer-nos felizes para sempre. »

Então sim, he que Amestan applicou toda a sua attenção: porém que digo? Toda a sua alma está como pendente dos labios de Amelina, a qual continuou nestes termos: « Sim, se elle se atrevesse a isso, seríamos felizes. Bem sabes, amada Nirza, que o poder do Genio depende de huma acção, a qual por si só he capaz de destruir todo o seu imperio sobre nós. Tu sabes que ficaremos livres, no instante em que hum moço se atreva a pôr os pés nestes sitios, e que estes jardins, e este

magnifico palacio devem ser a recompensa do nosso libertador. Oxalá que estes bens pertençaõ algum dia áquelle que eu amo ! »

« Summo Deos ! Será verdade ? exclama logo Amestan arrebatado de inexplicavel alegria. Possuirei Amelina ? Fa-la-hei senhora deste formoso jardim ? » Ao pronunciar estas palavras , sacode com força as grades de oiro , que naõ estavaõ muito seguras , e franqueaõ a entrada a Amestan , que se arroja aos pés de Amelina ; porém , oh Ceos ! ... Que pasmo ! ... Amelina desappareceo : os jardins , os palacios , nem rasto ha delles : desvanecêraõ-se quaes ligeiras nuvens , e o bom Amestan acha-se á entrada da gruta de Maaran , debaixo da palmeira solitaria , no lugar mesmo onde o Genio lhe appareceo pela primeira vez. Quem poderá pintar a sua admiraçaõ , a sua confusaõ , e a sua dôr ? Debilitáraõ-se inteiramente as suas forças : o seu corpo está mais curvado que nunca : vacillaõ os seus tremulos e encurvados joelhos : cahe-lhe sobre o peito huma comprida e branca barba : o

seu rosto está coberto de amarelladas e profundas rugas, e a sua cabeça, onde não ha hum só cabello, não pôde nem se quer resistir aos debeis raios do sol já quasi no seu occaso. Vio desvanecer-se repentinamente a sua mocidade, a sua força, e a sua formosura. Voltou dos vinte annos para os oitenta: permanece largo tempo submergido em hum triste silencio, immovel, e quasi sem dar acôrdo de si. Prêga os olhos no chão, sem ousar levanta-los, receando encontrar alguma importuna testemunha do seu ignominioso estado. Porém não se passou muito tempo que não sahisse da sua triste meditação: ouve passos ao seu lado, olha, e vê... Meledin, o seu amigo Meledin, que volta tão velho e tão acabrunhado como elle.

Encára-se os dois velhos largo espaço, sem atrever-se a romper o silencio. Sem embargo, serve-lhes de consolação o acharem-se reunidos. O primeiro que falou foi Meledin, que disse: “ Tu por aqui, formoso Amestant? — Tu por aqui, formoso Meledin? — Ai! sim, aqui estou. A nossa

mocidade não durou muito. — Por nossa culpa. — Que fizemos nós? — Loucuras. — Muito bem o vejo. » Então Amestan conta a sua aventura a Meledin, o qual lhe diz em resposta, quão mal soube aproveitar-se dos benefícios do Genio.

« Não te terá esquecido, meu querido Amestan, que o Genio me metteo no dedo hum precioso anel, por meio do qual eu devia conhecer todos os segredos dos homens para quem olhasse cara a cara. Formoso, remoçado, robusto, e forte, volto para Ispahan, formando pelo caminho os mais brilhantes projectos. Já me considerava poderoso, estimado, e respeitado. Que meio excellente, dizia eu comigo mesmo, para fazer em pouco tempo huma fortuna immensa! Quanto me não divertirei a observar todas as paixões, todas as miserias e pequenezas, todas as astucias, e todas as velhacarias dos homens! Se eu quizer, não dependerá senão de mim, passar pelo homem mais sábio da terra, por hum ente dotado de hum talento superior. Poderei tambem

prognosticar o futuro, e quasi sempre com acerto.

» Engolfado nestes pensamentos chego a Ispahan, e entro pelos jardins de Zurfa: atravessava a grande e formosa rua de Scearbach, quando dei com os olhos em huma velha baixinha, envolta em hum amplissimo véo, a qual levava debaixo do braço e com grande mysterio, hum grande cesto. Levanto o véo da velhinha, olho para ella cara a cara, e digo-lhe rindo: « olá, olá! tia, não he a mim que buscais: o magnifico senhor Akelibé estaria bem contente se soubesse a linda commissão de que vos encarregastes. » Ficou estupefacta a velha, e toda tremula me disse: « Em nome do Profeta, peço-vos que não me descubrais: verdade he que huma das mulheres do senhor Akelibé está apaixonadamente namorada de hum moço desta Cidade: ficou de ir ter com elle no lugar para onde levo este cesto cheio de frutas e de vinhos generosos. Por Mafoma vos peço, que não abuseis do segredo que alcançastes descobrir. » Eu estava morto de fome e sede, e por

tanto disse á velha : Nada receeis , tia , eu serei mais calado que hum mudo , se me quizerdes largar este cesto , pois que hoje em todo o dia não comi nem bebi cousa alguma. » Nem hum instante se demorou a velha : largou o cesto no chão , e deitou a fugir. Apoderei-me das provisões destinadas para os dois amantes , e entrei em hum formoso Caravançara , onde ceiei ás mil maravilhas , celebrando aquelle successo , e bemdizendo o Genio , a cujo maravilhoso anel devia taõ boa cêa. Lembrava-me de ti , bebia á tua saude , e pedia ao Profeta que te continuasse a sua protecção.

» Ainda não tinha acabado de ceiar , quando vejo entrar no Caravançara quatro moços aceados. Sentaõ-se ao pé de mim , tomaõ nexe , e principiaõ a contar varias aventuras amorosas , que excitaõ a minha curiosidade : quero tomar tambem parte no seu bom humor , e creio dar-lhes gosto contando-lhes a historia do senhor Akelibé , o que procurei fazer com todo o engenho e graça que me era possivel , accrescentando a isto muitos chistes que me dictavaõ o

bom vinho, o bom humor, e o desejo de agradar-lhes. Muito contente estava eu com o excellente papel que julgava fazer, quando o mais moço dos quatro se levanta, interrompe-me logo, e diz aos seus companheiros: « Eis-aqui o sujeito a quem buscamos, o mesmo que sabe os segredos dos meus amores, Amigos, he preciso que fiquemos certos do seu silencio, e para isso não vejo outro meio senão desfazer-nos d'elle. » No mesmo instante cahem sobre mim todos os quatro, e como cada hum delles trazia o seu páo na mão, sacodem-me com tanta violencia, que bem depressa teriaõ acabado comigo, se aos terriveis gritos que dava não tivessem acudido em meu soccorro todos os escravos que serviaõ no Caravançara. Com isto assustáraõ-se os meus assassinos, e fugiráõ; porém deixando-me mais morto que vivo. Por fortuna que as minhas feridas não eraõ perigosas, e graças ao cuidado com que me assistiráõ, em poucos dias me achei restabelecido.

» Ainda não tinha eu posto os pés em minha casa desde o dia da minha

transformação, e desejava ir a ella; encontrava porém huma grande difficuldade. “ Como, dizia eu comigo mesmo, poderia dar-me a conhecer á minha familia, e aos meus escravos? Sou agora mais moço que meus filhos: se lhes digo que sou seu pai, zombarão de mim, e me expulsarão vergonhosamente de minha propria casa. Occorre-me hum meio que deve ter feliz resultado. Escrevo ao chefe dos meus escravos, e digo-lhe que huma viagem indispensavel me obriga a ficar largo tempo ausente de Ispahan; e recommendo-lhe por tanto, que receba ao portador daquella carta, como se fôra outro eu mesmo, e que lhe obedeça em tudo até á minha volta, cujo dia não signalo. Chego a minha casa com esta ordem, que no mesmo instante he obedecida: mando em tudo como costumava d’antes, sem outra alguma differença mais que o meu fingido nome. Sem embargo, pareceo-me notar que a ausencia de seu pai não desagradava a meus filhos, pois que sem sujeição nem reflexão alguma, se entregavaõ a todos os seus caprichos. Meu

filho mais velho queria tirar-me huma escrava moça e formosa, que eu acabava de comprar para mim; e até o surpreendi hum dia a seus pés: atrevi-me a dar-lhe huma aspera reprehensão: respondêraõ-me ambos com hum sorriso de escarneo: perdi a paciencia: faltáraõ-me ao respeito: esqueço-me do papel que estou fazendo: sóbe-me o sangue á cabeça: enfureço-me: corresponde-me meu filho injuriando-me: quero-o fazer calar ameaçando-o: toda a familia toma o seu partido contra mim: declaro a meus filhos que sou seu pai: elles me declaraõ que sou hum doudo, e prégaõ comigo na rua.

„ Naõ podendo reclamar hum titulo, e direitos que ninguem teria julgado legitimos, fui-me viver em huma casinha no Atmeidan. Pela manhã hia dar os meus passeios por aquella formosa praça, onde os negociantes de todas as nações vaõ vender as suas ricas mercadorias. Ali podia contemplar a meu gosto o quadro movivel das paixões humanas. Via os compradores, os vendedores, os curiosos, os homens de bem,

e os velhacos. Levava no meu dedo o anel do Genio, e me divertia a descobrir os pensamentos mais occultos dos que passavaõ e tornavaõ a passar diante de mim. Lia na cara de todos os mercadores, o verdadeiro preço de cada cousa, e adquiria huma instrucçaõ que podia ser-me muito util algum dia, se naõ tivesse preferido antes manifestar os meus conhecimentos, que aproveitar-me delles. Dava excellentes conselhos aos compradores, indicava-lhes o preço verdadeiro das cousas que queriaõ comprar, porém deste bom comportamento me resultou muito mal, pois a pezar dos meus saõs conselhos, os necios deixavaõ-se sempre enganar, e até duvidavaõ de huma sciencia que contradizia os seus desejos. Em breve tempo me convenci, de que os caprichos e as paixões dos homens de bem fórmaõ huma grande parte da destreza e astucia dos velhacos, e que o homem que deseja com ansia, está já meio enganado.

» Em fim, tendo adquirido huma grande copia de observações novas e o-

riginaes , fiz diligencia por introduzir-me nas mais brilhantes assembléas, nos jogos , e nos divertimentos públicos. Dei-me a conhecer , e sem descobrir a ninguem o segredo do meu anel , dizia a respeito de todas as pessoas que encontrava cousas taõ curiosas , e que eraõ taõ conformes á verdade , que em breve tempo passei por hum homem extraordinario : eu triunfava , gozava orgulhoso da minha reputaçã e fama , quando pouco a pouco fui notando que todos fugiaõ de mim , até aquelles mesmos que mais se divertiaõ com as minhas lembranças originaes. Receavaõ-se de mim , como se eu fosse hum homem perigoso : todos aquelles a quem tinha communicado as minhas observaões a respeito das demais pessoas , achavaõ-nas taõ fundadas e exactas , que tambem receavaõ que eu as fizesse iguaes a seu respeito , e chegasse a publicar os seus defeitos. Ouvia muitas vezes a alguns dizerem , que eu era hum homem pérfido e máo , e li em algumas caras a intençãõ meia formada de lançar-me no rio Sandéron.

„ Até entãõ naõ tinha pensado se-
naõ em contentar a minha vaidade ; e
ainda naõ tinha feito cousa alguma pa-
ra melhorar de fortuna. Hum dia que
passeava, segundo o meu costume, na
praça do-Atmeidan, ouvi repentinamen-
te hum grande ruido. Dizia a gente,
que o grande Monarca Scha-Séfi estava
para sahir do seu palacio, e havia de
passar pela rua Scearbach, para encami-
nhar-se com todas as suas mulheres aos
jardins de Zurfa. Com effeito, abríraõ-
se logo as portas do palacio, e os es-
cravos empregados nelle, estendêraõ so-
bre as escadas de branco marmore os
tapetes mais ricos da Persia. Scha-Séfi
desceo pouco depois, escoltado dos gran-
des do seu Imperio. Monta em hum ar-
rogante cavallo arabe, cegando a vista
dos espectadores com o resplandor das
perolas, diamantes, e outras pedras pre-
ciosas. Os Cortezaõs, e todos os do seu
sequito hiaõ tambem montados em ca-
vallos de grande preço. Esta magnifica
cavalgada vai seguindo pausadamente
pela rua adiante. As mulheres vaõ em
liteiras, cobertas de ricos véos, e de télas,

de seda bórdadas de prata. O Visir vai ao lado do Soberano, que lhe fala com agrado e familiaridade. « O Visir goza agora mais que nunca de todo o favor de seu amo, diziaõ varios politicos, que se achavaõ casualmente ao pé de mim. » Olho attentamente para o Graõ Sultaõ, e ufano de poder manifestar o meu dom de profecia, digo bastante alto para ser ouvido dos que estavaõ ao meu lado: « Amanhã, o Graõ Visir receberá o fatal cordaõ. » Todos olháraõ huns para os outros attonitos, e rindo reconhecerá-me muito bem, e zombáraõ do meu prognostico.

» Pouco depois se dissipou aquelle immenso concurso de gente, indo-se cada qual retirando para sua casa; e no dia seguinte pela manhã cedo se soube que naquella noite tinha sido morto o Graõ Visir. Esta noticia espalhou-se por todo Ispahan juntamente com a minha profecia, e todos disseraõ: « Quem he este homem, que com tanta certeza goza da faculdade de adivinhar? He preciso, ou que seja inspirado do Profeta, ou que seja dotado de hum talen-

to superior ao dos demais homens. »
 O resultado de tudo isto foi, que em todas as partes não se falava senão de mim. Se sahia á rua, todos se apinhavam á roda de mim para ver-me, e deste modo cheguei a ser o objecto da curiosidade geral. O mesmo Graõ Scháséfi me mandou chamar : quiz ver-me, interrogar-me, e ouvir-me. Que dita ! Que gloria ! Que proveito não tirarei desta audiencia ! dizia eu comigo mesmo. Subo ao palacio do Sultão : achome na presença da sua Augusta pessoa : posso contempla-lo, e olhar para elle cara a cara em todo o esplendor do seu poder : prosterno-me aos seus pés : manda-me levantar, e diz-me : « Quem és tu, que adivinhas o futuro ? Quem te disse que morreria hoje o meu Visir ? — Oh vós, que sois o mais sábio e poderoso de todos os Sultões ! lhe respondi eu, mais brilhante que aquelle astro que reparte a sua luz pelo universo, dirvos-hei a verdade. Posso fazer-vos os mais importantes serviços, pois de huma só vista d'olhos, posso ler nos mais reconditos seios do coração humano. Pos-

so distinguir os que vos amaõ dos que vos aborrecem , e dissipar quanto os inimigos da vossa grandeza pódem maqui-
 nar contra vós. Nenhum segredo se me occulta. — Nenhum segredo ! me repli-
 ca o Sultaõ : vou fazer a experiencia. Responde-me agora : Porque mandei dar a morte ao meu Visir ? — Porque teve a imprudencia de recordar-vos a lei do Profeta , que prohibe aos verdadeiros crentes beber vinho. — Que fiz eu esta noite antes de pegar no somno ? — Cachimbastes aromas , e bebestes seis copos de vinho de Schiras. — Que sonhei eu ? — Sonhastes que ereis o sol , que o oceano naõ era mais que hum grande lago de vinho exquisito , que o absorvieis com os vossos raios. — A quem dei audiencia esta manhã ? — Ao Embaixador da China. — Que fiz eu nesta audiencia ? — Dormistes, Senhor. — Basta , naõ quero saber mais , disse o Graõ Sultaõ , com aspecto carrancudo e terrivel : ide , sahi já da minha presença : naõ quero que exista sobre a terra hum homem que conhece os meus mais occultos pensamentos , e que póde ler no

intimo do meu coração. Sahí já daqui. » Oh meu querido Amestan ! Que sobresalto não foi o meu ! Qual o meu terror ! Esperava as mais brilhantes recompensas , e o Sultão acabava de pronunciar a sentença da minha morte. Sáio do palacio , desço precipitadamente as escadas ; porém apenas me acho na rua , quando sinto que me fraquejaõ e vacillaõ as pernas : que o meu corpo se a curva , e que me cobre o peito huma barba mui comprida : acho-me de novo com os meus oitenta annos , e o anel maravilhoso desapareceo.

» Ainda bem não teria dado cem passos pela rua fóra , quando vejo chegar as guardas do Sultão. Hum delles agarra-me com força no braço , e diz-me : « velho barbudo , viste por ventura passar por aqui hum moço de vinte annos pouco mais ou menos , de formosa presença , bellas côres , cabello louro , e olhos mui vivos , o qual agora mesmo acaba de sahir do palacio de Scha-Séfi , e que sem dúvida tomou o mesmo caminho que tu levas ? — Que quereis a esse moço ? perguntei-lhes a

tremer. — Queremos cortar-lhe a cabeça. » Fizeraõ-me estas palavras estremecer: gelou-se-me o sangue nas vêas, e os poucos cabellos que tenho se me erriçáraõ : o temor do perigo fez-me perder a razaõ. Ponho os joelhos em terra, e exclamo: « Ah, senhores, tende compaixaõ de mim: perdoai-me, perdoai-me! Eu sou o desgraçado moço a quem buscais. » Os guardas estavaõ mui longe de esperar semelhante resposta. Os meus signaes eraõ absolutamente o contrario dos que lhes tinhaõ dado: daõ gargalhadas de riso, e seguem o seu caminho. Pouco a pouco vou perdendo o medo, e recobrando o uso da minha razaõ, de modo que já posso conhecer que a minha nova transformaçaõ me põe a cuberto das pesquisas dos meus inimigos: atravesso toda a Cidade, e me encaminho a estes sitios, com a esperanza de encontrar-te, no que vejo que me naõ enganei. »

« Naõ, por certo, disse Amestan, já vês que naõ fomos mais prudentes hum que o outro. Que lucro tirámos dos beneficios do Genio? Ah, se elle quizesse

restituir-no-los outra vez ! — Portar-nos-hemos melhor , disse Meledin ; porque como eramos taõ moços ... — Enganais-vos , responde-lhes huma voz em extremo suave ; que muito bem conhecêraõ que era a do Genio : enganais-vos, velhos chochos , esses desejos que ainda tendes , provaõ evidentemente , que a experiencia naõ póde corrigir-vos. Naõ he só a experiencia ou a razaõ , que falta aos homens na sua mocidade. Naõ he a ignorancia precisamente a causa dos seus desvarios , e das suas loucuras ; porém sim as suas paixões , que fazem calar a razaõ , e que os fazem esquecer das lições da experiencia. Depois de vinte naufragios , o piloto se faz todavia á vela ; embarca-se de novo no tempestuoso mar , que outras tantas vezes receou que fosse a sua sepultura. Os moços tem a experiencia dos erros de seus pais , e nem por isso saõ melhores nem mais sábios. Em vaõ as gerações passadas instruem as gerações presentes : as guerras mais funestas , as revoluções mais terriveis , cobriraõ de luto , de sangue , e de la grimas este pequeno globo , em

que as vossas paixões se agitarão até o fim do mundo.

„ Restituir á velhice a sua anterior robustez, e as suas inclinações, he restituir-lhe os erros da sua mocidade. Tu, Meledin, eras vaidoso, indiscreto, leviano, e inconsiderado: milhares de vezes tens sido enganado pela tua mesma indiscição e vaidade. Torna-te moço, e outra vez cairás nos mesmos defeitos.

„ Tu, Amestan, amas apaixonadamente as mulheres: milhares de vezes foste victima desta paixão; e se te restituirem aos teus floridos annos, outras tantas vezes o serás. Aquelle a quem não aproveitou a razão na sua mocidade, não lhe aproveitará tambem em quantas mocidades lhe restituíssem. A ultima mulher que amares, te parecerá sempre mais formosa, mais amorosa, e mais virtuosa que todas as outras, e dirás della o que dizias de Amelina: *he bum anjo: o seu coração he puro como o mesmo Ceo: não póde enganar-me.* Deixai de accusar o Ceo, nos vossos nescios delirios, de injusto, e de rigoroso. A

(88)

experiencia e a razaõ, dissipãõ os erros dos vossos sonhos : naõ saõ taõ lisonjeiras nem taõ agradaveis como as vossas illusões : porẽm he preciso gozar dellas como se goza da verdade. »

-



NECESSARIO E O SUPERFLUO.

Hum moço atravessava huma noite as ruas de Bagdad: era hum pobre official, chamado Ademdaí, o qual sahindo do seu trabalho, voltava socega-damente para sua casa, quando de repente ouviu hum grande ruido, e vio ao claraõ da lua, dois homens vestidos como negociantes Armeñios, que se defendiaõ contra seis ladrões. Ademdaí era valente e compassivo: voa em soccorro dos mais fracos; e ainda que naõ tinha mais que hum páo, houve-se com tal audacia e valor, que alcançou pôr em fuga os ladrões. Depois de huma acção taõ generosa, entra em sua casa, sem ter averiguado quem eraõ as pessoas que acabava de salvar, e sem contar com a recompensa de hum favor que fizera sem interesse algum.

No dia seguinte, seriaõ pouco mais ou menos dez horas da noite, estava

elle sentado ao lume, e queixando-se em alta voz da sua má sorte. « Que trabalho, dizia, não tem hum homem para ganhar hum triste alimento ! Trabalhei como hum forçado das galés, e não ganhei senão meia drachma. Oh Mafoma, se eu tivesse sómente o necessario, o simples necessario, seria mais ditoso que hum Visir ! »

Ainda bem não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouve bater á sua porta: levanta-se prontamente, e vai abrir, julgando que seria algum visirinho, que precisasse delle para alguma cousa. Porém, qual não foi o seu espanto, quando deo com os olhos em hum homem com hum vestido comprido tão branco como a neve ! Este desconhecido tem huma figura respeitavel e amavel ao mesmo tempo. Traz na mão direita huma varinha de ebano: hum turbante de huma alvura prodigiosa lhe cobre a cabeça, e huma barba branca e mui comprida lhe cahe sobre o peito. Ainda que Ademdaí era valente, não deixou naquella occasião de ter medo. O desconhecido lhe diz : « na-

da temas, Ademdaí: sou o teu Genio protector, e venho visitar-te para fazer-te bem. Ouvi o que acabas de proferir: não he o simples necessario que desejas? — Ah meu bom Genio! exclama Ademdaí, já mais socegado do seu sobresalto, não peço senão o simples necessario: posso acaso desejar menos? — Não sem dúvida, responde o Genio; porém em que consiste o simples necessario? que he necessario para o ter? — Bem pouco he preciso: com tanto que eu tenha todos os dias arroz com abundancia, lenha para coze-lo, e roupa para cobrir-me, eis-aqui quanto necessito para ser ditoso. — Que quantia de dinheiro queres para tudo isso? — Oh meu bom Genio! com huma drachma por dia creio que terei o necessario. — Bem está, disse o Genio, ahí tens oito drachmas: todos os oito dias virei á mesma hora, e se huma drachma não for bastante, dar-te-hei tudo o que me pedires, até que tenhas por fim o *simples necessario*; porém não quero dar-te o *superfluo*. » Ditas estas palavras, desapareceo o Genio.

Ademdaí, palpitando-lhe o coração de contente, contempla assombrado as oito drachmas que o Genio acaba de dar-lhe. « Oito drachmas de prata ! Nunca se tinha visto taõ rico : já ganhei o meu jornal, e sem trabalho : naõ será necessario matar-me a trabalhar todo o dia, para comer á noite hum pouco de arroz. » Dizendo isto, olha á roda de si, e entra em profunda meditação. « Pelo sepulcro do Profeta, diz, que sou hum nescio : esqueci-me de pedir ao meu bom Genio certas bagatelas, que me seriaõ muito necessarias. Naõ tenho hum traste se quer em minha casa, e he necessario que huma casa esteja mobilada. Tenho huma má cama, que naõ vale huma drachma : necessitaria de huma que fosse boa ; porque huma boa cama he cousa *necessaria*, pois o dormir he taõ necessario á vida, como o comer e beber. Naõ tenho onde sentar-me : necessito de algumas almofadas para mim, e outras para os meus amigos quando vêm visitar-me ; pois quando eu estiver sentado ao meu gosto, he necessario que elles naõ estejaõ em pé.

Necessito de huma meza para jantar ; pois quando hum homem janta, he necessario que esteja ao seu commodo. » Deste modo o pobre Adendaí vai-se lembrando de quanto julga necessario, e está muito impaciente por que volte o seu Genio protector : á noite, em quanto come o seu arroz cozido, busca todavia na sua imaginaçãõ, quaes saõ os objectos necessarios á sua felicidade. « He lastima, diz, naõ ter mais que huma drachma para gastar por dia : arroz só he muito secco, e sempre arroz enfastia. Queria poder ajuntar-lhe alguma cousa de quando em quando, ainda que naõ fosse senaõ nos dias de festa. O Genio me dirá que isso naõ he *necessario* : enganar-se-ha, e eu lho provarei. He necessario que o homem varie os seus manjares : para comer he necessario ter vontade ; e na verdade nada ma tira tanto, como comer sempre arroz. Os dias de festa saõ dias de alegria e prazer ; e que prazer pôde ter hum pobre que naõ come senaõ arroz. He por tanto necessario que eu varie de quando em quando de alimentos :

de mais disso, como o arroz he o que mais barato custa, o que eu pedi para cada dia já me não basta, se tenho de comer outra cousa que não seja arroz. Pedirei pois ao meu bom Genio huma drachma por dia, e duas para os dias de festa, e não he demasiado.

Chegou o bom Genio ao oitavo dia, como tinha promettido. Lança-se-lhe Ademdaí aos pés, e faz-lhe a enumeração de todas as necessidades, de que se tinha esquecido falar na primeira visita. Ouve-o o Genio tranquillamente, e lhe responde com doçura: « Guarda-te, Ademdaí, de pedir-me cousa alguma além do necessario: se me pedires o *superfluo*, abandono-te para sempre. » Então Ademdaí falando por seu turno, prova até á evidencia, que em tudo o que pede, não ha nada superfluo. O bom Genio fica convencido, e lhe dá quatro *dinares* de ouro, para que compre os trastes: concede-lhe a drachma dos dias de festa, e sahe depois de prometter voltar aos oito dias.

Ao amanhecer Ademdaí vai fazer as suas compras, e manda conduzir os

trastes para sua casa : sem embargo , faz huma reflexaõ que o atormenta , e he , que os trastes saõ inteiramente novos , e que a casa he muito velha : corre-a toda sem lhe escapar canto algum , e acha que precisa de grande concerto , pois que ameaça ruina : chama hum alvener , o qual lhe diz : « naõ te mettas a concertar este pardieiro , pois te custará muito menos construir outra casa inteiramente nova. »

Está desesperado o pobre Ademdaí : « ornar de trastes novos huma casa velha ! esta idéa he desarrasoada , e se a casa vem abaixo , acabará em hum instante com os trastes e com o dono. Naõ he por tanto *superfluo* reedificar huma casa quando he muito velha ; pois a primeira das necessidades , he estar a coberto , sem temer a cada instante ficar estropeado ou morto por algum madeiro , ou talvez por todo o tecto que se abata. »

Quando o bom Genio chega pela terceira vez , o pobre Ademdaí lhe communica as suas novas observações : o Genio ach'a que saõ taõ bem fundadas ,

que lhe dá no mesmo instante cincoenta *dinares* de ouro para a reedificação da sua casita.

« Que dita ! disse Ademdaí, que dita ter hum homem ás suas ordens hum Genio, que tem cuidado de o prover de quanto necessita ! Graças aos seus favores, nada me faltará daqui por diante. Não lhe pedirei senão as cousas que me sejaõ absolutamente necessarias, e nunca mas negará, pois que a mim nada me importa o *superfluo*: o *necessario* he tudo, o *superfluo* nada. »

Em breve tempo se achou Ademdaí senhor de huma casa nova, para a qual se muda com os seus trastes tambem novos, que não cessa de admirar e louvar, e vai-se sentando em todas as almofadas humas depois de outras: a sua cama he taõ boa, que sente ter de sahir della; ao que se ajunta, que com a drachma que tem de mais, póde regalar-se muito bem de oito em oito dias. Não ha dúvida que tem todo o necessario. O necessario ! Ah ! quem he que o tem estando só ! Póde haver algum bem de que se goze verdadeiramente,

naõ o desfructando em companhia de outra pessoa ? Quando se vê tanta gente que póde contar nos seus serralhos, vinte, trinta, e até quarenta mulheres formosas, he cousa *superflua* para hum homem, ter huma só? « Ora eis-aqui, dizia elle lá comsigo, tudo o que me falta. Ser-me-hia muito conveniente, já que tenho casa e trastes novos, ter tambem huma mulher ! A minha casa me pareceria cem vezes mais formosa, e tudo o que nella ha muito melhor. He necessario que pergunte ao meu Genio, se huma mulher he cousa *superflua*.

Com este pensamento na cabeça, vai passear á praça de Bagdad, e vê hum commerciante de escravas, rodeado de hum grande número de curiosos. Huma daquellas formosas moças, que o mercador tinha para vender, chama a attençaõ de todos pelo seu talhe airoso, e suas graças attractivas. Naõ se farta o bom Ademdaí de admira-la : pela primeira vez o seu coraçãõ começa a conhecer o amor. Qual naõ foi a sua inquietaçaõ, quando vio hum moço ricamente vestido chegar-se ao mer-

G

cador de escravas, e querer comprar justamente aquella que elle mais desejava possuir! Aquella moça, obrigada a levantar o seu véo, offereceo aos olhos de Ademdaí taõ rara belleza, que a muito custo pôde conter a sua admiracão. Fica immovel como huma estatua, enlevado inteiramente na complacencia de a ver, e receoso ao mesmo tempo de a perder.

« Esta rapariga he Georgiana, disse o mercador, naõ tem mais de dezoto annos, toca cithara, e canta com muito gosto, baila com indizivel graça, e reune todas as qualidades proprias do seu sexo. Peço por ella dois mil *dinners* de ouro. » O rival de Ademdaí offerece mil e quinhentos: Ademdaí está tremendo: o mercador naõ quer descer do preço que lhe poz, o que serve de alguma consolação a Ademdaí; porém o moço chega a offerecer mil e oitocentos, o que fez vacillar algum tanto o mercador, e o pobre Ademdaí estremeceo; porém em fim o mercador obstinou-se em naõ fazer abatimento algum, e o moço que naõ parecia taõ

loucamente namorado como Ademdaí, desistio da posse da formosa escrava.

O pobre Ademdaí soffreo aquelle dia huma terrivel ansiedade, que o amor ainda reduplicava. Por fortuna que o mercador sahio da praça de Bagdad sem concluir a venda da moça Georgiana.

O bom Genio devia vir aquella mesma noite a visitar o seu amigo. Ademdaí espera com a impaciencia do amor; e quando o Genio lhe bate á porta da casa, abrir-lhe, e lançar-se-lhe aos pés, tudo foi obra de hum instante para o pobre moço. « Que temos de novo, Ademdaí? lhe diz o Genio com o maior agrado. Que pena, que desgosto vejo pintado em teu rosto! Porque choras? Não te tenho concedido o *necessario*? » Ademdaí lhe responde a tremer: « Oh meu bom Genio! vós credes ter-me dado o *necessario*: dizei-me se huma mulher he cousa *superflua*. Estou eu por ventura sentenciado a viver só, sem huma companheira que me sirva de consolação na minha solidão? Se huma mulher he cousa *superflua*,

muito bem conheço que o *superfluo* he muito *necessario*. » Naõ pôde o Genio deixar de rir-se, e de dizer-lhe: « Tens razaõ, Ademdaí, necessitas de huma mulher: huma mulher he necessaria para a felicidade de hum homem de bem: pede em casamento a filha de algum dos officiaes que conheces, e naõ me opporei a isso: a tua casa he nova, está mobilada, e qualquer rapariga da tua classe pôde dar-se por muito feliz de ser tua esposa. — Infeliz de mim, diz suspirando o pobre Ademdaí; naõ era isto o que eu desejava: estou perdido de amores, e quando hum homem está em tal estado, naõ lhe he necessario possuir aquella a quem ama? — E muito necessario, diz o Genio. — Pois sendo isto assim, far-me-heis o mais feliz dos homens, visto que me tendes promettido o *necessario*. Amo com o maior excesso a huma joven escrava, de huma formosura . . . em huma palavra, naõ tenho visto cousa mais formosa; porém querem vende-la demasiado cara . . . para as minhas fracas posses. — Quanto? — Dois mil *dinares* de ou-

ro. — Cara he, diz o Genio; porém visto que estás namorado, este gasto he necessario. Se estivesses doente, não seria preciso comprar os remedios por qualquer preço que fosse? Toma, ahí tens os dois mil *dinares*. Dito isto, sahio o Genio, e deixou Ademdaí entregue aos maiores extremos da sua disparatada alegria.

Temos por consequencia o nosso bom namorado senhor do mais precioso thesouro, isto he, da mulher a quem ama. Sem dúvida que agora não se queixará de não ter o necessario; porém apenas a formosa Aseli, este o nome da escrava, põe os pés em casa de Ademdaí, quando recua espantada, dizendo: « Para onde me trazes? E he esta a casa em que hei de viver? Grandissimo tonto! compras para ti huma mulher destinada para o serralho de hum homem rico e poderoso? Serei escrava de hum miseravel, que não tem onde cahir morto? Onde foste buscar dois mil dinares de ouro para comprar-me? Sem dúvida que os roubaste. — Pobre de mim, diz Ademdaí suspirando, não

tinha mais que aquelles dois mil dinarees, e para possuir-te dei todas as minhas riquezas! Porém socega: não seremos ricos, não teremos o superfluo; porém ao menos teremos o necessario. »

Enganava-se na verdade, pois não tinha de mais com huma só drachma para gastar elle só, e agora tem que sustentar com ella duas pessoas; porém esta reflexão he algum tanto tardia. He preciso esperar que o Genio volte, e oito dias são hum prazo muito largo para quem vive pobre e desgraçado: vai comprar as suas provisões, e elle mesmo apronta a parca comida, que tem de repartir com a sua esposa.

Aseli porém recusa tomar alimento algum, e não cessa de chorar. Huma mulher tão moça, tão formosa, capaz com as suas graças e prendas de servir de brilhante e singular adorno ao serralho de hum Sultão, ou pelo menos de hum Visir, ver-se escrava de hum pobre official! Esta idéa a irrita, e quando o pobre Ademdaí lhe apresenta tremendo o arroz que acaba de guizar, ella o deita fóra desdenhosa e colérica.

Naõ póde igualmente sentar-se em assentos taõ duros : a cama que para o pobre Adendaí he taõ boa , para ella he a mais miseravel de todas.

Se o infeliz se atreve a falar-lhe do seu amor, a formosa Aseli lhe replica com o maior desprezo , dizendo-lhe : « Como tens o atrevimento de apresentar-te diante de mim com esse vestido grosseiro e asqueroso ? Tu aseguras que tens hum bom Genio , que te dá sempre o necessario ; e julga elle por ventura que he superfluo vestir-te com alguma decencia ? E eu , desgraçada de mim ! brevemente terei de vestir-me de miseraveis farrapos , para accommodar-me á minha triste situaçaõ. Se naõ fosse a tua loucura , eu me veria adornada com as mais ricas telas da India. E sendo tu a causa de todos os meus males , queres que te ame ? Ah ! o mais que posso fazer he naõ aborrecer-te ! »

Entristecêraõ estas palavras a Adendaí , que se considerou cem vezes mais desgraçado do que o tinha sido no tempo da sua maior miçeria. Porém finalmente o Genio volta passados os oito

dias da sua costumada ausencia. Corre Ademdaí ao seu encontro, e lhe diz com a maior amargura: « Tinheis-me promettido o necessario, e sou o mais desgraçado de todos os homens. — E entaõ como? lhe responde o Genio admirado: naõ te tenho dado tudo quanto me tens pedido? — Por certo que sim; porém tambem he certo que sou hum nescio. Persuadia-me que o necessario consistia em poucas cousas, e vejo que me enganava. — Pois entaõ explica-te claramente. — Tinheis-me permittido que tivesse huma mulher como cousa necessaria: eu naõ tinha mais que huma drachma por dia para gastar, e agora augmentou-se-me a despeza. E visto que era necessario que eu tivesse huma mulher, naõ o he igualmente sustentala? — Muito necessario. — Pois a minha naõ quer nem comer, nem beber, nem dormir: consome-a a tristeza, assim como a mim. Os pratos que eu lhe apresento, e com os quaes eu me contentava, saõ demasiado grosseiros para hum paladar taõ delicado como o seu: o que era *necessario* para

mim, não he o *necessario* para ella.

„ Porém visto que a comprei, e que a amo mais que a minha vida, não he *necessario* que eu lhe dê o *necessario*? — Não ha cousa mais justa, responde o Genio: quanto queres por dia para comprar-lhe tudo o que ella necessita? — Ainda não lhe fiz bem a conta; porém creio que com dois tomanes (*) poderemos viver ambos muito bem, porém sem nada *superfluo*. — Muito bem, se não he preciso mais que isso, diz o Genio, toma dezasseis tomanes para os oito dias. Passado este termo tornarei a ver-te, e me dirás se te falta ainda alguma cousa, para que chegues por fim a ter o *necessario* que te quero dar. „

Estava o Genio para partir, porém Ademdaí o chama novamente, e lhe diz: “ Ah, tenho todavia bastantes cousas que pedir-vos! Amo a Aseli extremamente, e he *necessario* que ella tambem me ame. — Sem dúvida que sim, res-

(*) Moeda da Persia.

ponde o Genio. — Ella não póde ver-me com os vestidos que trago, e diz, que se não fôra por causa de mim, teria sido mulher de algum sujeito moço, rico, e magnifico. Se he *necessario* que eu lhe agrade, deveis conhecer que he necessario que eu mude de trajos: por tanto, huns vestidos ricos e de luxo não seraõ cousa *superflua*. — Tens sobrada razaõ. — Diz de mais disso, que por culpa minha, he que se não vê adornada com as telas mais formosas, e mais finas roupas, pois não ha dúvida que lhe agradaõ muito os enfeites. Se quero ser amado, he *necessario* que eu lhe dê aquillo de que ella gosta. — Quem o duvida? — Tem muitas prendas, canta e toca cithara, e será preciso que perca todo o fructo da mais brilhante educaçaõ? Quando huma pessoa he dotada de prendas, não he *necessario* que as exercite? Por tanto, quereria comprar-lhe huma excellente cithara, no que lhe daria muito gosto. — Quanto me pedes parece-me muito *necessario*, disse o Genio; porém que poderá custar tudo isso? — Humas mil peças de ou-

ro, respondeo Ademdaí. — Ahi as tens; adeos, procura alcançar o que he *necessario*. E dizendo isto, retirou-se o Genio como era costume, e Ademdaí entra em sua casa, rebentando-lhe a alegria pelos olhos, e sem poder dissimula-la por mais que queira, pois seu intento he sobresaltar a Aseli do modo mais agradavel. Assim, naõ lhe diz palavra da conversaçãõ que acaba de ter com o bom Genio, e sahe muito cedo para fazer as suas compras. Principia por vestir-se com as roupas mais ricas e formosas; e vendo-se taõ brilhante, entra em sua casa seguido de grande numero de mercadores, admirados de ver que hum homem taõ rico, segundo parece, habite huma casa taõ pobre. Aseli naõ podia comprehender o que significava tudo isso, e até lhe custou muito a reconhecer a Ademdaí com vestidos taõ magnificos; porém elle, chegando-se mais, lhe disse: « Naõ te tinha eu dito que hum bom Genio me concedia tudo o que me era necessario? Socega-te, Aseli, que naõ te faltará nada, com tanto que naõ peças nada

de superfluo. Escolhe de todas estas riquissimas telas as que melhor te parecerem. » Agradárao muito a Aseli estas palavras, e o que as proferia, e ella foi escolhendo as que mais erao do seu gosto; e como era mulher que sabia prever o futuro, escolheu para o *necessario* presente, e para o *necessario* futuro, e tambem huma cithara que lhe pareceo excellente; e pondo-se logo a tocar e a cantar, deixou embasbacado o bom Ademdaí, que muito bem devia entender o sentido da cançao, que era a seguinte :

Dos rigores da sorte naõ te queixes,
 Pois que da dita tocas o alto cume ;
 Os amantes sensiveis , generosos ,
 Gozaõ do bem de amor , porque amar sabem.
 Todo aquelle que obsequios nos tributa
 Entrega-se tranquillo á esperanza ,
 Porque amor em os nossos coraçõs
 Nasce da gratidaõ filho querido.

Ao ouvir estas palavras , o joven Ademdaí naõ coube em si de contentamento. Paga a cithara e as telas , e despede os mercadores. Visto que he ama-

do , que lhe falta? não tem o *necessario*?

Os tres primeiros dias foraõ os mais agradaveis para os dois amantes. No quarto dia , seriaõ seis horas da tarde , sahio Ademdaí a tomar o fresco ; e depois de ter passeado bastante tempo , voltava para sua casa , e quando já se achava proximo a ella , observou que hum homem a andava rondando. Reparou que estava muito bem vestido , e que quando percebeo que o espreitavaõ , se foi escoando , protegido da escuridaõ. Não he brincadeira , dizia Ademdaí lá comsigo , e quem me diz que este homem não tenha intentos de introduzir-se em minha casa , para seduzir a minha joven escrava? Porque he ella taõ formosa? . . . Se a vio , estará sem dúvida namorado della. Até me parece que o reconheci. Sim , he o tal moço que outro dia offerencia por ella mil e oitocentos dinares , he o mesmo ; estou certo disso. Porém eu saberei muito bem oppor-me aos seus projectos , pois não sahirei de casa , nem muito nem pouco. Entra em sua casa com o rosto todo

alterado, e quazi sem poder respirar. Dá Aseli mostras da maior inquietação, vendo-o naquelle estado, e lhe pergunta o que tem: mas elle não responde, e só de quando em quando lhe lança huns olhos colericos e ferozes, como se buscasse nos olhos della o segredo de hum crime que está a ponto de castigar, ainda antes de o ter descoberto. Finalmente, não podendo já conter por mais tempo os negros ciumes que o atormentaõ, pergunta-lhe se vio alguém. Jura-lhe Aseli que não; porém elle fita os olhos nella com o sorriso amargo da dúvida. Perdeo o descanso e a felicidade. Oh zelos crueis, sois huma enfermidade terrivel! Os mesmos meios que se empregãõ para serená-los, não fazem senão irritá-los mais. Logo que penetrais no coração de hum infeliz, o despedaçais quaes venenosas serpes: o vosso fogo occulto e comprimido, consome todo genero de felicidade: apresentais-lhe fantasmas que o espantaõ: crê quanto suspeita, e suspeita o impossivel: a sua propria' sombra o faz estremecer.

(III)

Tal he a situação do pobre Ademdaí : não se atreve a afastar-se da casa que encerra hum thesouro , tanto mais precioso para elle , quanto maior he o receio que tem de o perder a cada instante ; e quando o bom Genio chega , he para o encontrar ainda mais desgraçado. « E então , diz-lhe o Genio , não tens todavia o *necessario* ? — Ai de mim ! ainda falta muito para isso ! — Que he o que te falta ? — Não he necessario , responde Ademdaí , que hum homem saia de quando em quando de sua casa , já para cuidar dos seus negocios , já para fazer exercicio ? — Por certo que sim. — Não he necessario que hum homem que possue huma escrava formosa , e que a ama , esteja seguro de que não lha arrebataraõ ? — Sim , esta segurança he necessaria para a sua felicidade. — Em tal caso , meu Genio bemfeitor , se eu ficar sempre em casa , acabarei por cahir doente ; e se sahir , quem me responderá pela minha escrava ? He necessario que compre eunucos , e sou demasiado pobre para isso. — Eunucos ! diz o Genio admirado. — Sim , eunucos,

Naõ he huma cousa necessaria para a segurança dos maridos? E será preciso morrer de zelos por naõ poder comprar alguns miseraveis eunucos? Naõ, naõ me parece que seja necessario deixar-se morrer por taõ pouca cousa. — Quantos eunucos necessitas? — O seu numero, responde Ademdaí, deve depender do grão de ciumes do que os compra. Se naõ fõra muito cioso, necessaria poucos eunucos; porém sou taõ cioso como hum tigre, e confessar-vos-hei francamente, que com seis eunucos ainda me naõ daria por muito seguro. Por tanto, se a tranquillidade do animo naõ he cousa *superflua*, seis eunucos me saõ absolutamente *necessarios*. » O Genio naõ tem que responder a este argumento, e o moço continúa: « Pelo vosso silencio conheço que o approvais. De mais disso, a minha casa he taõ pequena, que apenas cabemos nella Aseli e eu; e por tanto, se tenho seis eunucos he *necessario* que lhes d alojamento, sustento, vestuario, etc. Tudo isto me custará mais de dois tomanes que me dais para o gasto diario.

Agora pois, se a minha casa he pequena, não he *superfluo* comprar outra maior. E outro dia passeando pelo melhor bairro de Bagdad, vi que estava para vender-se humma casa mui linda e muito bem mobilada; e não ha dúvida que me conviria muito bem, porém he algum tanto cara. — Não importa, diz o Genio, he humma cousa necessaria, e eu prometti dar-te o *necessario*. — Bem vedes; replicou Ademdaí, que não vos tenho pedido nada de *superfluo*. — Não, certamente, e louvo a tua discrição. Quanto vale aquella casa? — Quinze mil tomanes. — Então o Genio lhe dá humma ordem de quinze mil tomanes para os ir cobrar na thesouraria do Califá, e accrescenta outros quinhentos tomanes para comprar os seis eunucos. « Ah, bom Genio, exclama o moço, quanto te devo por tantos beneficios! Não me falta já senão humma só cousa, que he indispensavel. Sendo a minha casa maior, he necessario que seja bem servida: que os trastes e os quartos estejam sempre mui limpos e aceados. A limpeza he *necessaria*. Não terei cousa

superflua se comprar dois escravos para que cuidem do aceio de minha casa. — Sim, responde o Genio, dois escravos não serão de mais. — Tanto mais que os meus eunucos, tendo de occupar-se em vigiar o objecto do meu amor, não lhes faltará que fazer. Seremos entre todos dez pessoas, que será preciso sustentar: com os dois tomanes que me dais por dia, não terei o *necessario*; e para sustentar huma casa como a minha, com vinte tomanes por dia não haverá *superfluo*. — Seja embora, disse o Genio, ahí tens cento e sessenta tomanes para os oito dias, e duzentos para comprar os dois escravos, que te são *necessarios*.

Dizendo isto, desapareceu o Genio. No dia seguinte pela manhã cedo, levantou-se Ademdaí, e foi procurar o dono da linda casa que estava para vender-se. No mesmo instante se concluiu a venda, e ficou dono da casa. Foi comprar logo os dois escravos e os seis eunucos, e com todo este acompanhamento foi ter com Aseli para colloca-la em huma habitação mais digna della.

A casa he magnifica e commodamente distribuida: ha nella muito boas cosinhas, grandes cavallarices, e quartos e salas soberbas. Separado do corpo principal do edificio, ha hum formoso pavilhão destinado para servir de harem. Os móveis são de exquisito gosto, magnificos, e todos novos. Ademdaí tem por visinhos outros moços como elle, ricos, amaveis, e muito inclinados a gozar dos prazeres da vida.

Ao outro dia da sua chegada, forão vê-lo, e manifestar-lhe com a maior franqueza e affecto, a satisfação que tinha em o ter por visinho, e com isto lhe déraõ magnificos banquetes em demonstração de obsequio.

As mulheres destes bons visinhos quizerão tambem conhecer a formosa Aseli; e por tanto, alcançaraõ de seus maridos faculdade para a irem ver e obsequiar. Passados oito dias torna o Genio a visitar o seu protegido, e foi extraordinario o seu espanto, quando o vio abysmado na mais profunda melancolia. « Donde procede esta tristeza, Ademdaí? não estás contente com as

tuas novas riquezas? — O mais que pôde ser, respondeo o moço. Tenho os melhores visinhos do mundo: celebrá-raõ a minha chegada com festas magnificas. — Entaõ debes dar-te por ditoso. — Ditoso! ah bom Genio! Quando hum homem recebe obsequios, naõ he necessario que tambem corresponda nos mesmos termos? — Certamente, assim o exige a boa criaçaõ. — Naõ he necessario retribuir-lhes pouco mais ou menos á proporçaõ do que se recebeu? — Sim, e em semelhantes casos naõ se deve ser mesquinho. — Naõ he necessario que as pessoas que me fizé-raõ a honra de convidar-me ás suas festas, se achem pouco mais ou menos em minha casa taõ bem como na sua? — He absolutamente necessario. Se procedesses de outro modo, diriaõ que eras hum avaro, e zombariaõ de ti. — Pois entaõ, respondeo Adendaí, os meus amigos me déraõ os mais delicados banquetes, e durante a comida ouvia-se huma musica harmoniosa, e ardiaõ em brazeirinhos de finissimo ouro exquisitos perfumes. Os salões estavaõ igual-

mente illuminados com resplandecentes lustres, e castiças collocados com graciosa symmetria. E antes de se tirarem as mezas, algumas quadrilhas de formosas dançarinas ostentáraõ as suas graças em voluptuosos bailes. Como farei para pagar aos meus visinhos taõ delicados obsequios? Tenho eu por ventura baixella de ouro ou de prata? Sou bastante rico para queimar perfumes? Tenho musicos e dançarinas á minha disposiçaõ? bastantes escravos para servir a tantos amigos? hum habil cosinheiro para preparar pratos taõ exquisitos? Ah! bem vedes quaõ longe estou de ter o *necessario*. — Tens razã, replicou o Genio, naõ tinhamos pensado em tudo isso. Quero reparar hum esquecimento, de que tambem te debes accusar a ti. Amanhã mesmo te enviarei huma riquissima baixella, escravos para servir-te, perfumes, bailarinas, musicos, e sobre tudo hum excellente cosinheiro. — Sim, respondeo Ademdaí, enviar-me-heis tudo isso; porém enviar-me-heis ao mesmo tempo tudo o que he necessario para sustentar

e pagar a tanta gente. Não tenho mais de vinte tomanes diários, e desde agora necessitarei de cincoenta pelo menos. — Bem está, dar-te-hei cincoenta, disse o Genio. »

No dia seguinte vê Ademdaí chegar hum rancho numeroso de escravos, bailarinas, musicos, o cosinheiro, e todo o seu trem. Banquetea os seus amigos com a maior magnificencia, assim como elles o tinhaõ banqueteados, e passa oito dias em festas e prazeres.

Vem o Genio ve-lo para tomar parte na sua felicidade, porém encontra-o menos ditoso do que elle tinha imaginado. « Ah, meu bom Genio! diz-lhe Ademdaí, confio todavia na vossa generosidade, pois que ainda não tenho o simples necessario. — Como he isso, diz o Genio, quando eu me persuadia que eras o mais ditoso dos homens? — Pois não o sou. Vêde os meus visinhos e amigos, que tem hum numero consideravel de mulheres, todas moças e bonitas, quando eu não tenho senão huma. — E entãõ, são necessarias mais! — Ah! ter-me-hia o Profe-

ta permittido ter muitas, se o não tivesse julgado necessario? Só a gente ordinaria, os miseraveis, se contentaõ com huma mulher; porque saõ demasiado pobres para sustentar maior numero dellas, e porque não tem o *necessario*. Vejo que todos os homens que tem o necessario, tem mais de huma mulher.

— Quantas necessitas? diz o Genio.

— Os meus visinhos e amigos tem trinta, quarenta, e tambem cincoenta; porém com vinte mulheres creio que terei o *necessario*. — Vinte mulheres! Sem embargo do que dizes, parece-me *superfluo*, diz o Genio. Huma só basta para a felicidade: vinte não podem satisfazer senão a vaidade, e vejo com lastima que tens vaidade. — Quem he que a não tem? responde Ademdaí: se não considerais a vaidade como *necessaria*, quanta gente tem o *superfluo*? Sim, tenho vaidade, convenho nisso, e he necessario que a satisfaça, se quero ser ditoso. — Necessitas absolutamente de vinte mulheres? — Sim, e além disso de muito maior renda para o seu sustento e adorno. Devem vestir-

se com esplendor, para que por este lado não tenhaõ motivo para zombar de mim os meus opulentos visinhos. — Assim seja: ámanhã hum mercador de escravas te trará vinte formosas Georgianas, que não te custaraõ nada, e triplico a quantia que te dou para os gastos da tua casa. — Quantos agradecimentos vos devo! disse Adendaí, visto que me concedeis tudo quanto vos peço. Tambem podieis estar certo que estou mui longe de abusar dos vossos favores, pois até agora não tenho pedido nada *superfluo*. Permittir-me-heis porém que vos faça huma reflexaõ: se me concedeis vinte mulheres, como cousa necessaria, conceder-me-heis tambem dois eunucos para cuidar de cada huma dellas. Ha gente que tem hum numero maior, e quando hum homem tem vinte mulheres, he necessario que estejaõ bem guardadas. — Tens muita razaõ, disse o Genio: ámanhã receberás as vinte mulheres, e os quarenta eunucos; porém como a tua despeza augmentará consideravelmente, dar-te-hei duzentos tomanes por dia. Boas noites. »

Cumprio o Genio no dia seguinte pontualmente a sua palavra. Porém os vizinhos de Ademdaí huns atraz dos outros vinhaõ despedir-se delle, o que muito o desgostava, pois que se veria privado de huma sociedade muito agradável, á qual já estava costumado. Verdade he que naõ se despediaõ por muito tempo, mas só por alguns dias, pois os hiaõ passar fóra da terra, nas formosas casas de campo que tinhaõ nos arredores de Bagdad, onde queriaõ gozar da bella estaçaõ em companhia das suas mulheres e escravos.

Achaõ-se tambem com isto as mulheres de Ademdaí privadas de todo trato, e sem communicaçãõ com pessoa alguma de fóra. Raras vezes sahem do harem, levando deste modo hum genero de vida taõ triste, que em breve tempo cahem doentes com a melancolia e aborrecimento que as consome. Ademdaí tambem anda aborrido, pois naõ sabe já em que empregar o dia; e desconsola-se por naõ ser bastante rico para comprar tambem huma quinta a algumas legoas de Bagdad. Por conse-

quencia , quando vio o Genio , falou-lhe nestes termos : « Estou na verdade envergonhado , meu bom Genio , de ter ainda que pedir-vos alguma cousa ; porém vós tendes a culpa. Promettes-tes-me o *necessario* , e eu quero perguntar-vos , se não he *necessario* que as minhas mulheres gozem boa saude ; pois ellas vão-se definhando , cahem doentes , e morrerão indubitavelmente. Todos os médicos a quem consultei , estão conformes em dizer que he preciso que respirem o ar do campo. Derramastes sobre mim mil bens ; porém o primeiro , o mais *necessario* de todos os thesouros he a saude , e a minha vai a peor todos os dias. Não he *necessario* que hum homem tenha huma occupaçaõ , que o interesse e divirta ? O ar do campo curar-me-hia dos meus males : huma quinta nas visinhanças de Bagdad me occuparia agradavelmente , e me obrigaria a fazer exercicio. Bem sabeis que o exercicio he *necessario* ao homem ; e por tanto o que vos peço não he *superfluo*. — E por tanto eu o approvo , lhe responde o Genio. As razões que

acabas de dar-me saõ excellentes. Sim, huma casa de campo te he *necessaria*. Os meus amigos, continúa Ademdaí, disséraõ-me que tinhaõ noticia de huma formosa quinta, que me conviria muito bem, pois só dista de Bagdad humas tres legoas pequenas, no caminho de Bassora. As casas saõ espaçosas, o que he necessario para alojar as mulheres, os eunucos, e os outros escravos que me déstes: dependentes destas ha outras differentes casas mais pequenas, que se pódem alugar, cujo rendimento junto com o da fazenda, será *necessario* para conservar, reparar, e aformosear a casa principal. O que nisto ha de máo, he que pedem muito caro por ella, querem huns cem mil tomanes. — Bem está, disse o Genio, ámanhã essa magnifica fazenda será tua. — Oh Graõ Mafoma, quaõ ditoso sou! exclamou Ademdaí. Com tudo, tinha ainda que pedir-vos huma bagatela. Se chegar a ser dono dessa fazenda, necessitarei de maior numero de escravos, jardineiros, trabalhadores, etc. Necessitarei de bestas para lavrar as minhas

terras : pelo menos huns trinta cavallos, para levar e trazer do campo as minhas mulheres, eunucos, trastes, e quanto puder necessitar. O que agora peço he absolutamente *necessario*. — Sim, disse o Genio, amanhã terás os trinta cavallos, as bestas, e os escravos que te saõ necessarios. »

No dia seguinte foi Ademdaí para a magnifica quinta de que já he senhor ; e leva tambem o seu harem, e todos os seus escravos, tendo o gosto de encontrar na sua visinhança os seus bons amigos de Bagdad, que lhe daõ excellentes conselhos para aformosar a sua casa, e beneficiar as suas terras.

Passados oito dias fez hum a breve viagem a Bagdad, para ver o seu Genio, que assim o tinha exigido delle. « Entaõ, lhe diz o Genio, tens por fim o *necessario*? — Quasi, quasi, respondeo Ademdaí, porém naõ inteiramente. A fazenda que acabo de comprar he excellente ; porém póde muito bem valer o dobrado. Os que a possuiaõ antes de mim eraõ huns tontos, que semeavaõ arroz em terras onde o trigo daria

vinte e cinco por hum. Ha grandes alagoas e pantanos, que poderiaõ converter-se em frondosos prados, e terrenos incultos que dariaõ muito se os cultivassem. Convireis pois comigo, que quando hum homem tem a dita de possuir huma fazenda de tanto valor, he *necessario*, e até indispensavel tratar de a melhorar, pois seria hum nescio, quem podendo-o fazer, naõ augmentasse a sua propriedade. O meu jardim, continuou Ademdaí, he espaçoso; porém he necessario fazer nelle muita obra, e muda-lo todo absolutamente: o terreno he esteril, e eu o faria excelente se pudesse conduzir para ali a agua de hum riacho, que passa a hum quarto de legoa da casa. Quando alguem tem hum jardim, convireis em que he *necessario* fertilisa-lo e aformosea-lo. — Muito bem, disse o Genio, que he o que te impede de executar todas essas obras? — Naõ tenho o dinheiro necessario, e estas differentes bemfeitorias me custariaõ vinte mil tomanes. » Dá-lhe ainda o Genio huma ordem para ir receber os vinte mil tomanes da

thesouraria do Califa. Ademdaí, depois de lhe ter dado os mais sinceros agradecimentos, volta para a sua casa de campo; porém logo que chegou dêraõ-lhe huma noticia que o encolerisou muito. Hum dos seus visinhos, dono de huma miseravel fazendinha, quer atac-lo em juizo, porque os gados de Ademdaí lhe comêraõ todo o verde que tinha plantado, e aquelle infeliz se tinha queixado ao tribunal do Cadí. O Cadí, depois de ouvir ambas as partes, deo sentença contra o pobre, em attençãõ ás grandes riquezas de Ademdaí.

O desgraçado visinho morreo poucos dias depois daquella iniqua sentença; e como naõ tinha herdeiros forçados, os seus limitados bens pertenciaõ de direito ao Califa. Quando Ademdaí soube esta boa noticia, corre a Bagdad, onde estava seguro de achar o seu bom Genio. « Naõ he verdade, meu Genio protector, lhe diz, naõ he verdade que he *necessario* para ser ditoso naõ ter pleitos? — Mui necessario. — Pois sabei que acabo de ter huma demanda com hum dos meus visinhos, o qual,

graças ao Ceo, morreo sem herdeiros, deixando ao Califa Haroum-Al-Raschid huma miseravel choça, e huma fazendinha mui pequena. O Califa sem dúvida mandará vender estes bens, e se eu os não compro, talvez que pelo tempo adiante tenha alguma demanda com outro qualquer visinho tão teimoso como o anterior. E já que dizeis que he *necessario* não ter demandas, não será *superfluo* que eu possua huma cousa que póde dar lugar a elles. — A tua petição parece-me justa, Ademdaí, e não tenho que replicar a tão boas razões. Amanhã pela manhã te apresentará na audiencia do Califa: sou seu amigo intimo, e nunca me recusou cousa alguma das que lhe tenho pedido. Quando tu appareceres já estará prevenido, e sem dúvida fará a teu favor o que eu lhe aconselhar. »

Voltou Ademdaí para sua casa, e contente com as ultimas palavras do Genio, dormio socegradamente, olhando como certo o ver com toda a brevidade reunida a choça do pobre visinho ás suas grandes fazendas.

No dia seguinte levanta-se á pressa, e parte voando para a audiencia do Califa. O grande Haroum-Al-Raschid estava sentado no seu throno todo resplandecente de ouro e pedrarias. Os seus Cortezaõs, e os Doutores da Lei, estavaõ reunidos á roda d'elle. Ademdaí estremece aproximando-se ao throno, onde está sentada a sagrada pessoa do *Grão Senbor*. Porém, qual não foi o seu sobresalto, o seu espanto, quando no Califa reconheceo o bom Genio que lhe tinha promettido o *necessario*, e que muito tempo ha não cessa de o beneficiar com tanta generosidade! Fica immovel, e não se atreve a proferir palavra. O grande Haroum-Al-Raschid lhe diz rindo-se: « Vejo a tua admiração, Ademdaí. Reconhece em mim hum dos Mercadores Armenios a quem salvaste a vida. Tinha resolvido recompensar-te de hum modo digno de mim, e de taõ grande serviço. Porém ao mesmo tempo queria occultar o meu agradecimento, e gozar secretamente da felicidade que queria derramar sobre ti. Tomei hum vestido extraordinario, para surprehen-

der a tua imaginaçãõ, e persuadir-te que eu era hum daquelles espiritos dotados de hum poder sobrenatural, a que commummente damos o nome de *Genios*. A primeira vez que dirigi os meus passos para a tua humilde cabana, gozava já de antemaõ do sobresalto que te havia de causar. Fui dar contigo só, no canto da tua chaminé, prestei ouvido attento ao que dizias, e vim no conhecimento que os teus desejos naõ se estendiaõ além do simples *necessario*: quiz conhecer por experiencia o que se entende por esta palavra, e que limites separaõ o *necessario* do *superfluo*. Retracto-me já de taõ indiscreta promessa. Sou o mais poderoso de todos os Reis, e naõ poderia dar-te o *necessario*, ainda quando te dêsse o meu throno, e os meus thesouros. Vós, sábios Doutores, accrescentou o Califa, discorrei agora sobre o *necessario*, e o *superfluo*. Eis-ahi hum homem que tirei da ultima miseria. Dei-lhe successivamente mais de duzentos mil tomanes; a sua riqueza he assombrosa para hum particular; possue huma das mais lindas

casas de Bagdad, huma soberba fazenda a tres legoas da Cidade; tem vinte mulheres formosas no seu harem, hum numero consideravel de eunucos, cem escravos para servi-lo, cincoenta cavallos nas suas cavallariças. Pois enchendo-o de riquezas, não lhe dei todavia o *necessario*. Bem vejo agora que o *superfluo* he hum ente quimerico, e que ninguem o possue. O *necessario* do homem he hum abysmo, em que o universo inteiro se precipitaria sem o poder encher. ”

” Vai-te pois com Deos, Ademdaí: deixo-te todos os bens que te tenho dado; saõ o premio do serviço que me fizeste. Porém desisto de dar-te o *necessario*; e visto que he preciso que o homem deseje alguma cousa, nunca possuirás aquella humilde choça, que fórma agora o objecto da tua ambição. ”

Assim falou o Califa, e o pobre Ademdaí toma tristemente o caminho da sua formosa casa de campo. Milhares de vezes, recostado em brandas almofadas, e gozando todos os prazeres

(131)

do luxo Oriental, olha com desdém para os sumptuosos móveis que lhe adornão a sua habitação, e diz com hum profundo suspiro: *Oh Mafoma! por que razaõ não tenho o necessario?*

~~~~~

---

# O CALIFA ALMANZOR,

O U

COMO SE CONHECEM OS HOMENS.

---

**F***ana Kosrou*, appellidado Adhad-Eddoulat, foi hum dos maiores Sobe-  
ranos do Oriente. Guerreiro celebre,  
conquistador nobre e generoso, politico  
habil, reunia em si quazi todos os ta-  
lentos, e as virtudes que fazem passar o  
nome dos Reis á posteridade mais re-  
mota. Depois de ter sujeitado os Per-  
sas com o poder das suas armas, de-  
pois de ter-se apoderado de Bagdad,  
Corte dos Califas, e de ter-se sentado  
no throno dos seus Monarcas, imagem  
do Profeta, entretinha-se hum dia fa-  
miliarmente com os principaes personá-  
gens da sua Corte; procurava com el-  
les achar o meio de fazer ditosos os  
povos, cujo governo a Providencia lhe  
tinha confiado, e discorriaõ sobre o mo-

do como devia portar-se hum Soberano, para não ser enganado, e conhecer bem o verdadeiro merecimento das pessoas que de contínuo lhe falaõ.

Os Cortezaõs de Adhad-Eddoulat davaõ o seu parecer successivamente huns depois de outros : Adhad os escutava sorrindo-se, pois via que a maior parte delles lhe inculcavaõ precisamente os meios mais seguros para ser enganado. Achava-se entre elles hum Doutor, respeitado em Bagdad, não só pelos seus vastos conhecimentos, mas tambem pela sua probidade e nobre franqueza. Chamava-se este sábio, Morad; guardava profundo silencio, e deixava falar a todos aquelles que davaõ conselhos, em que transluzia o seu proprio interesse. Adhad-Eddoulat olha para elle, e diz-lhe: « E tu, Morad, porque não dás o teu conselho como os mais? Recusarás manifestar-me a tua opiniaõ, na sciencia mais util aos Soberanos? Dize-me pois, qual he o meio mais seguro para bem julgar do merecimento dos homens? — Senhor, responde Morad, em quanto os vossos Cortezaõs vos da-

yaõ, sobre este assumpto, admiraveis conselhos, estava eu pensando no famoso Califa Almanzor, fundador de Bagdad, e da gloria do Oriente: este grande homem possuia em alto gráo esta sciencia, menos difficil talvez do que vós imaginais; e se Vossa Alteza quer ouvir-me, contar-lhe-hei como fazia para conhecer os homens, de quem queria valer-se para o governo do seu vasto Imperio. »

« Vejamos isso, disse Adhad-Ed-doulat: eu te ouvirei com toda a attençaõ, e estou impaciente já de ouvir essa historia, e aproveitar-me della. — He muito simples. — Tanto melhor, se he verdadeira. — He algum tanto comprida, — Será muito curta se he util. »

Entaõ Morad principiou a conta-la nestes termos:

« Hum dia, o Califa Abou-Giafar-Almanzor, perdeu o seu Thesoureiro General: depois de examinada a conducta deste ministro, achou-se que tinha empobrecido o thesouro, e amontoado para si immensas riquezas, á custa das provincias assoladas com as suas rapi-

nas, e com as suas exacções sem numero. Almanzor conhecia muito bem a necessidade, que havia de pôr no seu lugar hum homem, que não abusasse do poder que se lhe confiava. Porém onde encontrar aquelle homem digno de occupar hum cargo tão importante? Qual seria a probidade que se conservaria firme, contra a tentação de tantos thesouros, sendo tão facil apropriar-se sem risco de huma boa parte delles? Vossa Grandeza conhece muito bem, que semelhante lugar foi pertendido com o maior empenho pelos primeiros personagens da Corte, que para o alcançar, empregárao as suas amizades e empenhos, que prodigalizárao as suas riquezas, e finalmente, que fizerao alarde ao mesmo tempo, do seu ardente zelo, e do seu summo desinteresse. Porém o Califa permanecia sempre indeciso, e não se provia o emprego que estava vago.

» Entre todos os pertendentes, o que mais geralmente se cria que o alcançaria, era Agib, cujas riquezas erao immensas, e dotado de huma habilidade extraordinaria: e até se chegou a

dizer publicamente , que o alcançaria ; e elle mesmo se lisonjeava com a esperança de ser em breve tempo Thesoureiro do Imperio. Tinha o Califa ouvido falar muito de Agib ; porém nem o conhecia , nem era conhecido delle. Por tanto chamou hum dos seus Cortezaõs , e disse-lhe : « Ha muito tempo que te andas empenhando a favor de Agib : tenho com effeito intençãõ de o nomear Thesoureiro ; porém quero primeiro conhece-lo. Esta noite eu me disfarçarei , tu me apresentarás em sua casa , e dizendo-lhe que sou teu amigo , me louvarás , exaltarás o meu merecimento , os meus conhecimentos , a minha sabedoria , e sobre tudo a minha probidade : ao mesmo tempo accrescentarás , que he lastima que a sorte me tenha sido taõ contraria , que me reduzio á maior miseria e desgraça. Guarda-te sobre tudo de revelar o meu segredo , nem de dar-me a conhecer , pois o pagarias com a vida. » O Cortezaõ se prosternou ; e jurou que cumpriria exactamente esta ordem.

Á noite Almanzor vestio-se de fa-

to muito simples, e disse ao Cortezaõ, que o conduzisse a casa de Agib, onde, cumprindo com o que se lhe tinha ordenado, disse a Agib: « Dai-me licença para que vos apresente hum homem, que me tem feito serviços muito importantes. He dotado de excellentes qualidades, e a sua instrucção he naõ menos variada que profunda. Porém sobre tudo posso assegurar-vos que he hum modelo de probidade e de virtude; mas a fortuna tem-lhe sido taõ contraria, que com tanto merecimento, acha-se com tudo sem bens, nem protecção alguma. » Saúda Agib ao Cortezaõ, fala-lhe com as mais expressivas demonstrações de attençaõ e respeito, prodiga-lhe os elogios mais lisonjeiros, e corresponde ao que o acompanha só com huma ligeira inclinaçaõ de cabeça. Entraõ alguns amigos de Agib naquelle momento, e elle se apressa a recebe-los com toda a distincção, a obsequia-los, e a fazer-lhes protestos da sua amizade. Ninguem faz caso algum do novo sujeito, vendo-o taõ modesta e singelamente vestido.

Trazem os gelados e sorvetes; todos se assentaõ em roda de huma meza magnificamente adornada. Occupa o Cortezaõ o primeiro lugar, e os mais vaõ tomando os seus lugares, segundo a sua classe e riquezas: porém o pobre estranho teria ficado de pé, se naõ tivesse tomado o partido de sentar-se modestamente no lugar mais inferior. Ardem no mesmo instante exquisitos perfumes. Huma quadrilha de cantarinas moças, e de formosas bailarinas, ostentaõ as suas graças e habilidades, diante de taõ brilhante assembléa, que naõ cessa de celebrar o merecimento de Agib, de exaltar a sublimidade dos seus talentos, o seu gosto e delicadeza. Tratou-se depois do emprego de Thesoureiro; e hum dos commensaes disse: « Vós o alcançareis, porque, onde hiria o Califa buscar quem melhor o desempenhasse? Onde encontrará hum homem mais habil que Agib? » Entaõ todos se apressaõ a pedir-lhe a sua protecção para quando for Thesoureiro, pois que elles tem parentes e amigos que desejaõ empregar. Goza já Agib da



brilhante perspectiva que se lhe apresenta. Promette tudo o que elles querem ; o Cortezaõ principalmente está seguro de alcançar quanto se digne pedir-lhe. O pobre estrangeiro esteve muito tempo sem proferir palavra ; porém finalmente com huma affectada timidez , que naõ obstante parece natural , diz ao que já se crê Thesoureiro : « Senhor , peço-vos por favor , que vos digneis lembrar-vos de mim , quando alcançardes taõ importante emprego. Servir-vos-hei com o maior zelo : grandes contratemplos , desgraças imprevistas me priváraõ de todos os meus bens , e só me deixáraõ a minha honra e probidade. » Agib lhe responde com hum sorriso de protecçaõ , que naõ recusa nem promette nada. Retiraõ-se os convidados , e o estranho sahe com o Cortezaõ , que ali o tinha apresentado.

» Apenas se tinhaõ passado huns oito dias , quando o Califa chama de novo ao Cortezaõ , e lhe diz : « Esta noite me tornarás a conduzir a casa de Agib , onde me apresentarei ricamente vestido ; acompanhar-me-ha grande nu-

mero de escravos, e lhe dirás, que a minha fortuna se restabeleceo de hum modo extraordinario; que havendo sido apresentado na Corte do Califa, este me tinha distinguido de hum modo muito particular, e que ali mesmo me encherá de beneficios, e que até se assegura, que antes de muito tempo serei o personagem mais poderoso de Bagdad. Torno-te porém a recomendar o mais profundo segredo. Se tiveres a imprudencia de revelar este mysterio antes de tempo, castigar-te-hei como a hum traidor.

» Veste-se o Califa magnificamente, monta em hum cavallo soberbamente ajaezado, acompanha-o huma numerosa escolta, e põe-se com o Cortezaõ a caminho para casa de Agib. Quando este vê entrar taõ brilhante comitiva no pateo de sua casa, sahe da sua habitação precipitadamente, e corre voando a receber o amo de tantos escravos. Chega-se o Cortezaõ a elle, e diz-lhe em voz baixa: « Aqui está aquelle amigo que vos apresentei outro dia. A sua fortuna mudou de aspecto, pois a-

chou meio de introduzir-se com o Califá, o qual ficou agradado do merecimento e talento deste homem, que realmente não he mais que hum aventureiro, sem outro verdadeiro engenho, que não seja o da intriga, e da velhacaria. E com isto ahi o tendes rico e poderoso, com hum valimento immenso, sem que jámais se visse huma fortuna tão rápida. Entre tanto não he senão hum patife, porém manhoso, e por isso he que me tinha enganado com falsas apparencias de virtude, bem que a outro qua!quer enganaria do mesmo modo; e por tanto não me causará espanto que algum dia, ou talvez dentro de pouco tempo seja nomeado Graó Visir. Porém finalmente, propuz-lhe que viesse outra vez visitar-vos, e conveio nisso. »

» Quem poderia pintar a admiracão de Agib quando ouviu taes razões! Muito lhe custa a dissimular o seu sobresalto e confusão. Vendo-o saudar aquelle homem, a quem tão mal tinha recebido oito dias antes, entenderia qualquer, que queria beijar o chaó. Desfaz-se em respeitosas attentões, e dá-se

por muito ditoso de cultivar a amizade de hum homem de tanto merecimento. « A fortuna he algumas vezes justa , diz , pois que finalmente protege as virtudes e talentos. » Faz entrar o estranho para hum salaõ magnifico, e só d'elle , e com elle he que todos falaõ. Antes de muito tempo , chega a casa de Agib hum numeroso concurso ; porém elle naõ dá attençãõ senaõ ao distincto estranho, que acaba de o honrar com a sua visita. Trazem os sorvetes como da outra vez ; porém em vasos muito mais ricos : os pratos saõ mais exquisitos e raros : a illuminaçãõ muito mais brilhante : os perfumes mais delicados e cheirosos. Collocaõ o estranho no lugar mais honorifico , e o mesmo Agib o serve com a maior promptidaõ e com o maior respeito. Torna-se a falar do emprego de Thesoureiro. « Tinha-vos promettido outro dia, diz Agib ao estranho , fazer alguma cousa a vosso favor, se alcançasse este lugar , e creio , Senhor , que naõ vos tereis esquecido disso. Porém agora o Ceo , sempre justo, satisfez completamente os meus

desejos ; visto que vos poz em circumstancias de que eu mesmo haja de implorar a vossa protecção, e ousou esperar, que vos dignareis sollicitar para mim, hum emprego, de que me não julgo indigno. »

« Não alcançarás, Agib, este emprego, que não ambicionas senão para enganar-me, diz no mesmo instante o Califa. Não quero por meu Thesoureiro hum homem que faz mais caso do dinheiro que do talento e da probidade. Reconhece em mim o Califa Almanzor, a quem tão mal recebeste outro dia, porque me consideraste como hum homem de pouca importancia, não fazendo caso do merecimento sem valimento. Adeos, deixo-te os teus bens ; porém não te confiarei os meus thesouros. »

» Assim que ouvirão pronunciar o nome de Almanzor, todos os convidados deita-se por terra, beijando o sobrado com a boca, espantados, e admirados a hum tempo ; e nesta humilde postura permanecem até muito depois do Califa ter sahido de casa de Agib, e não se levantaõ senão para abando-

nar o infeliz, que acaba de cahir no desagrado do Graõ Senhor.

„ Entre tanto o Califa volta para o seu palacio, acompanhado sómente do Cortezaõ que o tinha introduzido em casa de Agib, pois tinha despedido hum séquito inutil, e queria andar a pé aquelle curto espaço de caminho. Mas entre tanto hia pensando no successo, rindo-se interiormente da confusão de Agib, e considerando onde poderia encontrar hum Thesoureiro homem de bem. Hia-se recordando de todos os que sollicitavaõ este emprego, e nem hum se quer lhe parecia digno de o occupar. Distrahido com estas reflexões, passou casualmente junto de huma Ermida, e deo com os olhos em hum pobre, sentado sobre huma pedra. Chega-se áquelle homem, o qual se levanta, e diz: « Compadecei-vos, Senhor, de hum desgraçado que morre de fome. — Deixa-nos em paz, responde o Califa com aspereza, e dirige a outros os teus importunos clamores, pois nada tenho que dar-te. » Dá o pobre hum suspiro, e volta para a sua pedra,

onde faz conta de passar a noite: o Califa, que não fazia tudo isto sem segunda tenção, deixa cahir aos pés do infeliz, huma bolsa cheia de ouro, e afasta-se da mesquita. Apenas teria dado hum cento de passos, quando ouve huma voz que lhe grita: « Senhor, Senhor, parai. » Volta-se, e dá com os olhos no pobre. — Que me queres, lhe diz. Repito-te que não tenho nada que dar-te. — Bem o sei, replica o pobre; porém eu tenho que restituir-vos huma bolsa, e ei-la aqui. — Não sei como não a guardaste. — Ah, Senhor! guardando-a perdia muito mais do que teria ganhado. — Como? — Ganhava a minha fortuna; porém perdia a minha probidade. — Quem és tu? — Senhor, sou o filho de hum honrado mercador desta Cidade. Chamo-me Adula. Meu pai com a sua industria sustentava huma familia numerosa. Desgraças imprevisitas, destruíraõ as suas esperanças, e o arruináraõ sem recurso algum. — Que desgraças foraõ essas? — O Thesoureiro Geral do Califa nos tinha pedido huma quantidade consideravel de fazen-

K

das , e para executar as suas ordens , vimo-nos obrigados a tomar dinheiros de empréstimo. Depois disso recusou pagar-no-las , e tudo perdemos , pois meu pai vio-se reduzido á necessidade de vender a sua casa e o seu armazem , para pagar aos seus crédores ; o que tal desgosto lhe deo , que perdeu a vida , vendo-me eu reduzido a viver de esmolas , esperando que alguma queira dar-me alguma occupaço. — Occupaço ! diz o Califa ; tu queres pois trabalhar ? Em tal caso segue-me : amanhã mesmo acharei meio de te empregar em alguma cousa. »

» Aquelle infeliz segue-o sem saber para onde o conduz , e não concebendo de tudo isto senão algumas esperanças muito limitadas.

» Assim que entrou no seu palacio , diz o Califa ás pessoas que o servem : « Dêem a este homem magníficos vestidos , rica habitaço , e vinte escravos. » Executa-se esta ordem pontualmente , e o pobre Adula muda mais depressa de vestido , do que torna em si do espanto em que estava. « Amanhã ,



Adula, diz o Califa, te apresentarás no Divan. Vai agora descansar na tua habitação, e goza sem receio do doce somno, que eu prometto dar-te occupação. » Ajoelha Adula, e não encontra termos com que expresse o seu agradecimento. Parece-lhe que tudo o que lhe succede he hum sonho, e teme o instante em que haja de acordar. Leva-o para huma soberba habitação, onde vinte escravos espera-o respeitosa-mente que lhes ordene alguma cousa, para promptamente obedecer-lhe.

» No dia seguinte pela manhã cedo, recebe ordem de ir ao Divan, porém com o vestido que trazia, quando sentado na pedra da Mesquita implorava a piedade dos que passava-o: « Ai! diz, a minha fortuna não durou muito tempo. » Leva-o á presença do Califa, que sentado no seu throno, dá audiencia aos ministros, e a todos os grandes da sua Corte. O pobre Adula prosterna-se com o rosto por terra, e conserva-se immovel, semelhante a huma estatua derribada no chão. « Levantate, Adula, diz o Califa, prometti dar-

te occupaçaõ, e vou cumprir-te a minha palavra. » E logo dirigindo-se aos circunstantes, accrescenta: « Ha muito tempo que ando em busca de hum sujeito, para successor do meu Thesoureiro: queria para este importante lugar hum homem de bem, que preferisse a probidade á fortuna. Debalde o busquei entre aquelles que vestem roupas de seda e ouro: debaixo de huns miseraveis farrapos o achei, e ali he que o escolhi. Ordeno que lhe tributem as honras devidas á sua alta classe. Eu reduzi a nada o primeiro que tenha a ousadia de naõ respeitar este homem, a quem eu mesmo respeito como á propria virtude. E tu, Adula, vai trocar estes vestidos por outros proprios da tua fortuna e dignidade. Vem depois ter immediatamente comigo, eu te inteirarei das obrigações do teu emprego, visto que prometti dar-te occupaçaõ. »

» Deste modo vio-se Adula immediatamente de posse do emprego de Thesoureiro Geral do Imperio, e o Califa Almanzor nunca teve motivo de arrepender-se da sua eleiçaõ, pois que

em pouco tempo vio encherem-se os seus cofres de grandes thesouros, e que tanto os habitantes de Bagdad, como os das provincias, e n'huma palavra, todo o Imperio, naõ cessavaõ de abençoar a suave e justa administraçaõ do virtuoso Adula.

» Principiava Almanzor a enfiar-se de todas as baixas adulações dos seus validos; conhecia que precisava de hum amigo bastante animoso e leal, para dizer-lhe a verdade, cuja voz chega taõ poucas vezes aos ouvidos dos Monarcas; porém onde achar semelhante homem? como conhece-lo? como distinguir a verdade da mentira, quando o que fala tanto interesse tem em mentir? Depois de ter reflectido muito tempo nos meios de chegar a descobrir esta especie de fenix, eis-aqui o que lhe occorreo.

» Vivia entaõ em Bagdad hum homem que tinha escrito hum livro intitulado: *Encargos e Obrigações dos Principes*. Este homem chama-se Elaím, e o seu livro tinha chamado muito a attençãõ do público, porque certas ex-

pressões parecia referir-se aos primeiros annos do governo de Almanzor. Por tanto aconselhavaõ alguns continuamente ao Califa, que mandasse queimar o livro, e empalar o insolente auctor que se atrevia a dar conselhos ao seu Soberano. Almanzor tinha-os a todos indecisos ácerca do partido que tomaria a respeito de Elaím, o qual por certo naõ era conhecido na Corte, onde nunca tinha estado.

» Ordenou o Califa huma noite, que trouxessem a palacio Elaím, e ao mesmo tempo, que viessem tambem nove Cortezaõs, que elle entendia serem os que mais sinceramente o amavaõ. Brilhava em cada hum dos dedos do Califa, hum diamante de tamanho prodigioso, e disse: « Reuní-vos aqui todos dez, esperando que me direis a verdade. Vedes estes dez ricos diamantes, pois hoje mesmo seraõ a recompensa da vossa sinceridade. Falai; que pensais do meu poder, e da minha gloria? » Os Cortezaõs deslumbrados com o tamanho e esplendor dos diamantes, lisonjeaõ-se de alcançar cada hum o seu.

Exaltao a qual mais a grandeza de Almanzor, eleva-o acima de todos os heroes que tem existido antes d'elle, louva-o em tom enfatico a sua generosidade, o seu gosto, e a protecção que dá ás artes, das quaes o proclamao restaurador, fala-o com enthusiasmo dos sumptuosos palacios que mandou construir, e acaba-o por sublima-lo tanto e tanto, que na-o teria-o achado já novas expressões, se o Califa agastado, na-o lhes tivesse ordenado que falassem da grandeza e poder de Deos.

„ Tira nove diamantes dos seus dedos, e reparte-os pelos nove Cortezaos, que ta-o bem tinha-o falado. Depois, voltando-se para Elaím: « E tu, lhe diz, porque guardas silencio? Na-o queres merecer o ultimo diamante que me resta, dizendo-me a verdade? — Senhor, responde Elaím rindo-se, a mentira e a adulaçao pódem pagar-se; porém a verdade na-o se compra, mas dá-se. — Pois entao, eu ta peço: que pensas do meu poder e da minha gloria? — Penso, responde Elaím, que na-o sois senao hum homem, fragil instru-

mento, que Deos formou para a felicidade dos outros homens, e que póde desfazer com hum sopro, pois que de nada o creou. »

» Ao ouvir estas palavras, todos os Cortezaõs olhaõ huns para os outros com a maior admiraçaõ, e naõ se atrevem a pôr os olhos no desgraçado, que acaba de proferir taõ horrivel blasfemia. Almanzor dá a maõ a Elaím, e lhe diz: « Naõ te dou hoje o decimo diamante; pois tu mesmo disseste, que a verdade naõ se compra. Porém se a verdade se dá, a confiança e a amizade devem dar-se tambem. Peço-te estes dois thesouros taõ apreciaveis. Conserva-te sempre ao meu lado; encontrei finalmente o amigo, de que o meu coraçãõ tanto tempo ha que carecia. » A admiraçaõ dos Cortezaõs ainda foi maior, quando ouvem estas palavras. O Califa despede-os, e manda dar ao sábio Elaím huma das mais formosas habitações do seu palacio.

» No dia seguinte, os nove Cortezaõs foraõ, segundo o seu costume, prestar a devida homenagem ao Cali-

fa, e todos levão nos seus dedos os soberbos diamantes que tinhaõ recebido na vespera. Almanzor quando os vio lhes disse: « Estais contentes do presente que vos fiz? — Ah, Senhor! respondem elles, estes diamantes saõ para nós mais apreciáveis que a vida, pois que saõ devidos á vossa generosidade. Porém permittí-nos, Senhor, que vos demos huma noticia importante; o mercador que vo-los vendeo, vos enganou. — Entaõ como? — Saõ falsos. — E pensaveis, respondeo o Califa rindo-se, que eu naõ o sabia? Dais-me falsos louvores, e eu dou-vos diamantes falsos. Paguei-vos na mesma moeda; de que vos queixais? »

Algum tempo depois o Califa Almanzor, andando em guerra com o Rei da Persia, teve necessidade para huma expedição importante e secreta, de hum homem cheio de valor, de honra, e em quem pudesse ter huma confiança absoluta. O bom exito daquella guerra dependia desta circumstancia, e a menor traição podia deitar tudo a perder. Havia huns oito dias que o Califa anda-

va muito indeciso, e não sabia a quem escolhesse; porém por aquelle tempo conduziram a Bagdad quinhentos prisioneiros feitos aos rebeldes do Korassan. Tinha-nos condemnado á morte, e estava para ser passados á espada: duzentos delles tinhaõ fugido durante a batalha; porém tendo-se-lhes cortado a retirada, o vencedor os trouxe carregados de grilhões: os outros trezentos não tinhaõ querido fugir, e os tinhaõ apañhado com as armas na mão, depois de terem feito huma vigorosa resistencia. O Califa, pensando sempre no negocio que dissémos, passou casualmente pelo sitio, onde se hia executar a sentença, que condemnava á morte os quinhentos prisioneiros. Pára, e movido da compaixão, quer perdoar-lhes, sem que esta graça sirva de exemplo para o futuro: « Perdão, disse, a todos os que fugiram á vista das minhas bandeiras. Por tanto, desgraçados escravos, os que quizerem gozar da minha clemencia pódem passar para a minha direita. » Ao proferir estas palavras, os prisioneiros correram a hum tempo para a direita do Ca-



lifa. Hum só fica immovel no seu posto. Almanzor estupefacto olha para elle, e diz-lhe: « Porque não imitas aos teus companheiros? — Eu não imito os cobardes, replica o soldado. — Repito-te que perdôo a todos os que fugirão. — Jámais me succedeo tal. — Insensato! porque recusas o meio que te offereço para salvares a vida? — Porque me faria perder a honra. — Chega-te, exclama o Califa transportado de alegria; perdôo-te, e a tua grandeza de alma não ficará sem recompensa. » Leva consigo o soldado, e encarrega-o da expedição secreta, para a qual era necessario achar hum homem audacioso, e que preferisse a honra a tudo. Correspondeo o soldado á confiança do Califa; a expedição foi bem succedida, e terminou-se a guerra a favor de Almanzor, o qual depois disso nomeou aquelle valeroso soldado Generalissimo dos seus Exercitos.

Poderia, magnifico Senhor, continuou Morad, contar-vos hum grande numero de acontecimentos, que provaõ como o Califa Abou-Giafar-Almanzor

conhecia os homens , e sabia dar-lhes o seu valor real ; para não enfastiar tanto a Vossa Alteza , accrescentarei hum só aos que acabais , de ouvir.

» Os minaretes ou torres de Bagdad resoavaõ com os agudos gritos de : *Alab , Alab , o Graõ Iman acaba de morrer*. Cobrem todas as mesquitas de preto , e os *mollabs* ou santões correm as ruas repetindo com voz lamentosa : *O Graõ Iman acaba de morrer*. Toda a Cidade está agitada , e perguntaõ huns aos outros , a quem concederá o Califa taõ alta dignidade ? Os imans das mesquitas concorrem em grande numero , pois quazi todos tem amigos na Corte dispostos a favorecerem as suas pertençaõs. Presta o Califa ouvidos ás supplicas que lhe fazem , e vê as diligencias que se fazem para o inclinar já a huns , já a outros. Porém elle , para fazer taõ importante eleiçaõ , espera que o tempo , ou alguma occasiaõ favoravel lhe dê a conhecer , qual he o homem mais digno de occupar hum lugar , que exige a mais sublime de todas as virtudes.

Sahe elle muitas vezes disfarçado, não só de dia, mas também de noite; entra nos Caravanças, vai aos lugares públicos, faz perguntas a todos, para saber deste modo qual he o homem a quem o público dá a preferencia, e se este homem reúne effectivamente as boas qualidades necessarias para o emprego que está vago.

Huma noite que passeava disfarçado de modo que não podia ser conhecido, vio tres pobres Derviches que estavam conversando familiarmente. Formavam magníficos projectos, e cada hum dizia qual era a cousa, que mais desejaria, se fosse senhor de escolher. « Eu, dizia hum, confesso que quereria ser Visir, se fosse possível; he hum formoso emprego o de Graó Visir! — Pois eu, dizia o outro Derviche, se me dessem a escolher, não quereria senão a alta dignidade do Califa Abou-Giafar-Almanzor; grande cousa he ser Califa! » Porém o terceiro Derviche não dizia nada; e como instassem com elle os seus companheiros para que falasse: « Queridos amigos, disse-lhes, pa-

rece-me que naõ he extraordinaria a vossa ambiçaõ; porém a minha he taõ superior á vossa, quazi como o Ceo õ he á terra. Ainda que me dessem todos os thesouros do universo, e o imperio do mundo inteiro, ainda acharia huma cousa infinitamente preferivel a tudo isso. » Estas palavras excitáraõ a curiosidade dos outros. « Qual he, diziaõ, qual he esse thesouro, que merece ser preferido a todos os thesouros e a todas as grandezas? — Depois da gloria da nossa Santa Religiãõ, o que mais desejo, respondeo o Derviche, he possuir sómente metade das virtudes, sabedoria, e piedade de hum Santaõ ou Ermitaõ que conheço, e se chama o Veneravel Housaín. — He a primeira vez que ouvimos falar d'elle, dizem os dois Derviches. — Naõ vos admireis d'isso, meus irmaõs, visto que sois estrangeiros. Housaín retirou-se do mundo, e desde a idade de trinta annos renunciou aos vaõs prazeres, para dedicar-se inteiramente a Deos, e entregar-se de noite e de dia ao estudo do Alcoraõ. Todos os dias hum grande

número de pessoas de todas as idades vão visita-lo a huma gruta, que elle mesmo cavou no declive de huma pequena collina a seis legoas de Bagdad. Ali pré-ga a palavra de Deos, da qual está profundamente penetrado. A fama dos prodigios que executa se estende já muito longe; pois semelhante virtude não póde permanecer muito tempo occulta. »

Ambos os Derviches manifestaõ o mais vivo desejo de ver e ouvir taõ excellente varaõ. « Nada ha mais facil, disse o seu companheiro. Amanhã achai-vos ás cinco horas da manhã á porta da mesquita maior; eu estarei já ali, e iremos juntos á gruta de Housaín. »

Separáraõ-se os tres Derviches depois de terem convindo da hora e ponto da reuniaõ no dia seguinte, e o Califá voltou para o seu palacio, mandando chamar no mesmo instante o seu Graõ Visir, a quem disse: « Amanhã pela manhã, antes das cinco horas, irás á porta da mesquita maior; ali chegará pouco depois hum bom Derviche; e no mesmo instante o conduzirá á minha presença. »

Executou-se esta ordem : no dia seguinte o Graõ Visir conduz á presença do Califa o bom Derviche , o qual cumprindo o que promettêra , tinha ido esperar os seus companheiros. « Derviche , diz-lhe Almanzor , ouvi o magnifico elogiõ que fizeste de hum santo Ermitaõ , chamado Housaín. Eu estava indeciso sem saber a quem conferisse a dignidade de primeiro Iman , e creio-o digno de a occupar. Vai ter com elle da minha parte , e diz-lhe que a fama da sua sabedoria e das suas virtudes chegou aos meus ouvidos , que venha contigo , pois quero conceder-lhe hum premio digno das suas virtudes. » No mesmo instante ordenou o Califa ao seu Visir , que acompanhasse o Derviche com huma numerosa e brilhante comitiva.

O bom Derviche naõ cabe em si de alegria pela noticia que tem de levar ao veneravel Ermitaõ , por quem daria a sua vida , pois taõ penetrado estava o seu coraçãõ da idéa , que tinha das suas virtudes , e alguma cousa daria por ter azas para chegar com mais brevidade á gruta. Por fim descobre a-

quelle asilo da sabedoria e da piedade, onde o Profeta derrama todas as suas graças. Vê o Ermitaõ rodeado de hum numeroso auditorio, ao qual edifica com as suas sublimes palavras. Arroja-se o Derviche em seus braços, e mostrando-lhe o Graõ Visir, lhe diz qual he a commissaõ de que o Califa o encarregou. Levanta o Santaõ os olhos ao Ceo, e exclama: « Bemdito seja o poderoso Alah! »

Espalha-se logo esta noticia por aquelle numeroso concurso. Resoaõ nos ares vozes de alegria, e todos louvaõ a Deos, dando-lhe graças por ter sido nomeado o Santaõ primeiro Iman de Bagdad. Immediatamente se vai cada hum retirando para seu lado, e publicando pelos povos visinhos huma noticia, que he summamente grata aos corações de toda aquella rustica gente.

Entre tanto, o Ermitaõ com o seu brilhante acompanhamento, entra em Bagdad, e vai direito ao palacio do Califa. Chega-se Almanzor com summa bondade ao veneravel Housaín, e lhe diz: « Ouyi falar da tua virtude, e

L

eu, como representante do Profeta, tenho resolvido recompensa-la. Responde-me pois, Housaín, qual he o objecto dos teus mais ardentes desejos? Pede, e serás satisfeito. »

Prostra-se Housaín aos pés do Califa, e cruzando humildemente os braços sobre o peito, diz: « Graõ Senhor, sol brilhante de luz e de sabedoria, já que me he permittido dizer diante de vós, qual he o unico objecto da minha ambição, confessar-vos-hei claramente que cousa nenhuma tenho desejado com tanto empenho como a dignidade de primeiro Iman de Bagdad. — Pois que! não desejas mais que isso? lhe responde o Califa sorrindo-se. — Sim, Senhor, nada mais desejo. Se alcançat taõ alta dignidade, ficaraõ satisfeitos todos os meus desejos. — Bem está, levanta-te, diz o Califa com doçura; esta dignidade não he para ti, mas sim para o que sobre todas as cousas deseja *a gloria da nossa Santa Religião*, para esse bom Derviche, que teria dado todos os thesouros, todas as grandezas da terra, para possuir huma



parte das virtudes que suppunha em teu coração. ”

Ficou o Ermitão confundido, e ordenou-se-lhe que voltasse para a sua gruta; ao mesmo tempo que o bom Derviche foi nomeado primeiro Iman de Bagdad, grande e sublime emprego, que desempenhou toda a sua vida com huma piedade tão verdadeira, que depois da sua morte nenhum Iman se atrevia a ser seu successor.

Deveis ver, Senhor, por tudo quanto acabo de vos contar, continuou o sábio Morad, que o Califa Almanzor tinha hum verdadeiro conhecimento do coração humano. « As nossas palavras, dizia, nos são dictadas muitas vezes pelo temor, pela politica, pela irreflexão ou pelo interesse. Não somos sempre senhores das nossas acções. Às vezes, contra nossa propria vontade, nos deixamos arrebatados de huma paixão momentanea, e de circumstancias fataes.

Porém nem sempre devemos julgar dos homens pelas suas palavras ou por algumas acções, mas sim pelo verdadeiro valor das cousas, que são o alvo dos seus desejos.

---

## OS TRES CINTOS.

---

**T**res raparigas solteiras viviaõ em hum lugarejo pouco distante de Samarcanda. Chamava-se huma Kalida, a outra Zelima, e a terceira Azémi. Kalida e Zélina eraõ dotadas de brilhantes qualidades, e em todo o paiz celebra-vaõ a sua formosura, o que lhes dava muito desvanecimento. Porém Azémi naõ era formosa, e ambas suas irmãs, a quem amava de todo o seu coração desde a mais tenra infancia, naõ ces-savaõ de repetir-lhe: « Pobre Azémi, tu naõ casarás nunca; naõ és bastante formosa para inspirar amor, nem bastante rica para fazer com que se esque-çaõ de que naõ és formosa. » A boa Azémi estava já resignada com a sua sorte, e dizia consigo lá no seu inte-rior: « tem razaõ; naõ casarei nunca. » Sem embargo, esta idéa naõ lhe per-turbava na minima cousa a paz do co-ração. Tinha apenas huns quinze annos;

a amizade e os prazeres próprios da sua idade bastavam para fazê-la feliz.

Passeavam hum dia as tres irmãs pelas sombrias margens de hum arroio. Kalida, e Zelima colhião flores para adornar-se, e Azémi com ellas, e para ellas, pois não se lembrava de cuidar no seu adorno. Pouco tempo depois encontráram hum mulher já idosa deitada na margem do arroio, que dormia a somno solto, ainda que os raios do sol lhe cahião a prumo sobre a sua cabeça calva. Vendo isto Kalima, e Zelima, puzeram-se a rir, dizendo: « Que figura tão linda! — He a do amor. — O açafraão não tem hum amarello mais engraçado que o deste amavel rosto. — Olha que nariz tão bonito! Com que graça lhe desce até á barba! E que barba tão bem feita! Como se eleva airosa até ao lindo nariz! — Parece que quasi se toca. »

E dizendo isto davão grandes gargalhadas, as quaes sem embargo não acordavam a boa velha. Azémi por fim lhes diz: « He preciso confessar, minhas amigas, que parece muito mal

estardes zombando desta pobre mulher : que mal vos fez ella ? He velha ; porém tem ella culpa disso ? e não he loucura escarnecermos do rosto que havemos de ter algum dia ? Rir-se da velhice he rir-se huma pessoa anticipadamente de si mesmo. Tenhamos pois mais juizo , e sobre tudo sejamos mais compassivas. Olhai como o sol dá de chapina na cabeça desta pobre mulher. Cubramo-la com alguns ramos desta palmeira ; e façamos-lhe com elles huma especie de abobada , para que á fresca sombra della possa dormir com socego e sem perigo. Quando ella acordar , abençoar-nos-ha , e rogará por nós , e o Cáo ; não ha dúvida que sempre ouve as supplicas do pobre , que assim me ensinou minha mãe . » Estas palavras fizeram impressão nas duas irmãs de Azémil , tanto assim , que a ajudárao na boa obra que lhes vinha proposto ; com o que se terminou promptamente ; porém a boa velha acordou no mesmo instante , e reparando na verdura que a cobria com a sua sombra , olhava para todos os lados para ver se descobria as pessoas

desinteressadas e caritativas, que tanto cuidado tinhaõ rido della.

Dá pois com os olhos nas tres irmãs, e depois de lhes ter dado as mais affectuosas graças, diz-lhes: « Vinde cá, chegai-vos, minhas filhas; quero dar-vos demonstrações do meu agradecimento. Eis-aqui tres Cintos, de que vos faço presente. Cada huma de vós pôde escolher o que melhor lhe convier. » E no mesmo instante os estendeu sobre a verde relva. Dois destes Cintos eraõ extraordinariamente ricos, pois estavaõ quasi inteiramente cobertos de preciosissimas pedras, e das maiores; porém o terceiro naõ tinha nada de rico, pois naõ parecia senaõ huma fita, ainda que branquissima e graciosamente matizada de algumas violetas. Apenas olháraõ para este ultimo Kalida, e Zelima, naõ dando attençaõ senaõ aos Cintos de pedras preciosas. « Este Cinto he para mim, diz a primeira; parece feito expressamente para o meu corpo. — O outro será para mim, diz a segunda, pois me vai muito bem. — Assim seja, diz Azémi, eu conten-

to-me com esta fita. Não ha senão dois Cintos de diamantes, e he justo que vós ambas fiquéis com elles, porque sois as mais formosas. Com esta fita haverá de sobejo para meu adorno. — Tens razão, filha minha, diz a velha, ajustando ella mesma o Cinto ao corpo de Azémi. Tens razão. Não largues nunca este Cinto, offereça-te por elle o que te offerecerem, e sejaõ quaes forem os meios de que se valhaõ para tirar-to. Em quanto o preferires a todas as seducções do orgulho, nenhuma força humana te poderá privar delle; porém se o perderes, expões-te a perder a dita, que elle só deve assegurar-te algum dia. „ Azémi promette conservar toda a sua vida este modesto presente, cujo valor ainda não conhece, e com isto desapareceo a velha.

Kalida, e Zelima nada tinhaõ ouvido desta conversação, pois estavaõ muito entretidas com os seus brilhantes Cintos; porém quando a velha partio deraõ-lhe os agradecimentos do presente que lhes fizera, e voltáraõ para o seu lugar: Kalida, e Zelima hiaõ de bra-

ço dado, e Azémi as seguia algum tanto desviada dellas, porque conheceo que tratavaõ de alguma cousa, que ella não devia saber. Quando chegáraõ ao povoado, Kalida, e Zelima voltáraõ-se rindo para Azémi; e lhe disséraõ: « A Fada fez-te hum' magnifico presente. — Não, ella conheceo o meu gosto, e não me agrada a magnificencia. — Teria feito bem se te dêsse alguma cousa melhor. — Dou sempre mais valor ao que me daõ, do que ao que me negaõ. — Olha como saõ brilhantes os nossos Cintos. — Olhai quaõ singello he o meu! — Não tens inveja aos nossos? — Não, porque vos amo: se estais contentes, sou ditosa. — Tanto melhor, Azémi, és huma boa rapariga. Esta noite nos veremos. Não he ainda muito tarde; vamos a Samarcanda comprar alguns vestidos, porque os nossos saõ mui singellos para huns Cintos taõ ricos. Com o mais pequeno dos nossos diamantes que vendamos, poderemos comprar as télas mais finas, e os mais graciosos adornos; e dizendo isto, partíraõ. Azémi deseja-lhes huma feliz

viagem, e encaminha-se para a sua casa, a empregar-se nos seus trabalhos costumados, em quanto não voltaõ suas irmãs.

À noite Kalida, e Zelima voltaõ, como tinhaõ promettido; ellas vem magnificamente vestidas, e porfiaõ huma com outra a qual das duas se mirará primeiro a hum espelho quebrado que havia sobre a chaminé da pobre Azémi. « Querida irmã, lhe dizem, voltamos de Samarcanda, onde nos dêraõ huma grande noticia. O filho do Sultaõ, o valente e formoso Hiram está para casar dentro de poucos dias, e segundo o costume, deve escolher a sua esposa entre as mulheres mais formosas do Reino. Huma multidão prodigiosa de donzellas se reúnem em Samarcanda, para disputarem entre si o coração e a mão do herdeiro do throno. Aconselháraõ-nos que tambem concorressemos nós, e estamos resolvidas a isso. Amanhã voltaremos para Samarcanda, alugaremos huma formosa casa e compraremos escravas para servir-nos, pois para tudo isto, e para muito mais,



nos darão os Cintos. Se tu quizeres, virás connosco, e nos servirás: governarás a casa, e assistirás á cerimonia, que deve ser muito curiosa e digna de ver-se, e de summo interesse. — Que mais posso eu desejar? respondeo Azémi. Servir-vos-hei de todo o coração, e se alguma de vós alcançar a victoria, o seu triunfo será o meu.»

Regulado deste modo tudo, partirão no dia seguinte para Samarcanda, onde alugarão huma casa ricamente mobilada, e comprarão muitas escravas e escravos. Kalida, e Zelima dão-se por estrangeiras, que tinham vindo assistir ao concurso, e disputar o premio das graças e da formosura. O Sultão, segundo o costume, enviou dez eunucos do seu serralho, para averiguarem se verdadeiramente eraõ dignas de serem admittidas no concurso, e ficãõ admirados da formosura de Kalida, e Zelima, e por tanto comprehendêrã-nas na lista que se mandou formar. Porém a pobre Azémi nem se quer se lembrava de apresentar-se, como cousa muito remota das suas esperanças. Ser-

via a suas irmãs com o zelo mais desinteressado ; governava a casa , acompanhava-as ao toucador , e só se occupava em contribuir da sua parte quanto fosse possível , para que alcançassem o seu intento.

Chegou por fim o grande dia do concurso : á noite illuminou-se magnificamente a Cidade. Cem formosas damas , escolhidas entre mais de duas mil que se tinhaõ apresentado , vaõ conduzidas em triumpho em sumptuosos palanquins , acompanhadas de grande numero de brilhantes tochas , e de huma deliciosa musica. O immenso concurso da gente formada em duas filas , em ruas cobertas de flores , atropellavaõ-se para ver passar taõ brilhante acompanhamento. Cada huma daquellas damas levava comsigo huma escrava moça que a servia , e tinha cuidado das suas galas , e a boa Azémi desempenhava com gosto este encargo , acompanhando a huma de suas irmãs.

Entráraõ logo para hum salaõ ricamente ornado , e todas aquellas damas se foraõ collocando em diversas

ordens de assentos em fôrma de anfiteatro, cobertos de ricos tapetes da Persia, esperando com o maior silencio a chegada do Sultão e de seu filho. Não me cansarei a pintar a inquietação e a impaciencia de todas aquellas rivaes, sendo, como eraõ todas, formosas, ambiciosas, e disputando hum throno, premio das suas graças.

Ouvio-se passados breves momentos huma musica marcial: abrem-se as portas do salaõ com grande ruido: o Sultão, acompanhado de seu filho, do seu Graõ Visir, e dos principaes personagens da sua Corte; apresenta-se em meio de taõ brilhante concurso, e vai sentar-se em hum throno guarnecido de ouro e pedras preciosas. O formoso Hiram está ao seu lado, e lança os olhos ainda vagamente para todos os lados. Palpita agitado o coração daquellas Senhoras. A pobre Azémi, sentada atraz de suas irmãs, emprega todos os seus cuidados nellas. Não obstante, por hum movimento involuntario de curiosidade muito natural, sobre tudo em taes circumstancias, levanta os olhos

para ver o Príncipe, e os deste succedeo encontrarem-se com os seus; no mesmo instante desce do throno, e exclama: « Está feita a minha eleição: eis-aqui a que deve reinar para sempre no coração de Hiram. » Kalida, e Zelima crêraõ sem dúvida que a ellas he que se dirigiaõ estas palavras, e portanto levantáraõ-se ambas; porém Hiram as desviou para chegar-se a Azémi, que debalde procurava occultar-se. Pega na tremula mão daquella moça, cujo rosto se lhe poz taõ encarnado como carmim, e com isto a conduz toda envergonhada para o pé do throno, e a faz subir e sentar-se ao seu lado: no mesmo instante ouve-se hum grande murmurio por toda a sala. « Que eleição, dizem as damas, preferir-nos hum escrava! »; Porém sobre tudo Kalida, e Zelima pareciaõ furiosas, e creio que se as naõ çontivessem o respeito e o temor, teriaõ arrancado do throno aquella que o amor acabava de collocar nelle.

Os homens exclamavaõ tambem, porém em sentido contrario. « Quaõ

amavel he ! diziaõ. Que graça em suas maneiras ! Que innocencia nos seus olhos ! » Azemi naõ podia tornar a si do seu sobresalto ; tudo quanto via lhe parecia hum sonho. Taõ depressa lhe sóbe a cõr ao rosto , como no mesmo instante se torna pallida : a vista do formoso Hiram lhe faz sentir huma agitaçaõ , que até entaõ naõ tinha experimentado : era extraordinaria a sua confesaõ e timidez , o que dava novo e ainda maior realce á sua formosura.

Manda o Sultaõ que todos guardem silencio. « Hiram , diz a seu filho , approvo a eleiçaõ que acabas de fazer. Em meio de tantas formosas damas era difficil dar a preferencia a alguma , e tu manifestaste o teu delicado gosto. Porém tu muito bem sabes que a formosura só naõ basta para segurar a felicidade de hum esposo ; pois se ella merece todo o nosso apreço , he quando anda acompanhada de qualidades mais duradouras. A que elegeste he preferivel em formosura a todas as suas rivaes ; vejamos agora se se lhes avantaja tambem no talento , prendas , e graças. »

Estas palavras produzirão o maior sobresalto em Azémi, pois dizia: « Ai de mim! que não tenho aprendido nada; nada sei; e por tanto o meu momentaneo triumpho não terá servido senão para fazer pública a minha ignorancia e vergonha. Permittí-me, Senhor, disse ao Principe, que me retire. Não vim a este concurso, senão para acompanhar e servir a duas irmãs, e não para figurar nelle. Deixai-me passar a vida no obscuro retiro, que muito me agrada, e do qual nunca desejei sahir. »

Debalde pronunciou Azémi estas palavras com huma agitação, que era correspondente á sua sinceridade; o Rei insistio, e por sua ordem trouxerão todos os instrumentos de musica conhecidos então em Samarcanda.

No mesmo instante se apresentão vinte formosas donzellas, que tocaõ superiormente: começão com summa ligeireza e desembaraço, e logo acompanhando-se com suaves e sonoras vozes, cantão engenhosas canções. Todos dêrão applausos extraordinarios; e como ninguem se atrevesse a apresentar-se de-

pois de ver taõ prodigiosa destreza e primor, o Sultaõ pegou em huma cithara, e a entregou nas maõs de Azémi, da qual se tinha apoderado hum susto e tremor tal, que apenas a podia segurar. Quer desculpar-se novamente; o Rei naõ lhe dá attençãõ, e entãõ ella ouviu claramente huma voz que lhe dizia: « Tem animo; nada receies; eu te protejo; experimenta a cithara, e canta hum daquelles romances, que em outro tempo aprendeste de tua mãi, pois tens mais habilidade do que julgas. » Esta voz que Azémi conheceo muito bem que era a da boa Fada, que lhe tinha feito presente do Cinto, deo-lhe forças para vencer huma timidez, que julgava invencivel; pega por tanto na cithara, e faz diligencia por toca-la; porém, que prodigio! os seus dedos parecem movidos por força celes-tial, e immediatamente resoa na sala a musica mais melodiosa. A sua voz parece superior á humana, e todos ficaram enlevados ouvindo-a. Canta entãõ o romance que tinha aprendido na sua infancia, e que tanto gostava de repetir a miúdo.

M

Recata, encarnada rosa,  
Do sol a nascente graça,  
Que, a par do jasmim fragrante,  
Te deo a manhã formosa.  
Do magestoso astro teme  
O lisonjeiro esplendor,  
Pois que funesta he sua luz  
A' flor mesma que elle amima.

Ella responde imprudente:  
Pois se elle em mim fita os olhos  
Dando mostras de ternura,  
Recusarei seus afagos?  
Quero levar orgulhosa  
De minhas irmãs a palma,  
Vendo a meus pes abatidas  
As florzinhas engraçadas.

Embriagada da sua belleza,  
Desta arte falou vaidosa,  
Levantando o collo airoso  
Outra vez mui confiada.  
Mas consome o sol ardente  
Toda sua frescura e graça:  
E ao amanhecer, a aurora  
Esta terna flor lamenta.

Chorai, donzellas, sua sorte,  
E não queirais imita-la,  
Occultando qual violeta  
Virtude, attractivo e gala:  
Em vão presumís de vós,  
Pois que a discrição nos dicta,  
Que sempre o muito esplendor  
He funesto á tenra flor.



A analogia que estas palavras tinham com a situação da que as cantava, fizeraõ huma viva impressãõ em todo aquelle concurso, pois viraõ que aqui o encanto da naturalidade eclipsava todos os attractivos da arte.

O Principe, arrebatado de alegria, arroja-se aos pés de Azémi, e diz-lhe: « Não pareces huma mulher, mas sim hum genio superior enviado pelo Profeta, para fazer felizes os dias de Hiram. — Eu naõ sou senaõ a pobre Azémi, lhe responde ella; e eu mesma naõ entendo o que ouço. Sem dúvida que algum poder sobrenatural deslumbra os vossos olhos, e lisonjea os vossos ouvidos. Credes que sou formosa, e eu muito bem sei que nunca o fui; admirais as minhas prendas, e eu nunca as tive; quereis collocar-me no throno, e naõ sou propria senaõ para viver em huma choça. » Porém quanto mais esforços faz Azémi por humilhar-se, tanto mais se eleva.

Manda logo o Sultaõ que todas aquellas damas disputem o premio da dança. Entre as rivaes de Azémi se a-

achão as bailarinas mais célebres da Asia : ellas ostentão toda a sua graça , ligeireza e amabilidade ; porém ninguem tira os olhos de Azémi. Recusa ella entrar nesta nova prova ; fala-lhe outra vez a Fada , e Azémi se decide : levanta-se a tremer ; os seus passos de dança tem huma graça inexplicavel ; o seu dançar he ao mesmo tempo o do pudor e da alegria ; entrega-se toda ao prazer com aquelle enthusiasmo proprio da innocencia ; em huma palavra ella alcança todos os applausos.

A este tempo já se achava muito adiantada a noite. Dá o Sultaõ ordem para que todos se retirem , despedindo o concurso até o dia seguinte , pois deve durar tres consecutivos. Levaõ como em triunfo Azémi para hum magnifico palacio , que o Principe no mesmo instante ordenou fosse sumptuosamente mobiliado para ella. Deraõ-lhe grande numero de escravos para servi-la até que chegasse o instante, que devia decidir da sua feliz sorte. Deixemo-la entregar-se a todas as reflexões, que produz na sua mente huma situação taõ nova , e hum

triunfo taõ imprevisito ; pois naõ attendendo eu senaõ a ella durante a cerimonia , esqueci-me das suas duas irmãs , as quaes , assim como ella mesma , estavaõ estupefactas com o que lhe succedia , bem que as atormentasse a mais baixa e raivosa inveja. Apenas voltáraõ as duas para sua casa , quando manifestáraõ huma á outra os seus mais íntimos pensamentos. « Quem poderia ter esperado isto ? diziaõ , quem teria imaginado o que acabamos de ver e de ouvir ? Perdêraõ acaso todos os homens o juizo ? Preferir-nos Azémi ! . . . he cousa muito extraordinaria ; naõ he possivel que todos os olhos se tenhaõ deslumbrado em taes termos , sem huma causa secreta , que devemos indagar.

» O Cinto que a velha deo o outro dia a Azémi , naõ será por ventura algum talisman ? Aquella velha taõ generosa comnosco , te-lo-hia sido menos com Azémi ? Aquelle presente que nos parecia taõ miseravel , vale sem dúvida muito mais que os nossos ricos Cintos. Como brilhava hontem a nossos olhos , deslumbrando-os ! o diamante mais for-

moso da India tinha menos resplandor.

» Nisso não ha dúvida, Azémi tem hum talisman, cujo valor ella mesma ignora, e por tanto amanhã lho havemos de tirar, e então veremos se se nos avântaja em formosura e graças. » Tal qual o pensáraõ, assim o fizeraõ, e no dia seguinte de madrugada foraõ visita-la ao seu palacio. Assim que Azémi as vio lançou-se em seus braços, e apertando-as ao seu coração, falava-lhes com a maior ternura, e como quem estava envergonhada do seu triumpho, e disse-lhes: « Confusa estou ainda de quanto acaba de me succeder: as honras que me dispensáraõ deviaõ naturalmente pertencer-vos; e não posso comprehendere porque me haviaõ de dar a preferencia, quando podiaõ eleger a humma de vós. — Nós muito bem comprehendemos donde procede esta preferencia, querida irmã, lhe respondem ellas, he mui natural, e longe de termos ciumes della, vimos tomar parte no teu triumpho e na tua dita. Sahe porém finalmente dessa ditosa ignorancia

em que estás do poder das tuas graças: Continuamente te diziamos que não eras formosa, porque te amavamos tanto, que não queriamos que te ensobrecesses com isso; porém agora todo fingimento he inutil, porque a tua felicidade está segura. Deves pois saber, Azémi, que és a mais formosa, graciossa e amavel de todas as mulheres. — Eu? por certo que estais zombando comigo. — Dizemos-te a verdade: só te confessaremos que tens dois grandes defeitos, que podem ser-te prejudiciaes algum dia. Tens huma timidez, que te impede de tirar partido do teu merecimento, e deves vence-la. És muito descuidada nos teus adornos, e tambem he conveniente que te corrijas disso. Esta noite deve chegar huma Circassiana de espantosa formosura; e as suas graças adquirem novo realce com os mais ricos e mais delicados adornos que a acompanhaõ: cuidado que não te roube o coração do teu amante. Por isso mesmo que és taõ formosa, não deves vestir-te com tanta simplicidade e descuido; e por este motivo trazemos-te vestidos, que excedaõ

em magnificencia os da tua arrogante rival. »

No mesmo momento trazem as escravas hum vestido todo coberto de pedras preciosas, com hum Cinto ainda muito mais rico. As palavras das duas irmãs, e a vista de taõ magnificas galas, transtornaõ a cabeça da pobre Azémi: julga ser a mulher mais formosa de Samarcanda, e olhando para os vestidos que entaõ trazia, fica envergonhada pela primeira vez da sua vida: querem as duas irmãs que próve o vestido e o Cinto que lhe trouxeraõ; porém ella responde que porá este rico Cinto por cima da fita que a Fada lhe deo de presente: por desgraça o Cinto rico he alguma cousa estreito, e para que faça sobresahir bem o airoso talhe de Azémi, Kalida, e Zelima asseguraõ que he preciso tirar a modesta fita. Depois de ter resistido a isto algum tempo, cedeo por fim Azémi ás instancias de suas irmãs, e tirando a fita, poz o novo Cinto. — Que talhe! exclamaõ ambas; que graça! a formosa Circassiana naõ veio a Samarcanda senaõ para ser testemunha

do triunfo da nossa querida Azémi. Adeos, adeos, formosa Azémi, á noite nos veremos no palacio. „ Sahem, e Kalida leva a maravilhosa fita, com a qual faz conta de adornar-se aquella mesma noite.

Azémi está absorta e desvanecida com o seu novo adorno: passeia pelo seu quarto, e mira-se com gosto a todos os espelhos: entrega-se a sua imaginação ás mais lisonjeiras illusões, até ao instante em que deve voltar ao brilhante concurso; esqueceo-se inteiramente da modesta fita.

Chega por fim o desejado instante. Azémi, coberta com hum véo, e com o vestido que lhe déraõ suas irmãs, he conduzida em triunfo, ao som de milhares de instrumentos, á sala do dia anterior. Collocaõ-na no throno, onde o formoso Hiram vem sentar-se. Pergunta o Sultaõ se todas as pertendentes chegáraõ, e logo dá o signal do concurso. Hiram, cheio de orgulho, quer fazer patente a formosura da sua amada, e levanta com suas proprias mãos o véo que a cobre. Porém, qual

naõ foi o seu espanto? Naõ reconhece já a Azémi. « Que vejo! diz, que vindes procurar aqui, Senhora? porque intentais occupar hum lugar, que naõ he destinado para vós? Que he feito de Azémi? — Como he possivel, Principe, que naõ me reconheçais? Eu sou Azémi. — Vós? exclamou o Principe. Naõ, naõ; he huma impostura; naõ vos pareceis com a minha querida Azémi. Pronunciando o Principe estas palavras, todas as damas principiáraõ a zombar daquella infeliz. Quanto mais insiste, tanto mais zombaõ della: ninguem a reconhece, e o Principe está na mais viva inquietaçaõ, procurando Azémi por toda a parte.

Quer o Sultaõ divertir-se com este taõ extraordinario acontecimento. « Senhora, diz á pobre innocente, quero embora crer que hum só dia foi bastante para privar-vos de grande parte das vossas graças; porém devem ter-vos ficado as vossas prendas. Vejamos se sabeis ainda tocar cithara, e se ainda sois taõ déstra na musica como o fostes hontem. » Estas palavras do Sul-



taõ socegaõ algum tanto a inquietaçaõ de Azémi : pega na cithara , e quer tocar ; porém que vergonha ! Naõ se ouvem senaõ huns sons agudos e discordantes , que em lugar de recrear , atormentaõ os ouvidos ; e com isto ouvem-se de todas as partes grandes gargalhadas de riso , e vozes de escarneo e zombaria. Obrigaõ aquella infeliz a descer do throno , e a expulsaõ ignominiosamente da sala , terminando deste modo o concurso daquella dia , devendo reunir-se novamente no seguinte.

Farei diligencia por pintar a desesperaçãõ daquella infeliz creatura ? A sua dor he taõ violenta , que lhe faz perder o uso da razaõ : taõ difficil lhe he comprehender o que acaba de succeder , como o seu anterior triumpho. Sahe de Samarcanda , e ainda que a noite estivesse já bastante adiantada , toma o caminho da sua cabana , que ella já se arrependia de ter abandonado. Depois de ter andado largo tempo errante nas trévas e na solidaõ , chega finalmente diante da sua pobre choça , na qual vê huma luz. Estremece : naõ sabe se de-

verá entrar, porém finalmente toma animo, abre a porta, e reconhece a boa velha, com o que ficou immovel de admiração. Derrama huma torrente de lagrimas, e accusa a Fada da desgraça que acaba de acontecer-lhe. « Ah! diz, vós sois a causa da minha ignominia; os vossos funestos encantos saõ sem dúvida os que hontem me collocáraõ no throno, que bem longe estava eu de ambicionar; vós sois quem hoje me faz descer d'elle com opprobrio, quando hum funesto amor, que vós mesma havieis accendido em meu peito, principiava a fazer-me grato. Que mal vos tenho feito para merecer tamanhos ultrajes? Eu vos soccorri generosamente, e sem contar com o vosso agradecimento. E deste modo he que me recompensais? — Querida filha, socega, mitiga a tua dôr, responde a Fada com doçura, dá-me attenção, e cessarás de accusar-me. Quando te vi pela primeira vez, não pude deixar de amar-te. Agradecida ao favor que me tinhas feito, fiz-te presente de hum precioso talisman. Aquelle Cinto de taõ pouco valor na apparen-

cia , tem a propriedade de aformosear todas as mulheres que o trazem : a rapariga que tem a dita de o possuir , triunfa de todas as suas rivaes , pois este Cinto he a plenitude e remate de tantas e taõ inexplicaveis graças , que desvanece todos os seus defeitos , exalta até o mais ligeiro merecimento que ella tenha , e lhe faz dominar os corações. Por meio de semelhante Cinto ou fita , huma mulher reúne em si quantos agrados póde ter , n'huma palavra , possuiue todas as prendas. Porém sem ella , as suas graças , o seu talento e formosura perdem o seu poder : ainda quando a admirem , ninguem a ama. Que fizeste daquelle thesouro ? Deixaste o *Cinto da modestia* pelo da vaidade. Privada de hum talisman , ao qual devias taõ brilhante triunfo , perdeste o merecimento que elle te tinha dado , de modo que nem pelo mesmo que te amava foste reconhecida. — Ah ! exclamou Azémi , quaõ culpada sou ! Eu tudo devia áquella maravilhosa fita ! Taõ maravilhoso era o presente que me tinheis feito ! Perdi-o por culpa minha , e fo-

raõ minhas irmãs as que mo roubáraõ. E agora aquellas perfidas triunfaõ em meu lugar; huma dellas reinará no coração de Hiram, naquelle coração pelo qual daria todos os thesouros do universo. » E dizendo estas palavras derramava huma torrente de lagrimas. « Consola-te, minha querida filha, responde-lhe a Fada; commove-me o teu arrependimento, perdoo-te huma falta de que só accuso a tua mocidade, a tua falta de experiencia, e o engano de tuas irmãs ambas, invejosas da tua felicidade! Aqui tens o Cinto que desejas. Eu segui Kalida, e Zelima, quando se hiaõ com elle, com a esperanza de fazer com que lhe aproveitasse a ellas; porém em breve tempo houve entre ellas a disputa mais renhida, pois que ambas queriaõ possuir o talisman. Aproveitei-me de hum instante favoravel, e privei-as de hum bem, de que naõ eraõ dignas, e que só á virtude he que deve pertencer. »

No mesmo instante a velha põe de novo o Cinto a Azémi, já mais consolada. Toca com a sua varinha magi-

ca, e immediatamente desaparece o tecto da cabana. Hum magnifico carro baixa das nuvens, tirado por gazellas aladas. A Fada na sua figura natural, e magnificamente vestida, mette-se no carro, e faz entrar nelle a Azémi. Chegão em hum instante a Samarcanda. Quer a Fada que toda a gente ignore a volta da Senhora a quem ella protege, e manda a todos os escravos que a servem, que guardem segredo até ao outro dia.

Quando chegou a hora do concurso, Azémi, vestida mui simplesmente, entra na sala, e vai tomar o seu lugar atraz de suas irmãs como no primeiro dia. Passados poucos momentos ouve-as fazerem zombaria da sua credulidade, lisonjeando-se a si mesmas com as suas loucas esperanças. Vê o Principe abysmado em huma profunda melancolia, com as lagrimas nos olhos, olhando inquieto para todas as formosas damas, que disputaõ entre si a posse do seu coração, ou por melhor dizer o seu throno. Porém logo exclama arrebatado de alegria: « Oh Coos! Que

vejo! Azémi, ó formosa Azémi, já te encontrei! » Vão ao lugar onde ella se acha, torna a collocá-la no throno, e toda a sala resoa com applausos, e com as repetidas vozes de: « Viva a formosa Azémi. » Kalida, e Zelima olhaõ huma para a outra, e perdem a côr de raiva e despeito. Todas as mulheres querem todavia duvidar da volta de Azémi. Ordena o Sultaõ que principie o concurso, e que cada huma das Senhoras manifeste novamente as suas prendas. Azémi porém parece ter ainda mais attractivos que no primeiro dia. Ninguem se farta de a ver e ouvir; eclipsa com o seu merecimento todas as suas rivaes, que naõ pôdem deixar de reconhecer a sua superioridade. Kalida, e Zelima saõ as unicas que se oppõem a taõ universal applauso. Nisto o arauto proclama a Azémi como a escolhida; e entaõ se conhece a que ponto chega a desesperaçã de suas irmãs, pois se valem de quantos meios lhes dicta a raiva, para pôr obstaculos á dita de sua boa irmã; porém daõ logo gritos horrorosos: os seus magnificos Cintos,

que tanto as ensoberbeciaõ, convertê-raõ-se em duas serpentes, que pareciaõ querer devora-las. Ficaõ todos immo-veis de espanto, e reina hum profundo silencio. Desce Azémi precipitadamente do seu throno, corre em soccorro de suas irmãs, pois naõ se esqueceo de que tinhaõ sido suas amigas; quer livra-las dos monstros, que já se vaõ enroscando á roda dellas; porém saõ baldados os seus generosos esforços. Ouve-se de repente hum grande ruido: abala-se a abobada do salaõ, apparece huma dama magnificamente adornada em hum carro, e pára no meio do concurso. Reconhece Azémi a Fada sua protectora: corre a prosternar-se-lhe aos pés, e lhe supplica que livre suas irmãs dos cruéis tormentos de que estaõ ameaçadas. « Boa Azémi, diz-lhe ella, perdoo-lhes porque tu assim o queres. Estas cruéis serpentes saõ as da *inveja*. Se queres que fujaõ, basta que as toques com o teu Cinto. » Obedece Azémi á Encantadora, e apenas aquelle magico Cinto toca as venenosas serpentes, quando desaparecem

para mais não voltarem. Kalida, e Zelima lançaõ-se nos braços de Azémi: imploraõ hum perdaõ, que já ella lhes havia concedido, e tornaõ a ser amigas da mesma a quem tinhaõ intentado perder.

Entaõ Azémi com aquella ingenuidade que lhe era natural, disse: « Oh magnifico Sultaõ, e vós Principe, e Senhores, que compondes a Corte de Samarcanda, e vós formosas Senhoras, que viestes aqui com a esperança de reinar no coraçãõ de Hiram, esta he a minha bemfeitora. A esta poderosa Fada he que devo toda a minha dita. Sem ella seria ainda a pobre Azémi: os olhos de hum grande Principe não se teriaõ fixado em mim, pois que por mim mesma nada sou. Estas graças, esta formosura que admirais em mim, foi ella quem mas deo: tudo devo ao talisman, que ella teve a bondade de dar-me. Por have-lo perdido hum só momento, vi-me expulsa vergonhosamente da vossa presença: ninguem já me conhecia: hum instante de orgulho privou-me de todas as minhas graças; esta generosa Fada mas restituiu. »



Huma taõ ingenua confissaõ a fez ainda mais agradavel aos olhos de todos os homens, e as mulheres lhe perdoáraõ facilmente hum triumpho, que só devia ao poder de hum talisman. « Azémi, disse-lhe a Fada, conserva hum thesouro, que naõ debes tanto á minha generosidade quanto ao meu agradecimento. Conserva-o sempre, se queres ser adorada do teu esposo e dos teus vassallos até o ultimo instante da tua vida. Este Cinto he o mais bello adorno que huma mulher possa jámais ter: diz bem a todas, e em todas as situações da vida; em huma cabana como em hum throno: aformosea todas as idades, e o seu resplendor será o mesmo em todos os tempos. »

Ditas estas palavras, desappareceo a Fada. Naquella mesma noite Hiram recebeu a Azémi por esposa, e ella soube conservar-se sempre no coração deste moço Principe, pois seguiu o conselho da Fada, naõ perdendo nunca o Cinto que ella lhe tinha dado. Kalida, e Zelima casáraõ com dois moços dos mais distinctos da Corte, e naõ tiveraõ

( 196 )

máis inveja áquella, a quem naõ podiaõ  
deixar de amar. O povo de Samarcanda,  
conhecendo o merecimento de Azé-  
mi, naõ cessava de abençoar o Ceo por  
ter formado huma uniaõ coroada com  
a mais amavel de todas as virtudes.



---

## O SITIO DE AMASIA.

---

**C**omprazem-se os homens na narraçãõ das batalhas, pois que lhes agrada ver o furor bellico erigido em heroismo, que costumaõ chamar virtude. Porém eu, rindo-me humas vezes das suas loucuras, e chorando outras a sua fraqueza e orgulho, busco na historia algumas passagens que honrem a humanidade. Encontro ali muito sangue derramado, poucas acções grandes e nobres, muitos conquistadores famosos, poucas almas grandes, muito ouropel e apparencia, e pouca gloria verdadeira. Ditoso aquelle, que pôde, no meio de tantos horrores e crimes, encontrar huma acção virtuosa! Descansa agradavelmente da sua fadiga, e contempla-a com admiração, derramando deliciosas lagrimas de gosto; á semelhança do caminhante perdido nos immensos desertos da Arabia, o qual, durante largo tempo não vio senão planicies áridas e sem planta al-

guma , leões e tigres , quando de repente descobre huma caravana , o seu coração palpita de esperança e alegria , vòo ao encontro de creaturas semelhantes a si , que não julgava tornar a ver , e exclama fóra de si : « Grande Deos , por fim encontro homens ! »

O famoso conquistador *Moez Ed-doulat* tinha-se apoderado de toda a Caramania , a pezar dos esforços de Ali-Mohamed , o mais generoso , o mais valente e o mais virtuoso de toda aquella gente. Não restava a Ali senão a formosa Cidade de Amasia , onde Moez o tinha sitiado havia mais de seis mezes. A Cidade estava bem fortificada e provida de tudo quanto era necessario para sustentar hum sitio. Ali-Mohamed tinha jurado sepultar-se antes debaixo das ruinas daquelle seu ultimo asilo , do que consentir em a entregar aos seus inimigos : quaõ firme não era o juramento de Ali-Mohamed !

Apertava Moez o sitio com a maior diligencia ; o Califa Moctafiajudava com todo o seu poder o homem , que algum dia havia de apoderar-se do seu thro-

no, enviando em seu auxilio hum exercito de cem mil combatentes. Tinha Ali-Mohamed rechaçado os assaltos deste formidavel exercito, e todos os dias fazia ver claramente a Moez os immensos recursos, que hum Monarca valeroso encontra no amor dos seus povos.

Estava já o exercito de Moez fulto de viveres: os seus soldados famintos principiavaõ já a murmurar, e o Sultaõ via-se reduzido ao ultimo apuro. Convoca o seu Conselho, composto dos seus Generaes. « Fiéis companheiros dos meus trabalhos e da minha gloria, lhes diz, deixaremos imperfeita a nossa obra? Huma unica Cidade resiste ao meu poder, e as suas orgulhosas muralhas zombaõ do vosso valor indignado. Abandonaremos a victoria? Cobrir-nos-hemos de eterna ignominia? Abandonar Amasia vale tanto como abandonar a Mohamed todo o paiz que temos conquistado: he fugir diante de hum inimigo tantas vezes vencido. Com tudo, he preciso confessa-lo, animosos guerreiros, o mais horrivel açoute, a fome, ameaça acabar com todo o meu exer-

cito ; ella faz rapidos progressos ; ouço em torno de mim a voz da rebelião ; os meus soldados , languidos e extenuados , não tem forças para combater. Que partido devo tomar ?

Guarda o Conselho hum profundo silencio. Nenhum dos Generaes de Moez se atreve a dar o seu parecer : hum teme ser accusado de cobarde ; o outro de imprudente ; só Nervan , guerreiro moço e animoso , íntimo amigo de Moez desde a infancia , se levanta , e diz : « Moez , não conheço senão hum unico partido ; o da honra. » Abraça Moez ao joven guerreiro. « Seguirei o teu conselho , lhe diz ; he o da amizade. Sim ; antes morte que deshonra. »

No outro dia ao nascer do sol , passa revista ao seu exercito ; porém , qual não foi a sua admiração ? Os soldados , longe de murmurar , davaõ gritos de alegria. « Viva o nosso moço Sultraõ , diziaõ com o maior contentamento : viva o protegido do Profeta. Ao assalto : voemos ao assalto. » Pergunta Moez donde procede esta extraordinaria alegria , este novo ardor em huns ho-

mens, que na vespera estavaõ desalentados e meios mortos de fome. Dizem-lhe que durante a noite, huns Genios tutelares tinhaõ entrado no acampamento com todo o gehero de viveres, e que se naõ tinhaõ retirado senaõ depois de o ter deixado provido para hum dia. Dissimulou Moez a sua admiraçaõ; quer que as suas tropas se conservem em huma opiniaõ taõ favoravel aos seus designios, e a qual elle mesmo está tambem a ponto de abraçar; tamanho espanto lhe causava o que lhe diziaõ.

Aproveita-se deste momento de entusiasmo, e conduz os seus soldados ao assalto. Acommettem a Cidade com hum denodo extraordinario, porém ella se defende ainda com mais intrepidez. Vê-se Moez por fim obrigado a retirar-se ao seu campo, depois de ter soffrido huma perda consideravel. Os seus soldados, fatigados com os trabalhos daquelle dia, e vendo os seus viveres acabados, principiaõ a murmurar; porém logo que o Ceo se cobrio de estrellas, os suppostos Genios que no dia antecedente tinhaõ trazido viveres, vol-

taõ outra vez, conduzindo mil camellos carregados de todas as cousas necessarias para a vida. Tendo-se immediatamente dado conta a Moez deste novo prodigio, ordenou que conduzissem á sua presença o principal delles. « Homem generoso, diz-lhe Moez, donde vens? — De Amasia. — Quem te envia? — Ali-Mohamed. — Que me dizes tu? o meu inimigo! — Elle mesmo, Senhor. — Que motivo póde move-lo a soccorrer-me? — A humanidade e a justiça. Vai, disse-me elle, vai conduzir estes viveres ao campo de Moez; se naõ pudes occultar ao Sultaõ a maõ que lhos dá, responde-lhe: Vós nos acommetteis de dia, entaõ vos consideramos e tratamos como inimigos. Porém durante a noite, oh Moez! vós nos deixais socegar: por consequencia, vos consideramos como caminhantes, como irmaõs, que nos pedem a hospitalidade; compadecemos-nos dos vossos trabalhos, e vimos soccorrer-vos. (\*) — Escravo, responde Moez depois de

---

(\*) Successo historico.



hum instante de silencio ; a alma de teu amo he nobre e generosa ; porém has de saber que a de Moez naõ lhe cede nem em nobreza , nem em generosidade. Venci-o com as armas , quero tambem vence-lo com a virtude. Tenho tres mil prisioneiros no meu campo ; eu lhos restituo sem exigir resgate : tomem de novo as armas contra mim ; estaõ livres , e naõ os temo. Amanhã ao romper da aurora tu os conduzirás ao mesmo que te envia , e os mil camellos que conduzíraõ os viveres , entraraõ em Amasia carregados de ricos presentes. »

Executou-se esta ordem no dia seguinte. Entregáraõ-se os tres mil prisioneiros , e se lhes restituíraõ as suas armas ; leváraõ igualmente para a Cidade riquezas immensas , tapetes da Persia da maior belleza , baixellas de ouro e prata , alfaias as mais ricas e preciosas ; naõ como paga de hum beneficio , porém como presente offerecido pela amizade.

Sem embargo disso , Moez faz novas disposições para acommetter a Ali ; a guarnição de Amasia dispõe-se

a rechazar hum novo assalto. Estaõ já arrimadas as escadas, e os soldados de Moez, animados com a presença do moço Sultaõ, que os commanda, fazem prodigios de valor. O animoso Nervan distingue-se mais que todos estes guerreiros, pelo seu valor e galhardia; peleja junto de seu amo, ou por melhor dizer do seu amigo. Em breves instantes arrastado do impetuoso ardor do seu zelo, trepa á muralha, e esquece-se de que naõ he seguido senaõ de hum curto numero de soldados: largo tempo se defende com intrepidez, derribando a quantos lhe fazem frente; porẽm finalmente vê-se cercado de todos os lados, peleja só contra huma multidaõ de inimigos; as suas forças já debilitadas chegaõ a faltar-lhe de todo; cahe, e os seus soldados, vendo vencido aquelle herõe, daõ no excesso da sua dôr gritos lastimosos. A noticia da morte de Nervan derrama a consternação em todo o seu exercito; porẽm quem poderá pintar o furor de Moez, quando chega á sua noticia a desgraça do seu amigo? Corre voando as filas

dos soldados, e excita o seu zelo com as suas vehementes exclamações e com o seu proprio exemplo, pois não respira senão vinganças. Porém, ah! são inúteis os seus esforços. São derribadas as escadas feitas em pedaços, e com ellas cahem os seus soldados mortos ou feridos mortalmente desde o alto da muralha. Ali, fazendo todas as diligencias por aproveitar-se da vantagem que alcançara, manda sahir parte da guarnição, cahindo como hum raio sobre os seus fatigados inimigos. Retira-se Moez desesperado, olhando para a Cidade com olhos em que ardem o furor e a vingança; porém não volta ao seu campo sem primeiro obrigar Mohamed a refugiar-se dentro das muralhas da Cidade sitiada.

Chega a noite, e as suas trévas vem suspender o furor dos combatentes. Corre hum ligeiro zefiro, que apenas agita as folhas das arvores: reina hum silencio profundo: resplandecem as estrellas no firmamento, e a lua alumia aquelle delicioso paiz, favorecido do Ceo, onde a natureza parece compra-

zer-se em prodigalizar os thesouros das suas frutas e flores, onde a paz deveria estabelecer a sua eterna morada, se pudesse reinar de contínuo em paizes, que os homens habitam. Sahe Moez da sua barraca; passeia vagarosamente pelas margens do *Cavalmach*, cujas frescas e cristallinas aguas correm junto ao seu campo. Pensa no seu amigo, e diz: « Ai de mim! perdi-te para sempre. Querido Nervan, eu te vi cahir derribado pelo teu feroz inimigo, e não pude vingar-te. Ah! que não tivesse eu podido morrer contigo! Os nossos pensamentos, as nossas inclinações eram as mesmas; porque não havíamos de ter o mesmo fim! Eu te amava . . . como á gloria, que ambiciono. Zoraida, sim, Zoraida só tinha parte contigo em todo o meu affecto. Fama, amor, poder, jámais me consolareis da perda do meu amigo. » Diz, e logo lhe parece que devisa na escuridão hum moço cuja estatura, ar, e porte lhe representa com admiração a imagem de Nervan. « Desgraçado amigo, exclama Moez, he a tua fria sombra que eu vejo? — Não,

naõ, he o mesmo Nervan em pessoa.  
 — Nervan! justos Ceos! Por que prodigio . . . Sim, he Nervan, he o meu amigo, que eu aperto a meu coraçãõ. »

A chegada de huma escolta numerosa interrompe taõ affectuoso colloquio. Chega-se hum enviado de Mohamed ao Sultaõ, e lhe diz: » Valeroso Sultaõ, Ali-Mohamed me envia a ti para dizer-te: Dou-te os agradecimentos, Moez, pelo inestimavel presente que me fizeste: mandaste-me tres mil prisioneiros, que viviaõ infelizes no teu campo, longe de suas familias e de seus amigos. Saõ meus filhos aquelles que me restituiste; pois como taes considero a todos os meus vassallos. Ah! se pudesses ter sido testemunha do excesso da sua alegria quando abraçavaõ a seus pais, a seus irmaõs, a suas esposas, ás prendas queridas do seu amor! Eu o presenciei, e o meu coraçãõ sentio-se profundamente commovido. Desgraçados, disse, desgraçados os homens, que declaraõ guerra aos prazeres mais deliciosos e innocentes da natureza. Moez he meu inimigo, porque o quiz ser;

porém eu só combato contra a sua ambição, pois ella he que me acommette, e não a sua amizade. Volte Nervan, o amigo de Moez, a viver com elle. Paz aos homens que se estimaõ: não os privemos do maior beneficio do Ceo, pois isto seria hum grande crime. Ao mesmo tempo, Moez, torno-te a mandar as immensas riquezas de que queres fazer-me presente. Que me importaõ a mim todos os thesouros do universo? Se posso defender e conservar Amasia, não serei bastante rico? e se tenho de perder Amasia, não jurei sepultar-me debaixo das suas ruinas com o povo que o Ceo me confiou? . . . ”

“ Escravo, disse Moez, como poderei recompensar a generosidade de teu amo? — A sua recompensa, Senhor, não está em vosso poder. — Julga-se maior homem que eu? — He hum grande homem, e não cré que o seja. — Admiro a sua virtude! imita-la-hei, e se puder, a elle me avantajarei. — Avantagejar-vos a elle! Não, Senhor, pois vós não sois senão hum homem. — Teu amo me teme. — Só ao Ceo teme. — Ia-

tenta desarmar a minha cólera? — Sois demasiado grande para assim o crederes. — Porque não consente elle em ser meu vassallo? — Não o deve ser senão de Deos, que tem na sua mão a sorte dos Reis. — Escravo, responde Moez, agradeo-me as tuas respostas: são nobres, são dignas daquelle que te envia. Vem celebrar connosco a volta do meu amigo; e tu, querido Nervan, entreguemo-nos á mais viva e cordial alegria. Recobrei o maior de todos os bens, e por tanto participem da minha dita quantos me acompanhaõ . . . »

Manda o Sultaõ que se aprompte hum magnifico banquete. Illuminaõ-se todas as barracas, e apresentaõ-se aos convidados os mais exquisitos manjares. Cem habeis musicos executaõ os mais harmoniosos concertos. He a Rainha desta festa, e o seu mais brilhante adorno, a formosa Zoraida, que com a maior dignidade e graça obsequia a todos os convidados. Moez, acompanhado da sua querida e do seu amigo, goza de toda a ternura da amizade, e de toda a delicadeza do amor.

Concluido o banquete , levanta-se a formosa Zoraida , e dando hum signal , apresenta-se bailando diferentes quadrilhas de graciosas donzellas. Toma Zoraida o alaude , e em quanto as bailarinas descansão , canta huma canção que acabava de compôr.

Terna amizade , que do Ceo desceste ,  
Tudo aqui solemniza os teus favores ;  
Com timidez modesta , de seus olhos  
Lagrimas derramando , Amor te diz :  
O dominio não pertendo  
De hum coração sujeito a teu imperio :  
Permitte , amizade terna ,  
Que respire junto de ti  
Aquelle cego infante , o Deos de amor.

Eu mesmo tecerei linda grinalda ,  
Que tua magestosa fronte  
Adornará , se para hum filho teu  
Lugar dás no teu throno refulgente.  
O dominio não pertendo &c.

Amizade , manancial de prazeres ,  
Quantas vezes enxugaste  
Co'a tua doce voz meu pranto !  
Quantas vezes eu com mão carinhosa  
Semei de lindas flores  
A terra que tu pizavas !  
O dominio não pertendo &c.



Sou, qual menino, ligeiro ;  
Tu parecida ao tempo no constante.  
Augmenta o teu poder todos os dias,  
E tal como a primavera  
He meu poder fugitivo.  
O dominio não pertendo &c.

O doce orvalho da aurora  
Aformosea a recém-nascida lima,  
E quando amadurece a doce fruta  
Ao lado della novas flores se abrem,  
Que nos off'recem d'outra a perspectiva  
O dominio não pertendo  
De hum coração sujeito a teu imperio :  
Permitte, amizade terna,  
Que respire junto de ti  
Aquelle cego infante, o Deos de amor.

Deste modo exprime a formosa Zoraida a sua amorosa inquietação, pois teme que a amizade só occupe o coração de Moez. Porém o Sultão lhe desvanece os seus sustos, e obsequiando ao mesmo tempo a sua dama e o seu amigo, diz a Zoraida : « Não te assustes, querida minha, que neste coração muito bem cabem o amor e a amizade, reinando nelle a hum mesmo tempo a mais vehemente paixão, e o mais suave e puro affecto. »

Acabada a festa, os convidados, sentindo-se já cansados, retiraõ-se para as suas barracas para entregar-se ao doce somno. Moez quer que o enviado de Ali fique no seu acampamento até o dia seguinte. Manda-lhe pelos seus escravos apromptar huma cama da mais fina e suave pluma, e que a cubraõ com os mais preciosos tapetes. Executaõ-se pontualmente as suas ordens: todos adormecem por fim, menos elle, que naõ póde pegar no somno.

Atormenta-o a idéa da virtude do seu inimigo, e debalde busca na sua imaginaçaõ meios de vencer a Mohamed em generosidade. « Será pois possivel, dizia elle lá comsigo, que haja no universo hum homem que me exceda em merecimento? e este homem será Ali-Mohamed? Elle, a quem tenho vencido, a quem tenho conquistado quasi todos os seus estados! Chegaraõ a insculpir algum dia no seu sepulcro: *Aqui descansa hum homem muito maior que o seu vencedor* . . . Para que ando em guerra? Para destruir homens? Naõ, he para alcançar a gloria, digna recom-

pensa das acções nobres e generosas. Façamos pois por merece-la. Excita-se agora huma nova guerra entre o meu inimigo e mim. Elle triunfa. Oh Ceos! fazei que eu tambem possa triunfar. »

Os primeiros raios do sol brilhavaõ já nas muralhas de Amasia; por todas as partes se põem em movimento as tropas de Moez, seus Generaes vem receber as suas ordens, e o enviado de Mohamed lhe pede licença de voltar para a Cidade. Moez lhe diz: « Parte pois, e dize a teu amo que admiro a sua virtude; e que o meu maior tormento he naõ o poder imitar. »

Parte o enviado, e no mesmo instante hum homem de aspecto sombrio e feroz chega-se ao Sultaõ, e lhe diz que tem que lhe communicar em particular. Ordena Moez a todos os que o acompanhaõ, que o deixem só, e entaõ o estrangeiro prostrando-se a seus pés, lhe diz: « Sublime Sultaõ, a victoria siga sempre as tuas bandeiras. Sou hum habitante de Amasia; muito tempo ha que o teu inimigo me tem dado toda a sua confiança; estou porém

cansado de o servir. A fama da tua generosidade me traz a teus pés. Quero ser o mais humilde dos teus escravos. — Como, exclama Moez com admiração, poderias abandonar a Mohamed! — Não sómente o abandono, mas até tenho o projecto de o entregar em tuas mãos. — E como? — Sei de huma sahida secreta, aberta na profundidade de huma rocha, que chega até á Cidade, e até ao mesmo palacio de Mohamed: elle me confiou este importante segredo, que só he sabido de hum pequeno numero dos seus vassallos. — Justos Ceos! exclama Moez com extraordinaria alegria, quantos favores vos devo! Tu, ó estrangeiro! penetraste no mais intimo do meu coração, e vens favorecer-me. Espera, espera, lhe diz; vou recompensar-te como mereces. Não sabes que serviço acabas de fazer-me. » Sahe do seu pavelhaõ, e manda que chamem no mesmo instante o embaixador de Ali, e lhe diz: « Toma conta deste traidor, e dizê ao que te envia: Tu restituiste generosamente a Moez o amigo do seu coração; e Moez, agra-

decido, entrega em tuas mãos o teu mais cruel inimigo, hum homem que queria abusar da tua confiança para a traçoar-te. Amanhã, se Moez o tivesse querido, cahias em seu poder, porém elle diz: opprobrio eterno aos que para vencer os seus inimigos se servem da baixeza e da perversidade dos homens. A perfidia não pôde ser o instrumento do valor: só a cobardia he que pôde servir-se do cobarde. Acolher o traidor, he abater-se tanto como elle; valer-se da tração, he o crime mais infame; não he combater, he assassinar. »

Assim que o enviado entrou em Amasia, logo as trombetas annunciáraõ a hora do combate. Nas alturas que corôaõ a Cidade, vê o Sultaõ brilharem as armas e tremolarem as bandeiras. Dizem-lhe que hum exercito de dez mil homens acaba de chegar em soccorro de Ali-Mohamed; e que se apoderou das alturas. Conhece a necessidade que tem de o desalojar de hum posto taõ vantajoso; e ainda que esta empreza parecia mui difficil, Moez não se detém hum instante: dirige quasi todas as suas for-

ças para aquelle sitio, e só deixa hum curto numero de soldados de guarda ao seu acampamento.

O exercito inimigo defende o posto com tanto valor como tenacidade ; porém finalmente vê-se obrigado a ceder. Apodera-se Moez das alturas ; a noite vem suspender huma empresa já meia vencida. Volta ao seu acampamento ; porém quem poderá pintar o seu espanto e sua dôr ! Encontra todos os soldados que tinha deixado para sua defesa passados á espada , e todo o acampamento saqueado e destruido. Assustase ; mil presagios sinistros lhe perturbão a imaginaçãõ. Que será de Zoraida ? . . . Debalde chama por ella : não lhe responde. Não vê senão hum escravo anciaõ coberto de feridas , que arrastando-se se chega a elle , e lhe diz : “ Oh , meu Senhor e amo ! a que procurais cahio em poder dos vossos inimigos. Em quanto estaveis occupado no ataque , as tropas da Cidade fizeram huma sahida , e matáraõ ou leváraõ prisioneiros os vossos leaes e valerosos soldados , que eraõ em muito pequeno nu-

mero para defender o campo, e o peor he que leváraõ tambem a formosa Zoraida, e todas as escravas que a serviaõ. Meu querido amo, eu teria preferido a morte ao desgosto de dar-vos huma noticia, que vos ha de despedaçar o coração. — Como pois! exclama Moez com inexplicavel furor, Zoraida em poder de meus inimigos, e naõ poderei liberta-la! Como estou eu com vida, em quanto Zoraida, minha amada esposa, aquella a quem mais prézo neste mundo, está em poder do meu inimigo! Oxalá tivéra eu antes perdido todos os meus Estados. Poderia reconquistar o meu throno; porém Zoraida . . . Ah, barbaros! caro pagareis este vosso momentaneo triunfo. Fazeis-me derramar lagrimas; eu farei correr rios de vosso sangue. Sim, o dia em que tomar esta Cidade que aborreço, hei de reduzi-la a cinzas sobre os cadaveres dos seus habitantes. . . .”

Deste modo se entrega Moez á violencia da sua desesperaçãõ. Os seus Generaes, os seus soldados olhaõ para elle a tremer. Só Nervan se atreve a che-

gar-se a elle, procurando mitigar a sua dôr. Desvia-o Moez de si, e lançando para todas as partes olhos ferozes e sombrios: « retira-te, lhe diz, retira-te: perdi quanto eu amava, e já não necessito de ti. »

Poi fim vai-se serenando a pouco e pouco o seu furor, e ao mesmo tempo a esperança como que vem derramar hum balsamo consolador na profunda ferida da sua alma. « Não conheces a Mohamed? diz elle consigo mesmo. Que provas te não tem dado da sua generosidade! Não cabio em seu poder o valente Nervan, hum dos seus mais temiveis inimigos, e assim que soube que era teu amigo, não to restituiu? Póde ser que quando souber que Zoraida... mas, que digo, insensato? Quando visse a Zoraida, não ficaria privado da liberdade de restituir-me hum thesouro tão precioso? Deixaria de abraçar-se por ella no mais violento amor? Talvez que neste instante mesmo ella se ache a seu lado, elle lhe fale com perfida doçura, e procure insinuar-se em seu coração, para d'elle desterrar a mi-



nha imagem. Valer-se-ha de todos os enganos, de todas as promessas, de todas as ameaças . . . ah! que não possa eu penetrar em seu palacio, chegar-me a elle, e enterrar-lhe este punhal no peito até encontrar o seu coração!

Tinha já nascido o sol, e ainda Moez não tinha cerrado os olhos. Passa como hum frenetico á roda dos seus pavelhões. Ninguem se atreve a chegar-se a elle; conhecem muito bem, e temem com razão as impetuosas paixões do seu indomito character. Espera todo o exercito ordens, que não chegam a dar-se, pois Moez já se não lembra das suas tropas, da sua ambição, nem da sua propria gloria. Muito bem podem habitar ao mesmo tempo em huma alma socegada diferentes paixões; porém quando huma destas paixões se irrita, não tem o coração bastante espaço para contenta-la. Tal hum rio engrossado com as alluviões, sahe da sua madre, espumoso e enfurecido se derrama pelos campos visinhos, arrastando para elles quanto continha no seu profundo leito, ao mesmo tempo que a sua socegada corrente

naõ sobrepujava as suas margens naturais.

Já o sol tinha acabado a sua carreira, e ainda naõ tinha variado a sorte de Moez, pois nenhuma nova embaixada do seu inimigo tinha vindo restituir-lhe o doce encanto de sua alma. E se por alguns instantes se lisonjeára crendo que a generosidade de Mohamed chegaria até o ponto de restituir-lhe a sua amada, já perdeu esta ligeira esperança. Desesperado resolve-se a entrar elle mesmo em pessoa na Cidade de Amasia durante a noite. Despe os ricos vestidos que poderiaõ da-lo a conhecer, toma o traje de hum mercador Armenio, e ordena a dois escravos que o acompanhem, os quaes conduziaõ quatro camellos carregados de preciosas mercadorias. Depois de ter dado huma grande volta, toma por fim o caminho que conduz de Bagdad á Cidade, e em breve tempo chega ás portas de Amasia. Deixaõ-no as sentinellas entrar, e guiando-o hum dos escravos, que conhece perfeitamente as ruas da Cidade, encaminha-se a hum magnifico Caravãçara proximo ao palacio de Mohamed.

Assim que nelle entrou, logo que-  
ria sahir a passear pela visinhança do  
lugar onde se achava Zoraida, resolu-  
do a perecer ou arranca-la das mãos do  
seu rival. Vio porém chegar em breve  
tempo hum official de Mohamed com  
huma escolta numerosa, e chegando-se  
a elle, lhe diz: « Acaba meu amo de  
saber que chegou hum estrangeiro a A-  
masia. Conhece Ali-Mohamed os deve-  
res da hospitalidade, e apressa-se a des-  
empenha-los com todos os que chegaõ  
a esta Cidade, seja qual for a sua clas-  
se e riquezas. Envia-me por tanto, Se-  
nhor, a supplicar-vos que queirais hon-  
rar o seu palacio alojando-vos nelle. — Se  
esta he a vontade de teu amo, respon-  
de Moez, admiro, obedeço, e sigo-te. »

Sóbe o Sultão as escadas do pala-  
cio: atravessa espaçosos salões adorna-  
dos com a maior magnificencia, e che-  
ga ao lugar destinado por Mohamed  
para dar audiencia aos estrangeiros; a-  
dianta-se até ao throno, onde está sen-  
tado o seu inimigo, e faz esforços por  
dissimular o furor em que se abraza.  
Levanta os olhos para encarar o homem

a quem aborrece, e a quem vê pela primeira vez ; porém apenas o viu, quando conhece que se lhe vai mitigando a dor, permanece immovel, e sente em seu coração o mais profundo respeito para com aquelle Soberano, querendo quasi dobrar o joelho diante do mesmo, que pouco antes queria immolar ao seu furor. Não pôde deixar de admirar a nobreza do seu rosto, no qual ao mesmo tempo vê retratados o valor e a doçura, a grandeza e a simplicidade, a bondade de huma alma excellente, e o inalteravel socego da força.

Assim que Mohamed o vê, desce do seu throno, e chegando-se a elle com ar de bondade, diz-lhe com gracioso sorriso: « Estrangeiro, sê muito bem vindo. Não te pergunto pelo teu nome, nem pela tua patria: és homem, e eu sou teu irmão: sem dúvida que os motivos que te trazem a esta Cidade são innocentes, visto que nunca te fiz mal, e só te desejo bem. »

Moez, enternecido e confuso, guarda hum profundo silencio. Ordena Mo-

hamed a seus escravos que o conduzaõ a huma sumptuosa habitaçaõ, e que lhe dêem vestidos magnificos : ao mesmó tempo o convida a que lhe venha fazer companhia á cêa. Retira-se Moez por hum instante, e logo depois volta em trajos mais convenientes á sua classe, a huma sala magnífica, onde Mohamed acompanhado dos grandes da sua Corte, vai sentar-se com elles a huma meza coberta dos manjares mais exquisitos. Concede-se o assento mais honorífico ao estrangeiro, cujo nobre aspectó e ar magestoso chamaõ a attençaõ de todos, que se sentem penetrados de admiraçaõ á vista da sua pessoa.

Immediatamente reinou no festim a maior franqueza, cordialidade e alegria: manifesta-se o talento com aquella nobre independencia, que tanta graça lhe dá, pois que os Cortezaõs de Mohamed saõ outros tantos amigos seus, experimentados já por elle, e os quaes pôdem dizer livremente quanto pensaõ.

Repara Mohamed na admiraçaõ do estrangeiro, e lhe diz: « Estás espantado de ver a franqueza e a amizade

sentarem-se á meza de hum Soberano, de ver-me taõ ditoso no throno, como se eu naõ reinasse? — És ditoso, Ali! exclama Moez, és ditoso quando hum inimigo temivel está ás tuas portas, quando dentro de poucos dias talvez o teu throno seja derribado, e tu com elle; quando a tua sorte depende de Moez! — Estrangeiro, disse Mohamed, a minha sorte está nas maõs de Deos. Deos podia ha dez annos ter derribado o meu throno de hum sopro, e sem embargo disso eu era feliz. O meu destino naõ mudou; estou sempre de baixo da dependencia do mesmo amo, e Moez, assim como Mohamed, está sujeito aos eternos decretos daquelle que tudo póde. Porém cré-me, deixemo-nos de huma conversaçãõ, que sem turbar a paz da alma, naõ me parece própria para alegrar hum banquete. »

No mesmo instante cobrem os escravos a meza com as mais delicadas e exquisitas frutas, e com as mais formosas flores. Vasos de elegante fórma, e de mui transparente cristal estaõ cheios dos mais deliciosos vinhos. No meio

da meza hum pavaõ artificial ostenta as riquezas da sua formosa plumagem , todo matizado de esmeraldas: ficáraõ os convidados absortos vendo tanta riqueza. De repente, por meio de hum engenhoso mecanismo , o passaro abre o magestoso leque da sua cauda, e todos os perfumes da Arabia saltaõ de cada huma das suas pennas, e cahem em miudissimo orvalho sobre as flores e frutas. Ouve-se huma harmonia que encanta, e as mais formosas bailarinas vem fazer alarde das suas graças em hum feſtim, em que Mohamed desprega toda a magnificencia do luxo Asiatico. Vai cada vez a mais a alegria dos convidados, e Mohamed, sem nada perder da sua dignidade, entrega-se sem reserva a hum amavel e natural graçejo. Observa-o Moez guardando hum profundo silencio. Pensando em Zoraida, excita-se e cresce o seu furor; empunha com força a adaga que traz occulta em seu seio. Entaõ Mohamed dirigindo-se á elle, lhe diz: « Estrangeiro, por amor de ti he que se dá esta festa, e tu recusas tomar parte em

nossos prazeres? Que quer dizer essa profunda tristeza, que vejo pintada no rosto do meu hospede? — Ai! responde Moez, huma terrivel paixão reina em meu coração, e o abraza. O meu inimigo roubou-me o objecto do meu mais terno amor, huma mulher de quem era amado, e que estava para elevar á classe de minha esposa: guarda-a cativa no seu serralho. Geme ella por causa da minha ausencia, e sem dúbida por causa das perseguições do roubador. Venho a Amasia arrastado pela vingança, venho para cravar o meu punhal no coração do inimigo que me ultraja, para morrer ou libertar aquella a quem amo. — Pois pertendes, diz Mohamed, fazer-te justiça a ti mesmo! Julgavas que Amasia era governada por algum barbaro, e que as leis que defendem o fraco contra as usurpações do forte nos eraõ desconhecidas? Naõ venhas usurpar-me o melhor dos meus direitos: se os teus saõ justos, restituir-te hei a tua amante, e castigarei o aggressor do bem alheio. — Tu, Mohamed, exclama Moez com a mais violenta a-



gitação, tu fazeres-me justiça, quando depois de teres roubado a Moez huma mulher querida, a formosa Zoraida, a tens presa em teu serralho como huma escrava destinada aos teus prazeres! — Eu? diz Mohamed. — Tu mesmo te abrazas em amor por Zoraida, e queres usurpar hum coração em que só Moez reina. — Estrangeiro, diz Mohamed com bastante enfado, ignoro como pudeste descobrir o segredo de huma paixão, que principia a nascer em meu peito, e que eu a mim mesmo queria occultar. Sim, não pude ver a Zoraida sem ama-la. Pela primeira vez em minha vida se turbou o meu coração á vista de huma mulher, e até tenho resolvido casar-me com Zoraida. — Não porás em prática tão insensato intento: o mesmo Moez em pessoa virá arrancar-te a tua preza. Elle não está longe, e a vingança o segue. — Não o temo, responde Mohamed sem alterar-se, e muito bem o sabe elle. Se vier como inimigo, saberei rechaça-lo; se como amigo, abrir-lhe-hei meu coração e meus thesouros . . . Porém não

lhe restituirei Zoraida. — E és tu o homem a quem intitulaõ nobre e generoso? Saõ essas as virtudes com que intentas adornar-te? — Para falar-me deste modo, diz Mohamed sorrindo-se, he preciso que tu pela tua parte contes com ellas. Porém tu, que intentas dar-me conselhos de nobreza e desinteresse, responde-me sem rodeios: Se Moez, depois de me haver tirado huma escrava taõ formosa como Zoraida, se visse perdido de amores por ella, teria sido bastante generoso para ma restituir? Calas-te? Dize-me mais: Persuadio-se Moez que eu lhe restituiria Zoraida? — Assim o pensou por hum instante; porém logo se desvanecio esta esperanza. — Pois era muito injusto. Aprenda a conhecer-me, e naõ me julgue hum vil escravo das minhas paixões, disposto a sacrificar-lhes a justiça e a virtude. Amei a Zoraida, ainda a amo, e neste mesmo instante se acha na barraca de Moez. — Justos Ceos! Que ouço? Zoraida!... Ó de todos os mortaes o maior e o mais generoso! Que nome te darei? És hum Anjo, ou és hum Deos? Conheces quem

acabas de sentar á tua meza? Sabes que eu sou Moez? — Sabia-o. — E como? . . . — Hum homem tal como Moez naõ póde disfarçar-se. Naõ tem necessidade de que o acompanhem os attributos do seu poder, para dar a conhecer que nasceo para governar os outros homens. Hum dos meus officiaes te conheceo, e sem elle eu mesmo te teria descoberto. Porém a noite está muito adiantada, e já naõ podes voltar hoje ao teu campo. Amanhã, ao romper da aurora, partirás de Amasia, hum escolta leal te acompanhará até aos postos avançados do teu exercito. Permite-me que por esta noite o meu palacio te sirva de asilo. Dorme tranquilamente em poder de Mohamed. A boa fé estará de guarda á tua porta; eu nunca tive outra guarda

Dito isto, conduzem o Sultaõ á mais rica habitação do palacio. Deita-se em hum cama sumptuosa, com a doce segurança de que se goza em casa de hum verdadeiro amigo. No dia seguinte, ao despertar, hum numerosa e brilhante escolta o conduzio fóra

dos muros de Amasia, acompanhando-o até á entrada do seu acampamento.

Encontra Moez o seu exercito na mais violenta agitaçãõ. Os cabos inquietos pela sorte do Sultãõ, tinhaõ já dado as suas ordens para hum assalto geral. Olhaõ como indubitavel que Mohamed guardasse prisioneiro a Moez, ou que talvez tivesse perecido em Amasia. Ardem em desejos de liberta-lo ou vinga-lo. Cincoenta mil homens, enviados pelo Califa Moctafí, acabaõ de chegar debaixo das muralhas de Amasia, e qualquer que seja o valor dos habitantes da Cidade sitiada, he impossivel que resista por mais tempo a tantas forças reunidas contra ella. Moez, vendo este novo soccorro, sente palpitar o seu coraçãõ com huma nobre alegria. Convoca todos os cabos do exercito, e dirigindo-se ao moço Nervan: „ Ámanhã, diz, ámanhã infallivelmente quero entrar em Amasia; porém quero, Nervan, que me precedas. Fala a Mohamed da minha parte, e dize-lhe: O Sultãõ Moez veio sitiar-te com hum exercito formidavel; porém tu o ven-

este só com a tua virtude. Elle mesmo assim o confessa, e te proclama vencedor; julgava-se grande porque era forte, conhece que o és mais que elle, porque és virtuoso; a sua grandeza está fóra d'elle, pois que se acha no exercito que lhe obedece: a tua está em ti mesmo, está na tua alma. Não depende dos homens, nem dos acontecimentos, e Mohamed, reduzido a viver em huma miseravel cabana, seria ainda maior que o mais poderoso Monarca. Moez te pede a paz e a tua amizade, Fazer a guerra a Mohamed he declara-la a Deos, cuja imagem he. Conserve elle debaixo da sua dominação a Cidade de Amasia e todos os seus deliciosos contornos: ditosos, mil vezes ditosos os povos sujeitos ao seu poder! . . . ”

Quem será capaz de pintar a admiração daquelles valentes cabos? A quem devem considerar maior, a Mohamed, que acaba de alcançar esta sublime victoria, ou ao que publica em alta voz a gloria do seu vencedor?

Encaminha-se Nervan para Ama-

cia , e naquella mesma noite se abrem as portas da Cidade para que entrem os soldados de Moez. E pelo modo como os recebem , julgar-se-hia que se recolhiao á sua patria depois de huma larga ausencia. Illuminou-se a Cidade durante quinze dias seguidos , e as mais brilhantes festas succedem aos combates , e os fazem esquecer. Juraõ Moez, e Mohamed eterna amizade hum ao outro : ambos tem demasiada grandeza d'alma , para que deixem de cumprir este juramento ; pois quando as almas grandes se aborrecem , he sem dúvida porque se não conhecem.



---

## OS FISIONOMISTAS.

---

**G**osto muito dos auctores antigos, e com especialidade dos viajantes, e quanto mais antigos saõ, tanto mais me agradaõ. Parece-me que aos homens foi preciso muito tempo para aprender a mentir, e muito mais ainda para se acostumarem a isso, e por tanto estou persuadido que os primeiros que escreverãõ, falãraõ mais verdade que os que se lhes seguirãõ.

Tenho na minha bibliotheca hum numero consideravel de chronicãs antigas, porque tem aquelle estilo singelo e franco que as caracteriza, e que no meu entender he preferivel ao mais brilhante engenho. Entre estas historias ha huma que prefiro a todas, pois he de hum viajante taõ antigo, que foi bisavõ de Sanchoniaton. Dia chegará talvez, em que tenha traduzido toda a obra; porém em quanto a naõ concluo, porque he mui volumosa e difficil, dar-

vos-hei aqui huma amostra della , trasladando a viagem que fez á Ilha dos Argénites, proxima á famosa Atlantida de Plataõ.

» Haveria huys vinte annos , diz o bom Gerímades , que eu tinha sahido da Ilha dos Argénites. Antes de morrer desejava com o maior empenho visitar outra vez aquelle delicioso paiz , com o qual a natureza foi liberal de todos os seus dons. Tinhaõ-me tratado nelle com a maior cordialidade , e o dono da casa onde estava alojado era meu amigo intimo. Eu o vi chorar quando me despedi delle : as suas lagrimas eraõ sinceras : assim o julguei pelas cinzas , e naõ me enganei , o que succede mais commummente do que se crê , quando julgamos pelo nosso proprio coraçãõ. O meu dono da casa , o meu leal e virtuoso amigo chamava-se Létoeles , fez-me prometter que voltaria áquella terra , e eu assim o jurei pela nossa mutua amizade , juramento a que naõ queria faltar.

» Embarquei-me em hum navio Fenicio de tres ordens de remos , e che-



guei á Ilha dos Argénites depois de oito dias da mais feliz navegaçãõ. Com que ansia me naõ encaminhei para a Cidade, onde vivia Létoeles ! eu me representava o prazer que elle sentiria ao ver-me. Entro pois, porém qual naõ foi o meu espanto ! vejo-me rodeado de huma infinidade de gente, todos mascarados : olhaõ para mim com curiosidade, contemplaõ-me com extraordinaria attençãõ, e se apartaõ de mim, dizendo e repetindo : *he hum bom homem ! he hum boim bomem !*

» Confesso que isto produzio em mim o maior espanto, e perguntava-me a mim mesmo : « que quer isto dizer ? endoudecêraõ os Argénites ? porque andaõ todos de mascaras ? porque me olhaõ com tanta attençãõ, e dizem : *he hum bom homem ?* como sabem elles se sou bom ou máo ?

» Redóbro o passo summamente inquieto, e dizendo : « Terá tambem endoudecido como õs seus compatriotas o meu bom amigo Létoeles ? » Descubro de longe a sua porta : naõ me atrevo a entrar : o meu coraçãõ palpita,

e tremem-me as pernas: por fim tómo animo, entro, e acho-me nos braços do meu amigo. Naõ está mascarado como os mais: aperta-me ao seu coração, dá-me as maiores demônstrações do seu terno affecto, chora de alegria pela minha volta, e eu igualmente de gosto de o tornar a ver, e de o encontrar robusto e saõ, e em seu perfeito juizo.

» Passados os primeiros instantes, em que nos entregámos aos arrebatamentos da nossa reciproca alegria, informei-me cuidadosamente dos seus negocios domésticos, e apresentando-me á sua familia, disse-me: « Sou feliz. » Naõ me foi preciso mais, pois assim que proferio estas palavras, me considerei taõ feliz como elle. Conteí entaõ a Lérocles o que acabava de ver e ouvir, rogando-lhe que mo explicasse. Sorriu-se e disse-me: « Oh' meu querido Gerímades! quantas cousas, e quaõ extraordinarias se naõ tem passado depois da tua partida! . . . Naõ haverá ainda dois annos que chegou á nossa Ilha hum daquelles homens, que possuem segredos maravilhosos, e que os vaõ

vender aos paizes, onde a curiosidade e a credulidade págaõ mui caro tudo quanto parece extraordinario e raro. Este homem chamava-se Telemántidas, e possuia a arte de adivinhar o talento e genio das pessoas, sem mais trabalho que o de examinar a sua fisionomia. Nos seus olhos e feições lia as qualidades da alma, e os mais occultos defeitos. Este homem singular vinha da Atlántida, onde todas as sciencias estaõ muito adiantadas, fazendo cada dia novos progressos, e onde as artes chegáraõ ao maior gráo de perfeiçaõ. Tinha elle querido communicar aos seus compatriotas o seu sublime descobrimento; porém os sábios que governavaõ a Atlántida, depois de o ter examinado maduramente, o desapprováraõ, considerando-o como mais prejudicial que util, e até chegáraõ a prohibir ao seu inventor, sobpena de perder a vida, que o divulgasse. Porém naõ querendo Telemántidas perder hum segredo taõ precioso, e calculando as vantagens que podia tirar d'elle para a sua fortuna e fama, resolveo abandonar a sua patria, e hir buscar em ou-

tros paizes as honras e riquezas, que a sabedoria dos seus compatriotas tinha a injustiça de recusar-lhe.

» Passou pois para a Ilha dos Argénites, porque sabia que aquelle povo, dotado de huma imaginação viva, estava disposto a receber favoravelmente todo genero de novidades. Publicou hum eloquente prospecto, no qual estabelecia a sua nova e brilhante doutrina, apoiada com excellentes frases, o que lhe grangeou a approvação geral. O Governador daquella terra, chamado Abisar, o encheo de honras e riquezas, pois quiz, como se fosse cousa que lhe conviesse, ser o primeiro que aprendesse aquella sciencia, e em breve tempo foi tão sábio como seu mestre, o qual desde logo entrou a dar lições públicas daquella arte, que elle chama *fisognomonía*: acudiaõ os Argénites com ansia a ouvir aquelle filosofo, sendo tempo e trabalho perdido o esforçarem-se alguns sábios, que previaõ o futuro, por conter aquella especie de frenesi ou loucura, pois lhe respondiaõ: » Porque quereis oppôr-vos a que nos instruamos na mais

excellente e util de todas as sciencias? Porém já adivinhamos o motivo: não quereis que leamos em vossos corações; e que descubramos os vícios que com tanto cuidado occultais. Breve cahirá a máscara que encobre tantos malvados; e se conhecerá quem são os homens de bem. Se fosseis tão virtuosos, como não-lo quereis persuadir, alegrar-vos-hieis tanto como nós com este maravilhoso descobrimento . . . » Que se poderia oppôr a semelhantes discursos? O silencio e o desprezo. Os malvados quizeraõ ser Fisionomistas para enganar os homens de bem; e os homens de bem o quizeraõ ser igualmente para que não os enganassem os malvados. Em menos de dois annos houve poucos Argénites que não se achassem mui versados nesta arte, e que não conhecessem nas feições do rosto o caracter dos seus concidadãos.

» Deveis tambem saber que as mulheres não se applicáraõ menos que os homens ás lições de Telemántidas. A sua curiosidade excitada de mais disso pelo nosso exemplo, as attrahia ao si-

tio onde aquelle sábio vendia por alto preço os segredos da sua arte, dizendo-se a si mesmas: « Pois os homens não de conhecer o nosso character só com a vista do nosso rosto, e nós não havemos de ter pela nossa parte a mesma vantagem, e não havemos de poder distinguir os que verdadeiramente nos amados que nos enganao? Se elles conhecem os nossos defeitos, he indispensavel que nós conheçamos os seus; e estando nós de posse da excellente sciencia de Telemántidas, poderemos por meio della conservar o imperio adquirido pelas nossas graças. »

» Assim falavao as mulheres, e em pouco tempo fizerao se tao boas Fisionomistas pelo menos como os homens.

» Porém em breve tempo succedeo na nossa Ilha o que tinhao previsto os sábios habitantes da Atlántida, e nos achámos na situaç.õ mais deploravel. Já se não vírao entre nós pessoas intrigantes, pois a mais bem combinada intriga, e o enredo mais bem urdido ter-se-hiaõ descoberto só com huma vista

d'olhos. Porém em seu lugar se manifestou a ambição sem reboço algum, visto que nada teria ganhado em querer disfarçar-se. Em lugar de valer-se do artificio, appellárao para a força, e tudo forao disputas, contendias, e até combates.

» Quebrárao-se de mais disso todos os laços da amizade, porque no mesmo instante hum amigo descobria no coração do seu amigo defeitos, que nem se quer suspeitára nelle. Não cahimos por isto em huma absoluta indiferença, visto que conservavamos as nossas paixões. Vio-se o amor privado das illusões e esperanças que o alimenta, e tanto poder lhe dao sobre os nossos corações. Os amantes não tiverao já nem confiança nem desconfiança. A certeza da sua desgraça, se erao enganados, os privou de toda consolação; e a certeza da sua boa sorte, se erao amados, os desgostou da sua propria felicidade. He preciso que o homem duvide hum pouco da sua dita, e que só, por assim dizer, creia nella a meias, com a sua razão antes do que com o seu coração.

Q

Se se acha seguro, como de huma verdade mathematica, descansa a sua alma, e como que adormece: não sente bastante para gozar: huma certa incerteza a estimula, e lhe dá energia.

» Não foraõ tambem mais felizes os Argénites no interior das suas familias. Hum pai ordinariamente se illude quanto aos defeitos de seus filhos, pois õs crê melhores do que realmente saõ. Se saõ máos inteiramente, não desespera, pois crê que algum dia, quando tenha passado o fogo da mocidade, e tenhaõ com os annos adquirido experiencia, volveraõ á virtude, e se faraõ melhores. Nós porém perdemos as illusões consoladoras do amor paterno, desvanecidas pelo esforço de huma sciencia, que não permite dúvidas nem exaggeração, e que apresenta a verdade, como vulgarmente se diz, nua e crua.

» As pessoas moças e solteiras conheciaõ-se no mesmo instante taõ perfeitamente como se tivessem vivido juntos muitos annos. Descobriaõ huns nos outros defeitos que os desviavaõ de huma uniaõ, que devia durar toda a vida.



Se algum solteiro pensava em casar, lia o caracter de todas as solteiras em seus olhos: em huma achava certa inclinação a que a obsequiassem: outra se manifestava leviana e inconstante: qual dava indícios de máo genio, e qual de orgulho e vaidade. E como as mulheres possuíam a mesma sciencia, pensavam em iguaes termos dos seus noivos, e nelles encontravam de ordinario certos defeitos, que poderiaõ perturbar a felicidade, que desejavam encontrar com hum marido. Este dava mostras de ridiculo e de ralhador, aquelle de cioso, hum de tyrannico, e outro de inconstante; e deste modo cada vez eram mais raros os casamentos, reinando em toda a Ilha grande dissolução.

» E como a gente não podia occultar-se mutuamente os seus vicios, tiveram o arrojo de os manifestar sem rebuço em toda a sua torpeza e grosseira. Talvez me dirás, que a impossibilidade de dissimular os devia obrigar a tornar-se virtuosos. Porém os homens não se fazem taes por necessidade que sintam disso, mas sim por inclinação e

amor á mesma virtude. O temor dos juizos humanos só faz hypocritas, o que não podia succeder na nossa Ilha, na qual teriaõ sido conhecidos immediatamente, e assignalados como taes. E por tanto pareceo-lhes que seria cousa mais breve, simples, e facil, manifestar-se com todos os seus vicios do que adquirir virtudes.

» Os homens tem maior ou menor dose de amor proprio : muitos saõ vaõs, e outros orgulhosos. Antes que chegasse Telemánridas, os Argénites não se mostravaõ nem taõ vaõs, nem taõ orgulhosos como realmente eraõ, receando fazer-se ridiculos e aborreceiveis. Porém logo que se tornáraõ Fisionomistas, o orgulho olhou descaradamente para o orgulho, a vaidade tropeçou com a vaidade, e a insolencia topou com a insolencia. Reináraõ nos corações o odio, a inveja e a maior rivalidade, com o que se foi transtornando a ordem social.

» Em taõ triste e cruel situação nos achavamos, oh meu querido Gerímades ! quando o Governador da Ci-

dade me mandou chamar , e me disse :  
« Létoeles , estou summamente pesaro-  
so de ver o que se passa , e desejo des-  
cobrir algum remedio. Aconselha-me ,  
e façamos por corrigir hum mal , que  
deitará a perder huma Cidade , que che-  
gou ao maior gráo de corrupçaõ. Co-  
mo tu , e a tua familia pudestes livrar-  
vos della ? como pudestes conservar a  
vossa felicidade e os vossos amigos ?

» Eu lhe respondi : Conheci que  
a sciencia de Telemántidas , longe de  
poder augmentar a minha dita , poderia  
muito bem destrui-la ; e por isso fugi  
de aprender huma arte , que me faria per-  
der as mais agradaveis illusões do meu  
coraçãõ. Por tanto , naõ sou Fisiono-  
mista , e deste modo conservei os meus  
amigos , porque tenho conservado a con-  
fiança delles. Pedís-me conselho , e vou  
dar-vo-lo. Cobrí o vosso rosto com hu-  
ma máscara , e todos seguirãõ o vosso  
exemplo. Para que renasça alguma es-  
perança de que voltem as virtudes , he  
preciso occultar a olhos que se tem fei-  
to demasiado penetrantes , o horroroso  
aspecto dos vicios.

« Assim o fez o Governador, e logo se fez geral a moda de andar mascarado. Todas as máscaras apresentavaõ o character de bondade, de benevolencia, de franqueza e lealdade; em fim tomáraõ a fisionomia de todas as virtudes. E ainda isto naõ foi bastante, pois tiveraõ de accomodar os modos e a linguagem ao ar do rosto fingido que tomavaõ; e assim, passado algum tempo, os Argénites se mascaráraõ desde os pés até á cabeça. Isto os incommodava muito no principio; porém pouco a pouco se foraõ acostumando a usar da máscara, em taes termos que lhes he como natural, e até parece que nascêraõ com ella.

» Ainda ha entre nós algumas pessoas, que naõ se tem esquecido inteiramente das lições de Telemántidas, e por isto, assim que chegaste, olháraõ para ti com curiosidade, dizendo: *he bum bom homem: he bum bom homem.*

» Porém cada dia se vaõ deixando desta sciencia, de cuja prática se tem conhecido a impossibilidade. Principiaõ a crer na boa fé, na franqueza, na

probidade, na honra, n'humã palavra, nas virtudes cuja máscara trazem. Só julgamos das acções. A confiança renasce no seio das famílias, e todas as inclinações e affectos, que contribuem á felicidade dos homens, recordaõ as illusões, sem as quaes não poderiaõ existir. A gente moça casa-se com a esperança de serem felizes, e effectivamente vemos muitos bons matrimonios.

» Deste modo falou o meu amigo Létoeles, e eu lhe perguntei porque não se tinha mascarado como os outros, e por que razão o seu rosto se parecia muito com todas as máscaras que eu tinha encontrado. Córrou Létoeles algum tanto, e não se atrevia a responder-me, quando hum Argénite, que nos estava escutando, me disse: « Para que havia o sábio Létoeles pôr humã máscara? nada tinha que occultar. O seu coração abriga a virtude, e no rosto traz estampada a sua fiel imagem, que servio de modelo aos Argénites, pois todos quizerão parecer-se com elle.

„ Ah ! exclamei eu , lançando-me nos braços do meu amigo ; muito bem mereces esta homenagem. Oxalá , querido Létocles , que os teus compatriotas se pareçaõ sempre contigo na fisionomia ! — Contém-te , interrompeo Létocles , naõ fales das minhas virtudes , que saõ muito imperfeitas , visto que sou homem. Nem tambem nós os homens podemos parecer-nos huns com os outros no rosto , do mesmo modo que naõ nos parecemos nas qualidades da alma : foi muito conveniente aos Argénites que puzessem máscaras , pois que só deste modo podiaõ reparar os danos de huma vã sabedoria , que a natureza lhes tinha negado. Porém quando se tiverem esquecido inteiramente della , deveraõ tirar as máscaras para tornar a gozar do direito que lhes deo o Creador. Pódem occultar-se nos mais profundos seios do coração humano idéas vergonhosas , ainda que passageiras , ou paixões criminosas , que por hum breve instante o dominaõ , porém que logo no momento seguinte elle mesmo reprova. He muito conveniente que isto

seja desconhecido dos demais homens. Porém também se faz preciso, para segurança da virtude, e opprobrio do vicio, que as virtudes do homem de bem possaõ sempre intimidar o hypocrita e o malvado.



---

## AMEDAN, E ZEILA,

ou

### OS MARIDOS BRILHANTES.

---

**H**avia dois annos que a formosa Zeila estava casada com o honrado e modesto Amedan. Tinha-se feito este casamento debaixo de huma feliz estrella. Amedan, contente de possuir a Zeila, tinha resolvido não lhe dar nunca ciumes, e Zeila, senhora absoluta do coração de seu marido, o era tambem da sua vontade. Em consequencia do que Amedan não lhe recusava cousa alguma, e até levava a sua condescendencia até ao ponto de lhe satisfazer os seus caprichos. Não era tambem cioso, e por tanto não queria que o objecto do seu amor estivesse rodeado daquelles eunucos, guardas despreziveis de huma virtude, que realmente não o he senão quando está livre. Por tanto Zeila visitava quando queria, sem lhe pedir li-



cença, só ou com as suas criadas, as suas amigas e companheiras, e também costumava ir passear nos mercados públicos, onde se reúnem as mais ricas mercadorias da Europa e da India. Ali comprava ella quanto lhe agradava, pois ainda que Amedan não era rico, gozava de huma decente mediania, e nunca perguntava a sua mulher o preço de cousa nenhuma, pois nada lhe parecia caro sendo do gosto de sua esposa. Tal era o caracter de Amedan, e na verdade que não ha muitos maridos que se pareçam com elle.

As mulheres de Ispahan invejavão a dita de Zeila, mas ella nem por isso era feliz, pois havia muito tempo que se via atormentada de melancolia, chorando sempre, e amando a solidão. Debalde procurava Amedan distrahi-la, e fazer com que ella recobrasse a sua passada alegria, que considerava como signal da felicidade de sua esposa. Valia-se de quantos meios ternos e delicados podia dictar-lhe o seu engenhoso amor para agradar-lhe e diverti-la; porém tudo era inutil. Como contentar os

desejos de Zeila? Não dá a conhecer nenhum, e só hum tem na verdade, que não se atreve a declarar, e que quereia occultar a si mesma.

Hum dia que estava ainda mais melancolica que nos outros, chegou-se Amedan a ella, e lhe disse: « Zeila, hum negocio muito importante para os meus interesses vai separar-me de ti por huns oito dias. Parto para Teflis, e espero que á minha volta te encontrarei mais feltz, e oxalá que Mafoma te restitua a alegria, pois daria para isso todas as minhas riquezas. » E dito isto a abraçou com o maior carinho, e partio.

Havia entãõ em Ispahan huma mulher mui velha, que tinha fama de ser muito habil na magica, e que prognosticava o futuro. Havia huns trinta annos que vivia naquella Cidade, e no principio gozou de grande crédito. Porém pouco a pouco tinha-se visto abandonada, porque a predicções, raras vezes lisonjeiras, ajuntava reprehensões ou chanças satyricas, e sempre conselhos, de que era muito mais prodiga que das maravilhas da sua arte. O que tambem

a tinha desacreditado era não receber estipendio algum dos que a hiaõ consultar, do que inferiaõ que as suas respostas nada valiaõ, visto que por nada as dava. Estas razões tinhaõ impedido a Zeila de recorrer a ella, ainda que mais de huma vez se tinha lembrado disso; porém não sabendo o que fizesse nos oito dias da ausencia de seu marido, resolveo-se a procurar a velha, e descobrir-lhe o seu coração.

Vivia a velha nos arrabaldes de Ispahan, perto dos jardins de Zurfa, e para ali se encaminhou Zeila logo que anoiteceo, embrulhada em hum denso véo, e acompanhada de huma unica escrava. Fizeraõ-na entrar em hum quartozinho mui decente mobiliado com todo o aceio, e se admirou de ver que a velha não tinha, nem nas suas feições, nem no seu trajo, nada que lhe causasse espanto, como ella receava. Conheceo isto mesmo a velha, e aproveitou-se de taõ feliz conjunctura para ganhar por meio de perguntas carinhosas a confiança da afflicta dama. E Zeila, não sem rubor, lhe revelou a causa das

suas penas, dizendo-lhe : « Mui digna sou de lastima : tendo por marido hum homem, que tem excellentes qualidades, vejo que me faz desgraçada, pois sendo dotado da maior bondade, parece-me que não tem todo o brilho que eu desejaria nelle. O seu character, sempre igual, chega a causar-me tédio, porque jámais sobresahe aos demais homens. E por tanto nunca ouço louvar o seu engenho, que na realidade nada tem de particular. Verdade he que goza de hum juizo recto, e que não deixa de ter certa instrucção. Porém que vale a instrucção e o juizo, quando se carece de engenho e graça? Isto he o mesmo que hum jardim sem rosas. Finalmente, amiga, vejo com magoa, que meu marido nunca fará hum papel brilhante no mundo. — Muita razão tens de queixar-te, minha filha, disse a velha. O teu he hum marido fastidioso, e não posso entender como teus pais pudéram sacrificar-te desta maneira, pois huma dama moça, formosa, e tão engraçada como tu, devia ter casado com hum homem, que á mais graciosa figura a-

juntasse o engenho mais brilhante, que compuzesse excellentes versos em teu elogio, ou que por sua classe e riquezas te fizesse sobresahir entre a gente. Queto emendar agora o erro de teus pais. Tu desejas outro marido, e ha de ser aquelle que tu mesma elegeres. — Adivinhastes. — Pois bem, minha filha, não he preciso mais que pronunciar eu huma unica palavra, para que no mesmo instante saibas a morte de Amedan. — Oh Ceos! antes eu quizerá morrer. Não, não, não comprarei a minha dita por tal preço. Amedan merece toda a minha amizade, toda a minha estimaçãõ, todo o meu agradecimento; viva elle, ainda que eu haja de ser infeliz toda a minha vida. — Não, disse a velha, elle viverá, e tu serás feliz. Porém he preciso, minha filha, que fiques comigo só huns quinze dias, e verás que a minha casa he taõ formosa, e pelo menos taõ bem mobiliada como a tua. Todos os dias pela manhã e á tarde iremos passear á praça pública, e correremos os passeios e sitios mais frequentados: em todas as

partes estaremos invisíveis, e poderás ver, ouvir, conhecer, e escolher quem mais te agradar. Quando algum mancebo te parecer bem, olharás para este espelhosinho que aqui te dou, e verás nelle o sujeito a quem deres a preferencia, tal qual será para ti dois annos depois de casada. Se esta experiencia não te dissuadir do teu casamento, cumprir-se-hão os teus desejos: elle te verá, te amará, e pedirá a tua mão. »

Dito isto, abriu a velha huma portinha secreta, e introduzio Zeila em huns magnificos quartos, donde avistava espaçosos jardins, cujas arvores e muros occultavaõ aos olhos do público taõ deliciosa habitação; e notando Zeila tanta opulencia, não duvidou do poder e da sinceridade da encantadora.

Ansiosa no dia seguinte de fazer a experiencia do espelho, sahio muito cedo com a velha. Haveria apenas hum quarto de hora que andavaõ passeando na praça do Atmeidan, quando víraõ passar diante de si hum moço de elegante estatura, formoso e airoso. Reparáraõ que tinha a mais linda cara, taõ

branco como a açucena, e suas faces encarnadas e frescas como a rosa, barbas tão negras como o ébano, e dentes tão brancos como o marfim. O seu traço realçava ainda mais a sua formosura, pois era não menos rico que airoso. Não pôde Zeila deixar de o comparar com a singeleza e uniformidade de Amedan, e louvou á velha a graça e merecimento daquelle moço, dizendo-lhe que assim he que desejaria ter hum marido.

« Pois bem, respondeo a velha: olha agora para o espelho. » Pega Zeila nelle, abre-o, e vê aquelle formoso moço qual o veria dois annos depois de casada. « Amiga! exclamou admirada, olha, tem orelhas de burro: orelhas de burro! que lástima! tão lindo moço! como não dei logo por isto? — Minha filha, he porque dois annos depois de casada verás as cousas como ellas realmente são. As orelhas de hum marido não crescem, porém dois annos depois de casada, se as tem compridas, descobrem-se muito bem. »

A cada lindo moço que Zeila vê passar, acode logo ao espelho, e fica

R

pasmada do grande numero de orelhas de burro que vai encontrando. « He desgraça fatal, diz ella á velha, que tantos moços formosos tenhaõ taõ estranho e ridiculo defeito. Será pois possível que hum homem naõ possa ter ao mesmo tempo hum corpo formoso e hum florido engenho? — Naõ digo tal, minha filha; porém saõ poucos os bons moços, e ainda em menos numero os homiens de talento, e por tanto naõ devemos admirar-nos de que seja em extremo rara a reuniaõ da formosura e do entendimento. »

A pobre Zeila quasi que já se hia desgostando dos bons moços, quando avistou hum muito mais formoso que quantos até entaõ tinha visto. Apressasse a olhar para o espelho, e qual naõ foi a sua admiraçaõ e alegria, quando advertio que taõ formoso moço naõ tinha orelhas de burro como os demais! Vio-o deitado mollemente em hum sofá, contemplando attentamente outro moço que se lhe parecia como duas gotas de agua: olhava para elle com amor e orgulho. Naquelle mesmo instan-



te se chegou a elle huma mulher formosa, em tudo parecida com Zeila, e parecia que lhe falava com ternura, procurando interessa-lo com as suas expressões e graças. Porém aquelle ingrato mostrava-se insensivel a tantos attractivos: apenas se dignava olhar para ella; taõ occupado estava com aquelle idolosinho, que parecia roubar-lhe todo o seu affecto. O que visto por Zeila, disse muito enfadada: « Eis-aqui hum homem muito insolente e grosseiro. He verdade que naõ tem orelhas de burro; porém nem por isso he mais amavel. — Assim he, disse a velha, e tanto me aborrece a excessiva presumpçaõ como a ignorancia. Aquelle formoso moço, para quem olha com tanta complacencia, he a sua imagem, he elle mesmo. Só a si proprio ama e admira, e despreza tudo o mais. »

Tendo Zeila desistido da idéa de casar com hum bom moço, continuou no dia seguinte os seus passeios com a velha: entráraõ em hum daquelles lugares públicos, magnificamente adornados, onde as principaes pessoas da Ci-

dade se reúnem a tomar neve. Víraõ ali hum corro de gente que escutava e applaudia a certo orador, que falava em voz alta, com muita enfase, com grande volubilidade de lingua, e fazendo muitos gestos. Escutava-o Zeila com naõ menos interesse, vendo o effeito que produzia em taõ numeroso auditorio, pois ouvia de todos os lados da sala repetir estas exclamações: « Que cousa taõ excellent! que talento! que engenho! — Ahi tens o marido que te convém, disse a velha, pois he hum homem de engenho brilhante, e de talento superior: observa quanto o admiraõ. Que dita a de, o ter por marido! » Porém Zeila olhou para o maravilhoso espelho, e vio nelle aquelle grande homem, que contemplava attentamente hum figurinha monstruosa, que naõ tinha pés nem cabeça. Estava absorto admirando-a, sem poder apartar os olhos della. Huma mulher moça tambem muito parecida com Zeila, fazia diligencias por distrahi-lo de taõ ridicula occupação; porém elle enfadado a apartava de si, e tornava sempre a acariciar

aquele monstro. “ Que cousa taõ rara ! exclamou ella , hum homem de tanto talento namorado de taõ ridiculo monstro ! — Querida filha , respondeo a velha , aquelle homem de tanto talento he hum poeta ; e aquelle monstro sem pés nem cabeça , he hum poema que acaba de compôr. Já compoz huma meia dúzia delles como este , e talvez nos regale ainda com outros vinte ; porém o ultimo he o que sempre lhe parece melhor , e o de que mais gosta. Prefere-o a tudo , e se alguém se atrevesse a dizer-lhe que aquelle monstro naõ tem pés nem cabeça , daria pulos de raiva. ” Naõ pôde Zeila deixar de dar grandes gargalhadas de riso , dizendo : “ Que nescia cegueira ! será possivel que se naõ possaõ encontrar homens de talento que naõ sejaõ poetas ? — Bem se pôdem achar , disse a velha : ha homens de talento , que naõ saõ poetas , assim como ha poetas que naõ tem talento. — Em tal caso , quero casar com hum homem de talento , que naõ faça versos. — He cousa rara , naõ obstante , disse a velha , pois nestes tempos , bons

ou máos, todos querem ser poetas. Porém vamos procurando com cuidado, e talvez nos depare a fortuna o que desejás. »

Assim o fizeraõ effectivamente durante alguns dias, e chegáraõ a encontrar hum homem de engenho brilhante, que naõ compunha poemas. Ficou Zeila no principio mui contente, pois todo Ispahan admirava aquelle homem, que era mui bem recebido em todas as partes, e até de todos era procurado á porfia. Falava de todas as cousas com o maior desembaraço; humas vezes parecia profundo, outras ligeiro, e as mais dellas engraçado e brilhante. Afeiçãoou-se muito Zeila a elle, e o quiz ter por marido; porém pareceo-lhe conveniente fazer primeiro a experiencia do espelho. Mas, que sobresalto naõ foi o della! Vio aquelle homem rodeado de huma infinidade de figurinhas mui feias, mui sujas, mui entonadas, e que faziaõ mais gestos e momos que huns macacos: humas lhe davaõ pancadas, arranhavaõ e mordiaõ, outras o afagavaõ. Todas o mandavaõ successivamente, e elle obe-

decia sem oppor-lhes a minima resistencia, pois lhes dava ouvidos como se fossem oraculos. « Que lástima, disse Zeila, e como esta maldita gente trata a hum homem de tanto talento! he possivel que se deixe governar por figurinhas taõ nescias e atrevidas? — Filha minha, responde a velha, essas figurinhas taõ atrevidas, taõ tagarelas e extravagantes, chamaõ-se *pertensões caprichosas*. A toda a parte o seguem, e elle naõ faz diligencia por afugenta-las. Crê que sempre ellas tem razaõ, e faz consistir a sua dita em dar-lhes gosto. Ellas sãõ causa de que se enfade com os seus melhores amigos, e de que tenha grangeado muitos inimigos, fazendo-se despresivel a quantos o conhecem. — Naõ quero semelhante marido, respondeo Zeila, nem ser escrava de huma duzia de mulheres de taõ desagradavel trato. Se tivesse a desgraça de escandalisar sem querer a huma só dellas, meu marido me sacrificaria á que innocentemente tivesse offendido: porém, que naõ haja hum homem que tenha hum talento brilhante, e que naõ

esteja sujeito a estes caprichos? „ Novas pesquisas, porém todas por desgraça infructuosas. Não ha dúvida que haverá em Ispahan homens, que reunaõ em si muito talento e muita modestia; porém Zeila não tem a fortuna de dar com hum só, o que a vai desgostando do desejo de casar com homens de muito engenho.

Sem embargo de tudo isto, quer hum marido que lhe contente o seu amor proprio, e que sendo celebrado ou distincto entre a mais gente, a ponha em circumstancias de fazer o brilhante papel que ella deseja. Vio hum dia descer as escadas do palacio a hum moço cortezaõ, seguido de numeroso séquito, e a quem huns falavaõ com summo respeito, e outros com a mais profunda humildade. A todos corresponde com affabilidade, e o seu ar rissonho dá annuncios de que goza da mais completa felicidade. Sentia Zeila sua inclinaçãõ a casar com aquelle grande personagem, pois dizia consigo mesma: “ Que papel taõ brilhante não deve fazer a mulher deste cortezaõ! que

magnificencia ! que pompa ! Tinha-lhe já o juizo dado volta com estas idéas, quando olhou para o seu espelho, e vio a scena inteiramente mudada. O cortezaõ, longe de estar risonho, estava pensativo : o seu olhar he inquieto e desconfiado, e aquelle que ha pouco via taõ feliz e alegre, lhe parece agora o mais triste e desgraçado dos homens. Devisa ao lado do cortezaõ huma serpente monstruosa, que tem aberta a sua disforme boca. Naõ dá o mancebo attençaõ senaõ áquelle faminto animal, e debalde faz todos os esforços para o afastar, pois quanto mais devora, mais fome tem. Chegaõ alguns amigos do cortezaõ, e os recebe do modo mais agradavel e affectuoso : offerece servi-los na apparencia com o maior desinteresse ; porém de repente, e quando elles menos o esperaõ, os arroja á serpente, que os devora sem compaixaõ. Volta entaõ o monstruoso reptil para Zeila os seus ardentes olhos, como quem tambem deseja que lhe entreguem aquella nova victima. Naõ titubea hum só instante o cortezaõ, e vai sacrificar sua mu-

lher, do mesmo modo que sacrificou os seus amigos, quando Zeila dá hum grito de horror, e aparta a sua vista do espelho fiel, que lhe representa taõ espantosos objectos. « Grande Deos! diz, he possivel que haja homens taõ malvados, que sacrifiquem taõ cruelmente os vinculos do amor e da amizade á voracidade de huma serpente! — Sim, minha querida filha, responde a velha. Este monstro sempre tem fome: infeliz daquelle que tenha tomado a resoluçaõ de o saciar! tarde ou cedo chega a devora-lo a elle mesmo. — Pois todos os cortezaõs tem huma serpente taõ faminta como esta? — Pelo menos a maior parte. — Guardar-me-hei muito de casar com hum cortezaõ. Porém naõ posso deixar de confessar-vos, que tenho os maiores desejos de ser huma Senhora de grande representaçaõ. »

Acabando de proferir estas palavras, avistou o Graõ Visir, que seguindo de hum acompanhamento immenso, passava pela rua de Scéarbach: hia montado em hum soberbo cavallo, coberto de ouro e pedras preciosas. Os escravos



e officiaes que o acompanhavaõ, estavaõ magnificamente vestidos, e a brilhante escolta ostentava toda a pompa Asiatica. Tanto mais deslumbrou isto a Zeila, quanto o Graõ Visir devia á natureza a mais bella figura de homem.

— Naõ poderia eu casar com o Graõ Visir? disse ella. — Por certo que podes, se o desejas, respondeo a velha. Porém olha primeiro para o espelho, e dize-me, logo o que te parece. — Consulta Zeila o cristal adivinho, que lhe apresenta seu marido tal qual será dahi a dois annos, e vê o Graõ Visir . . . enforcado. « Ah, grande Deos! disse ella, que objecto taõ horroroso! Naõ, naõ quero casar com o Graõ Visir. » Fez na pobre Zeila taõ forte impressaõ este ultimo successo, que pedio á velha que a conduzisse promptamente á sua habitaçaõ. Ficando ella ahi só, entregou-se ás reflexões, que taõ infructuosas experiencias deviaõ naturalmente produzir. « Que fiz eu? dizia ella; porque deixei a casa de meu marido? Pobre Amedan! Que mágoa naõ seria a delle, quando de volta da sua viagem, bus-

cassee debalde a sua querida Zeila ! Se ainda fosse tempo ! . . . Sim , conheço agora quanto vale o marido que perdi pela minha imprudencia e orgulho. A experiencia me curou do desejo de huma felicidade brilhante , e agora he que sei quanto vale a felicidade sólida , de que teria podido gozar toda a minha vida se naõ fosse a minha ridicula vaidade. Querido Amedan , se eu pudesse tornar-te a ver , tu me perdoarias hum erro momentaneo. Sim , perdoar-me-hias , pois conheço o teu coração cheio de bondade. — Sim , minha querida Zeila , eu te perdõo , exclamou de repente Amedan. » Zeila se voltou , e vio com effeito Amedan em pessoa , que a apertava em seus braços. E com isto naõ podia tornar a si do seu sobresalto. « Tu me julgavas ainda em Teflis , lhe diz seu esposo ; porém a minha viagem naõ foi taõ demorada. A velha me deo parte do que se passava , por via da escrava que te acompanhou aqui : voltei no mesmo instante , e vim habitar esta mesma casa , onde todas as noites me informavaõ das experiencias que se faziaõ

durante o dia. — Sim, disse a velha, que entrou naquelle mesmo instante; eu sabia, Zeila, que o teu coração era bom, e que só a tua cabeça he que estava achacada de tão ridicula mania. Por tanto estava segura da tua cura; porém não a teria intentado se te tivesses parecido com as pessoas, que antes me vinhaõ consultar, e que só me manifestavaõ desejos criminosos. Não necessito dos beneficios dos homens, e elles não conhecem o valor que tem os meus. ”

Talvez que a velha ainda tivesse dito mais alguma cousa, se a não tivessem interrompido Amedan, e Zeila, que não encontravaõ expressões bastante energicas para manifestar-lhe o seu agradecimento. Foi duradoura a conversação de Zeila, pois nunca mais tornou a cahir na nescia fantasia de ser mulher de hum homem brilhante. Ficou inteiramente persuadida de que Amedan possuia as unicas qualidades, que podem assegurar a felicidade de huma mulher, quaes são a bondade, a delicadeza no trato, amavel indulgencia,

( 270 )

confiança fundada na estimaçãõ, que hum terno e nobre coraçãõ tem sempre no objecto amado, e sobre tudo juizo, thesouro mais precioso, e que todos os dias se faz ainda mais raro que o talento. Em fim, Zeila estimou tanto mais as singelas e modestas qualidades de Amedan, quanto ella tinha apreendido por experiencia, que huma mulher compra quasi sempre hum marido brilhante mais caro do que elle vale. Os maridos, pela sua parte, poderaõ dizer-nos se naõ lhes succede o mesmo com as mulheres brilhantes.

F I M.

---

# INDICE.

---

|                                                                    |        |
|--------------------------------------------------------------------|--------|
| <b>I</b> NTRODUÇÃO, . . . . .                                      | Pag. 3 |
| <i>Abdelazi, ou o novo Dormente acordado,</i> . . . . .            | II     |
| <i>Amestan, e Meledin, ou a Experiencia á prova,</i> . . . . .     | 48     |
| <i>O Necessario, e o Superfluo,</i> . . . . .                      | 89     |
| <i>O Califa Almanzor, ou como se conhecem os homens,</i> . . . . . | 132    |
| <i>Os tres Cintos,</i> . . . . .                                   | 164    |
| <i>O Sitio de Amasia,</i> . . . . .                                | 197    |
| <i>Os Fisionomistas,</i> . . . . .                                 | 233    |
| <i>Amedan, e Zeila, ou os Maridos brilhantes,</i> . . . . .        | 250    |



**Liuras que se vendem em casa de ROLLAND ,  
Rua Nova dos Martyres , N. 10 , abaixo  
do Theatre de S. Carlos.**

- Amanda e Oscar , ou Historia da Fami-  
lia de Dunreath , em 8. 6 Vol.**
- Anna Grenwil , Conto Historico , pelo  
Author de *Celestina* , ou os *Esposos  
sem o serem* , em 8. 3 Vol.**
- Apologos , e Contos Orientaes ; huns pa-  
ra rir , e outros para chorar , em 12.**
- Adelia de Senange , em 8.**
- Aventuras de Telemaco , em 8.**
- Alzira , ou os Americanos , Tragedia de  
Voltaire , em 8.**
- Atreo , e Thyestes , Tragedia de Cre-  
billon , em 8.**
- Ayarento , Comedia de Moliere , em 8.**
- Amigo do Principe , e da Patria , em 8.**
- Arte de Furtar , do P. Antonio Vieira ,  
em 8.**
- Belizario , por Marmontel , em 8.**
- Bom , e Boa Lavradora , em 8. 3 Vol.**
- Cecilia de Chatenai , ou o Poder , e os En-  
cantos da Harmonia , em 8. 2 Vol.**
- Carlos , e Maria , em 8.**
- Cartas sobre as Modas , em 8.**
- Choupana India , em 12.**
- Collecçaõ de Historias , Anecdotas , Fa-  
ctos , Fabulas , Dialogos , Cartas , e  
Dramas , em 8. 3 Vol.**
- Contos Moraes , em 8.**

**S**

- Collecção de Peças importantes , em 8. 2  
Vol.
- Cid , Tragedia de Corneille , em 8.
- Caracteres da Amizade , em 8.
- Desgraças da Inconstância , em 12. 2 Vol.
- Duas Desposadas , em 8. 4 Vol.
- Dois Infelizes , em 8. 4 Vol.
- Deão de Killerine , ou Memorias do  
Conde de \*\*\* , em 8. 6 Vol.
- Despedidas ( As ultimas ) da Marechal  
de \*\*\* a seus filhos , em 8.
- Desvarios da razão , em 8. 3 Vol.
- Dous Amigos , Comedia de Beaumar-  
chais , em 8.
- Escolha das melhores Novellas , e Contos  
Moraes , escritos por Marmontel , em 8.  
8 Vol.
- Emilia de Tourville , ou os meus sete an-  
nos de perseguição , em 8. 2 Vol.
- Emma , ou a filha do desgosto , em 12. 2  
Vol.
- Etelvina , ou Historia da Baroneza de Cas-  
tle-Acre , em 8. 3 Vol.
- Elisabeth , ou os Desterrados da Siberia ,  
em 8.
- Escolha de Anecdotas , em 8.
- Elementos da Civilidade , em 8.
- Fabulas de Esopo , em 8.
- Filosophia por amor , em 12. 2 Vol.
- Gonçalo de Cordova por Florian , em 8.  
2 Vol.
- Historia das Imaginações extravagantes de  
Mr. Oufle , em 8.



- Historia de Theodasio o Grande , em 8.**  
**Historia Ecclesiastica , pelo Abbade Du-**  
**creux , em 8. 11 Vol.**  
**Historia de Carlos XII , Rei de Suecia , em**  
**8. 2 Vol.**  
**Historia Geral de Portugal por Mr. La Cle-**  
**de , em 8. 16 Vol.**  
**Historia da Virtuosa Portugueza , em 8.**  
**Historia dos Naufragios , em 8. 2 Vol.**  
**Historia galante do Joven Siciliano , em 8.**  
**4 Vol.**  
**Historia da Virtuosa , e Infeliz Clara Har-**  
**lowe , em 8. 15 Vol.**  
**Historia do Conde de Comminge , em 8.**  
**Historia de Mafoma , em 8.**  
**Historia das Revoluções de Portugal , es-**  
**crita em Francez por Vertot , e traduzi-**  
**da por Fr. Mattheus da Assumpção , em**  
**8. 2 Vol.**  
**Historia Geral de Portugal , por Damiaõ**  
**Antonio de Lemos Faria e Castro , em**  
**8. 20 Vol.**  
**Historia Romana do Dr. Goldsmith , em**  
**8. 4 Vol.**  
**Historia Universal pelo Abbade Millot , em**  
**8. 9 Vol.**  
**Homem Escrupuloso , em 8.**  
**Irma , ou as Desgraças de huma joven Or-**  
**fã , Historia India , em 8. 4 Vol.**  
**Isidoro , e Horaida , ou os Prisioneiros**  
**da Montanha , em 8. 4 Vol.**  
**Jogador , Comedia de Regnard , em 8.**

- Joanninha , ou a Engeitada Generosa , em  
8. 2 Vol.
- Luiza , ou a Cabana no Deserto , traduzida  
em Portuguez , em 8.
- Lições da Natureza , em 12. 2 Vol.
- Lyra de Diogo Bernardes , em 12.
- Laura de Anfriso , em 8.
- Livro dos Meninos , em 8.
- Maclovio e Frederico , ou as Minas do  
Tirol , em 8.
- Mil e huma Noites , em 12. 8 Vol.
- Mil e hum quarto de hora , em 12. 3 Vol.
- Mulher feliz , dependente do mundo , e da  
fortuna , em 8. 3 Vol.
- Maria , ou a Filha da desgraça , em 8.
- Mathilde de Edmonville , em 8. 2 Vol.
- Memorias Historicas e secretas sobre Napoléon  
Buonaparte , em 8. 3 Vol.
- Miscellanea Curiosa , em 8. 7 Vol.
- Medicina Domestica , pelo Dr. Buchan ,  
com as notas de Duplanil , traduzida  
por Pujol Filho , em 8. 10 Vol.
- Martyres , ou a Religião Christã em  
Triunfo , por F. A. de Chateaubriand ,  
em 8. 6 Vol.
- Novellas Novas de Florian , em 8.
- Noites d'Young , em 8. 2 Vol.
- Noites Clementinas , em 8.
- Numa Pompilio em 12. 2 Vol.
- Naufragio de Sepulveda , em 8.
- Novos Principios de Cirurgia por Legouas ,  
em 8. 2 Vol.
- Noites Romanas , em 8. 2 Vol.

- Noticia da Mythologia , em 8.**  
**Obras escolhidas do Marquez de Caraccioli , em 8. 3 Vol.**  
**Obras Poeticas de Valadares , em 8. 2 Vol.**  
**Obras de Sá de Miranda , em 8. 2 Vol.**  
**Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade , em 8.**  
**Pai de Familia , Comedia de Diderot , em 8.**  
**Paraiso Perdido , em 8. 2 Vol.**  
**Peregrinaçãõ de Christãõ , em 8.**  
**Panegyricos , e Discursos Evangelicos , em 8. 4 Vol.**  
**Paulo , e Virginia , em 8.**  
**D. Quixote de la Mancha , em 8. 6 Vol.**  
**Rimas de Manoel Mathias , em 8. 2 Vol.**  
**Rhetorica , ou Regras da Eloquencia por Gibert , em 8. 2 Vol.**  
**Reflexões sobre a vaidade dos Homens , em 8.**  
**Retrato da Morte ; com hum Dialogo entre hum Vivo , e hum Morto , em 8.**  
**Relaçãõ da Perseguiçãõ de Pio VII. por ordem de Buonaparte , em 8.**  
**Solitario , pelo Marquez d'Arincourt , em 8. 2. Vol.**  
**Serões do Palacio , em 8. 3 Vol.**  
**Sybaritas , ou os Subterraneos de Piombino , em 8. 2 Vol.**  
**Secretario Portuguez , ou Methodo de escrever Cartas por meio de huma Instrucçãõ Preliminar , por Francisco Jozé Freire , augmentado com dous Supplementos , em 8.**

- Sciencia dos Costúmes , em 8.**  
**Syntaxe Latina , em 8.**  
**Thesouro de Prégadores , em 8. 2 Vol.**  
**Tratado das Doenças Cirurgicas , e das**  
**Operações que lhes convém, por Cho-**  
**part , e Default , em 8. 3 Vol.**  
**Tratado Physico-Chimico-Medico das A-**  
**guas das Caldas da Rainha , em 8.**  
**Tratado completo de Anatomia, por Sa-**  
**batier , em 8. 6 Vol.**  
**Theatro Estrangeiro , em 8. 7 Numeros.**  
**Tratado das Obrigações da Vida Christã,**  
**em 8. 2 Vol.**  
**Univerſo Enigmatico , em 8.**  
**Viagens de Gulliver , em 8. 3 Vol.**  
**Vida , e Aventuras admiraveis de Robiſon**  
**Crusoé , em 12. 2 Vol.**  
**Vida de Marianna , ou as Aventuras da**  
**Condessa de T . . . , em 12. 4 Vol.**  
**Viagens de Antenor , em 8. 6 Vol.**  
**Vade Mecum do Medico, ou Breve Re-**  
**fumo de Medicina , em 8.**  
**Viagens de Cyro , em 12. 2 Vol.**  
**Vida , e Perseguições de Frederico , Barão**  
**de Trenck , em 8. 2 Vol.**  
**Victor , ou o Menino da Selva , em 12. 4**  
**Vol.**  
**Vida de D. João de Castro , em 8.**  
**Vida de Luiz XVI. Rei de França , em 8.**  
**2 Vol.**  
**Viajante Universal , em 8. 51 Vol.**  
**Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Marty-**  
**res. Nova edição , em 8. 2 Vol.**

Bayerische  
 Staatsbibliothek  
 München







